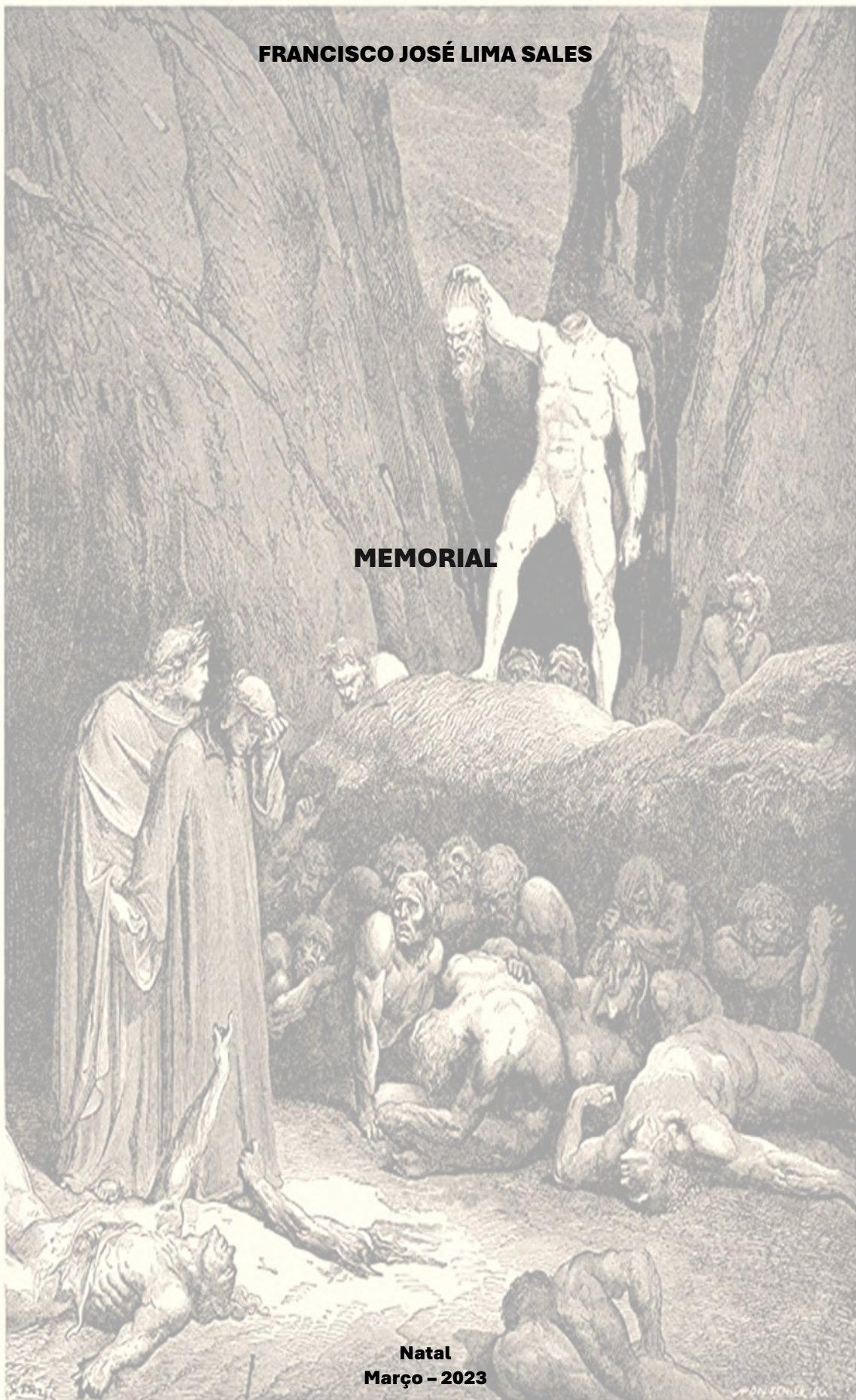


FRANCISCO JOSÉ LIMA SALES

MEMORIAL



**Natal
Março - 2023**

*Da nossa vida, em meio da jornada,
Achei-me numa selva tenebrosa,
Tendo perdido a verdadeira estrada.*

*Dizer qual era é cousa tão penosa,
Desta brava espessura a asperidade,
Que a memória a relembra inda cuidadosa.*

*Na morte há pouco mais de acerbidade;
Mas para o bem narrar lá deparado
De outras cousas que eu vi, direi verdade.¹*

¹ Primeiros versos do Canto I d'O *Inferno*, de Dante Alighieri. Esses versos compõem o cenário para a jornada do autor nas profundezas espirituais de *A Divina Comédia* – escrita entre 1304 e 1321. Eles retratam Dante em um momento de confusão espiritual, prestes a embarcar em uma viagem, com o poeta romano Virgílio, pelos três reinos além-túmulo: o Inferno, o Purgatório e o Paraíso em busca da sua redenção. Composta por 34 cantos, cada um com aproximadamente 140 versos, a *Divina Comédia* é uma alegoria da experiência humana. Inspirado por essa narrativa, busquei minha redenção ao compartilhar minha própria "descida ao inferno", que foi a minha experiência na UFMA.

Reconheço que todas as pessoas aqui mencionadas merecem ser homenageadas neste memorial. No entanto, diante da impossibilidade de dedicar este espaço individualmente a cada uma delas, escolhi minha esposa, Ana Patrícia Dias Sales, para representá-las. Afinal, os melhores momentos que vivi foram aqueles ao lado dela. Sua presença constante, em todas as ocasiões — da academia ao amor —, tornou-se um alicerce fundamental em minha vida.

SUMÁRIO

1	AVISO AOS NAVEGANTES	5
2	PEQUENO RETROSPECTO DA MINHA VIDA ESCOLAR	13
2.1	Breve Jornada pela História da Educação Brasileira	13
2.2	A entrada na universidade: do taylorismo-fordismo ao <i>tubinismo</i> ...	16
2.3	A greve dos estudantes na universidade do gás engarrafado	19
2.4	Fim de um ciclo: o adeus à graduação	26
3	PASSOS INICIAIS RUMO À EDUCAÇÃO SUPERIOR	28
3.1	Atuação como profissional da educação pública no Mato Grosso ..	30
3.2	A chegada em São Luís–MA	33
3.3	O CEMES: a primeira vez a gente nunca esquece	34
3.4	O regresso à linda São Luís	37
3.5	O amadurecimento intelectual no Mestrado em Educação	38
3.6	O término do mestrado: e agora José	43
3.7	Triste fim de um sonho abortado: José, e agora?.....	45
3.8	Faço ou não faço? Eis a questão	49
4	DA UNIVERSIDADE DO BACANGA À DESCIDA AO INFERNO	52
4.1	Primeiras aproximações como docente na UFMA	53
4.2	Enfim, o encontro com a sala de aula, mas até quando?	55
4.3	A chegada na UFRN e a formação continuada no doutorado	59
4.4	O regresso a Natal	63
5	DE VOLTA À CAVERNA DO DRAGÃO	66
5.1	Introdução	67
5.2	Cuidado com os canibais: eles estão na sala de jantar	70
5.3	A universidade do cansaço	76
5.4	Considerações finais	81
5.5	Resposta ao tempo: tardou, mas não faltou!	82
5.6	Que xow da Xuxa é esse?	83
6	A CHEGADA NO PURGATÓRIO: A EXPERIÊNCIA NA UFC	86
6.1	Se o começo foi assim, o que esperar do purgatório?	88
6.2	A volta a sala de aula	89
6.3	Debutando na pós-graduação <i>strictu senso</i> na UFC: o PPGE	91
6.4	A mudança definitiva para a UFC	93
6.5	E tudo mudou novamente	94
6.6	O último agouro do triunvirato de <i>Macbeth</i>	97

7	A UFERSA EM ANGICOS: A ENTRADA NO PARAÍSO?	98
7.1	Durante a pandemia, a boa nova	98
7.2	A retomada da vida acadêmica na UFERSA	101
8	O OUTRO LADO DA MOEDA: O PRODUTIVISMO ACADÊMICO	102
8.1	O produtivismo como critério para a ascensão na carreira	102
8.2	Atuação profissional na UFMA	105
8.3	Atuação profissional na UFC	106
8.4	Atuação profissional na UFERSA	108
9	DERRADEIRO AVISO AOS NAVEGANTES	110
	ANEXOS	114

1 AVISO AOS NAVEGANTES

*Fiz ranger as folhas de jornal,
abrindo-lhes as pálpebras piscantes.
E logo,
de cada fronteira distante,
subiu um cheiro de pólvora,
perseguido-me até em casa.
Nestes últimos vinte anos,
nada de novo há no rugir das tempestades.
Não estamos alegres,
é certo,
mas também por que razão haveríamos de ficar tristes?
O mar da história é agitado.
As ameaças e as guerras havemos de atravessá-las,
rompê-las ao meio,
cortando-as como uma quilha corta as ondas.²*

A palavra "memorial" possui diversos significados que vão além da simples definição encontrada em um dicionário comum. Trazendo consigo uma essência mais profunda e autêntica, o memorial representa um registro vívido e uma lembrança duradoura que testemunha um instante específico ou a história de uma vida. Funciona como um convite à contemplação e se destaca como um marco na memória.

Em situações mais solenes ou acadêmicas formais essa expressão é considerada muito importante e possui significados específicos vinculados a ela. Nessa situação, o trabalho memorialístico é descrito como um registro completo que narra o trajeto profissional de um indivíduo, mostrando suas realizações, desafios enfrentados e contribuições feitas para uma área específica do conhecimento científico.

É similar a uma pasta que acumula toda a produção acadêmica elaborada, as atividades de ensino conduzidas com estudantes e os programas de extensão universitária, junto com as experiências que moldaram a trajetória de um professor universitário.

Contudo, o memorial não se resume a ser apenas uma mera lista fria de feitos ou datas. Acima de tudo, é uma oportunidade para o autor refletir sobre sua jornada de vida até agora; absorvendo lições aprendidas ao longo do

² “E então, que quereis?” é uma criação do poeta da revolução Vladimir Maiakovski, de 1927.

caminho e talvez até vislumbrando o que está por vir no futuro. Além disso, o memorial lembra uma viagem. Viagem pelas narrativas, pelas lembranças, pelas histórias e pelos devaneios do seu autor. Assim, esse memorial nada mais é do que uma viagem no tempo.

Dessa forma, o memorial serve como um espaço dedicado a narrar eventos passados com sinceridade, expressando-se por meio de palavras que lhe são familiares. Seguir adiante com o ato de escrevê-lo não só registra feitos anteriores, mas também fortalece tanto sua identidade pessoal quanto profissional – quem sabe até mesmo deixando sua marca registrada para as gerações vindouras.

Alcançar o cargo de professor titular em uma universidade pública é visto como um momento marcante na carreira acadêmica de alguém. Por consequência, a progressão funcional para professor titular, culminância da carreira docente em uma instituição de ensino superior, pode ser compreendida como um verdadeiro rito de passagem.

Assim como os antigos rituais marcavam a transição de uma fase da vida para outra, chegar à categoria mais elevada da carreira docente universitária, que é a de professor titular, simboliza a conclusão de um ciclo e o início – ou a finalização – de uma nova etapa profissional. Longe de ser apenas um reconhecimento das contribuições de um docente para a comunidade acadêmica, este memorial se configura como um espaço de reflexão e um acerto de contas pessoal com o percurso trilhado.

Logo, esta viagem no tempo é o momento para eu refletir sobre as escolhas que fiz e os desafios que enfrentei ao longo da minha trajetória profissional. Isso inclui não apenas os obstáculos e contratempos que vivi durante minha passagem pela universidade, especialmente na Universidade Federal do Maranhão, mas também as dificuldades acadêmicas típicas desse período de formação.

Entre esses desafios, encontram-se também as dificuldades interpessoais que, infelizmente, marcaram momentos significativos dessa jornada, como as perseguições perpetradas por colegas de departamento. Este memorial atesta o significado profundo dessa jornada, apesar dos inúmeros dissabores encontrados. Logo, essas experiências moldaram quem sou hoje e me ensinaram muito sobre a importância de falar sobre nossas vivências e de

como a convivência entre pares é algo que pode impactar a vida das pessoas no ambiente laboral.

Ainda que o termo "resiliência" não pareça apropriado para nominar minha resistência a determinadas experiências – muitas delas dolorosas – é inegável que minha trajetória na universidade pública foi marcada, pelo menos em boa parte dela, por uma persistente resistência.

Longe de uma simples capacidade de "voltar ao estado original" após adversidades, essa resistência não se limitou a uma mera capacidade de "superar e seguir em frente". O que vivenciei foi uma luta constante para manter meus princípios e minha saúde mental³ e emocional⁴ em face de inúmeros conflitos e que afetaram significativamente minha vida pessoal.

Logo, este memorial não seguirá o rigor formal de um texto acadêmico, caracterizado pela impessoalidade. Além disso, considero que a escrita de um memorial não exige regras fixas, pois cada pessoa tem seu próprio estilo e linguagem. Parto do princípio de que os registros aqui produzidos não eliminam o envolvimento entre emoção e razão, subjetividade e objetividade, contidos na contingência e na singularidade.

Na realidade, este memorial alternará entre momentos mais informais e outros mais formais, embora o caráter informal, escrito em primeira pessoa, como se estivesse se dirigindo a um amigo de longa data, apareça com maior frequência ao longo do texto.

Muito menos se apresentará como um relato biográfico, mas sim como um mosaico de momentos que marcaram minha trajetória. Será, como mencionado antes, como compor uma carta para um amigo, na qual tentarei mostrar a euforia de meus primeiros passos como docente, bem como as angústias e os dilemas que me acompanham hoje na complexidade do ambiente universitário.

³ A saúde mental abrange os aspectos biológicos, psicológicos e sociais que influenciam nosso bem-estar emocional. Fatores como genética, neurotransmissores e experiências de vida podem desencadear reações químicas no cérebro que levam a transtornos mentais. A saúde mental é um delicado equilíbrio que, quando perturbado, pode manifestar-se em sintomas como ansiedade e depressão.

⁴ A saúde emocional está intrinsecamente ligada à saúde mental e refere-se à nossa capacidade de reconhecer, entender e gerenciar nossas emoções. Ela é moldada por nossas experiências de vida e pelas relações que estabelecemos. As emoções são parte natural da experiência humana e variam ao longo do tempo, entre estados como alegria, tristeza, raiva e medo.

Outro ponto crucial a ressaltar é que este memorial não se limita a um mero documento formal para fins de progressão funcional. Ele representa, sobretudo, um registro das relações que moldaram minha trajetória acadêmica. Assim como a sexta tese de Marx sobre Feuerbach, ele evidencia a centralidade das interações sociais na constituição dos indivíduos.

Portanto, este registro se apresenta como um conjunto de conexões estabelecidas entre mim, como autor que escreve e elabora, e o grupo que, de forma direta ou indireta, no passado ou no presente, partilhou comigo seus saberes, sua empatia, seu bom senso, seu carinho, sua amizade e suas vivências. Nesse sentido, quero expressar minha gratidão a todas as pessoas que contribuíram de alguma forma, direta ou indiretamente, para o meu crescimento pessoal e profissional e tornaram possível a criação deste registro.

Assim sendo, este texto mostra não apenas minha vivência na universidade pública, mas também as relações significativas que moldaram meu crescimento pessoal e acadêmico. Por isso, desejo expressar minha gratidão especialmente àqueles que me deram suporte diretamente ao longo desta jornada, assim como a todos os outros que, porventura, não tenham sido mencionados individualmente – seja por esquecimento, descuido ou até mesmo por ingratidão – mas que, de alguma forma, contribuíram para esta trajetória até aqui alcançada.

Aos meus pais, Mariano Sales (in memoriam) e Raimunda Lima, agradeço pelos esforços e sacrifícios que me permitiram trilhar este caminho e chegar até aqui.

Aos companheiros e companheiras do Movimento Estudantil (ME), os "tribuneiros"⁵ da UNIFOR e da UFC: Ana Lúcia, John Kennedy de Araújo, Robert Burns de Oliveira, Campelo Costa Jr., Fernando Fernandes, Sinval Diogenes, Newton e Ricardo Albuquerque, Volnia Assis, as duas Fernandas (da administração e a da enfermagem), Mártir Silva e Neyla Menezes.

⁵ "Tribuneiro" era o termo usado por outras correntes políticas do movimento estudantil para se referir aos militantes do PCdoB. O nome remetia ao jornal *Tribuna da Luta Operária*, organizado pelo Partido, que desempenhou um papel importante na resistência à ditadura. A *Tribuna* era a voz democrática, popular e comunista que chegava aos brasileiros, sendo distribuída e vendida em universidades, praças, portas de fábricas, bancas de jornal, sindicatos e entidades populares e de trabalhadores. Assim, "tribuneiro" era como se chamava quem vendia o jornal.

Aos camaradas do Partido: Gilvan Paiva, Luís Carlos Paes, Carlos Augusto Diógenes (Patinhas), Chico Lopes, Inácio Arruda, Marize Lira Bezerra (in memoriam), Terezinha Braga Monte, Flavio Arruda e Roberto Burguês.

Em especial, homenagem Gilse Cosenza Avelar (in memoriam), um aço em flor. Sem sua existência, talvez este memorial não existisse. Gilse foi uma das responsáveis pela tarefa dada por Pedro Pomar (in memoriam) de reorganizar o Partido Comunista do Brasil (PCdoB) no Ceará, junto com Abel Rodrigues (seu ex-companheiro) e Benedito Bezerril. Foi pelo Partido que revolucionei meu modo de pensar.

Aos amigos e amigas do CEMES Luminoso, como ficou conhecido o curso, menciono Meire Mulher, Luís Pazzini, Ribamar Sá, Vichê, Ludmila, Maria José e o peruano Miguel (não lembro se esse era mesmo seu nome), cuja presença nos permitiu fazer a analogia com o grupo guerrilheiro peruano Sendero Luminoso⁶.

Um agradecimento coletivo aos "velhos" amigos do peito: Paula Albuquerque, Mauri de Carvalho, Joaquim de Sousa (in memoriam), Vinicius Ruas (in memoriam), Tarcísio Ferreira, Elisabeth Dutra, Maria José Cardozo, Conceição Raposo, Vespasiano da Hora (Vespa), Ludmila Lago, Jacinta da Silva (Preta), Altemar Lima, José Carlos Araújo, Vicente Calderoni (Vichê), Adriano Maia e Paula Moraes. Com amizade, afeto, companhia, solidariedade e desafios políticos e acadêmicos, todos fizeram parte dessa trajetória.

Aos ex-educadores (os "nicróbios") da Escola de Formação Sindical da Central Única dos Trabalhadores no Nordeste: Acrísio, Danilson, Cláudia, Edneuza, Eveline, Flávio, Izabel, João de Deus, Marize, Mércia, Rejane e Sonia. Pela combatividade, irreverência e firmeza política, eles entraram para a história – embora anônima – dos que lutam e sofrem, mas que continuam de pé, convictos da necessidade de construir um novo mundo.

Aos amigos e amigas que formaram o Grupo de Estudos do Trabalho (GET), em especial Marconi Gomes, Henrique Wellen, Zeu Palmeira, Francisco

⁶ O Sendero Luminoso foi uma das muitas dissidências do Partido Comunista do Peru, resultante da luta interna entre maoístas (PC Chinês) e kruschevistas (PCUS). O nome Sendero Luminoso refere-se a uma frase de Mariátegui: "o marxismo-leninismo é o sendeiro luminoso do futuro." Essa organização de inspiração maoísta foi fundada no início dos anos 1960 por estudantes e professores de universidades peruanas.

das Chagas (Chaguinha) e Ricélia Marinho: intelectuais que não se renderam à mesmice desse “Butantã” reacionário que é a universidade.

Aos amigos do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Educação: Raimundo (Rái), Zé Lucena e Zé Carlos Silva, por compartilharem ideias e pelas longas discussões sobre universidade, conjuntura política e amenidades em mesas de bar.

Aos professores que muito me ensinaram lições de responsabilidade e compromisso com a educação: em especial as professoras e os professores doutores Conceição Raposo, Franci Cardoso, Maria Doninha de Almeida (in memoriam), Antônio Cabral Netto, Eleonora Tinoco e José Willington Germano.

À cantora, compositora, escritora e poetisa Maria Elisa Cantanhede Lago Braga Borges, ou simplesmente Elisa, ex-pró-reitora de Pessoal da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), agradeço por ser uma pessoa fundamental para que eu estivesse narrando minha história neste memorial.

Ao reitor da UFMA, professor Natalino Salgado Filho, sem o seu consentimento, eu não teria sido redistribuído para a Universidade Federal do Ceará (UFC).

Ao Fernando Magalhães, ex-presidente estadual da Central Única dos Trabalhadores no Maranhão (CUT-MA), agradeço por ter se disposto a contatar o ex-deputado federal Washington Oliveira, do PT do Maranhão, para encaminhar o número do processo de remoção que estava parado no então Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão (MPOG).

Agradeço igualmente ao ex-deputado Washington Oliveira por ter atendido a esse pedido, mesmo não se tratando de uma demanda diretamente ligada à sua atuação parlamentar.

Agradeço ao professor Moacir Feitosa pela confiança demonstrada em mim durante minha passagem na SEMED.

Ao Júnior Aquino, o Pai Júnior, amigo e fonte de conforto espiritual para um comunista ateu.

Agradeço ao Fernando Henrique Monteiro Carvalho, ex-Superintendente de Recursos Humanos da UFC, pela recepção e apoio quando da minha chegada na UFC.

Ao professor Eneas Arrais Neto, grande alvinegro, amigo e colega do Departamento de Estudos Especializados (DEE), agradeço por me acolher sem questionamentos na UFC.

À professora Vanda Magalhães Leitão, ex-chefe do DEE, agradeço pelo acolhimento fraterno após o incidente no outro departamento.

Aos professores da linha de pesquisa "Filosofia e Sociologia da Educação (FILOS)" do Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da UFC, especialmente Elenilce Gomes, Antônia Abreu de Sousa e Jerciano Feijó.

Ao Dr. Geraldo Melônio, agradeço pela compreensão, paciência e tratamento humanizado que me dispensou em São Luís. Nunca me senti abandonado pelo senhor.

À Dra. Clelma Pires Batista, a pessoa que mais me conhece por dentro, agradeço pela atenção e pelo igualmente tratamento humanizado dispensado a mim.

Ao Dr. Leonardo Maciel, agradeço pela paciência no meu acompanhamento terapêutico nos últimos anos.

Por fim, agradeço ao professor Magnus Gonzaga por me receber de forma empática e camarada na UFERSA. Acredito que isso se deve não apenas às nossas afinidades teóricas e metodológicas, mas também às esportivas.

Como mencionado anteriormente, este texto pessoal não se limita à narrativa da minha carreira profissional; é uma análise dos últimos vinte e três anos dedicados ao ensino superior em três universidades distintas⁷. Trata-se de uma linha do tempo na qual tentarei reconstruir minha trajetória escolar e profissional, antes e durante minha atuação como professor. Durante essa jornada repleta de obstáculos, revelarei como naveguei por calmarias e mares turbulentos, buscando maneiras de preservar minha saúde mental e emocional.

Retomando a metáfora inicial – Aviso aos navegantes –, ressalto que meu objetivo com aquele título não foi provocar, mas sim alertar os leitores sobre as turbulências da minha vida acadêmica. Assim como Maiakovski navegou por mares agitados (os da história), eu enfrentei as turbulências da universidade. De modo que, ao compartilhar minhas experiências no ambiente acadêmico,

⁷ UFMA, UFC e UFERSA representam, respectivamente, o inferno, o purgatório e o paraíso. Os adjetivos foram inspirados no poema clássico da literatura italiana *A Divina Comédia*, de Dante Alighieri.

impregnadas de angústias e dilemas, busquei, ao meu modo, tal como o poeta em relação às ameaças e às guerras, “rompê-las ao meio, cortando-as como uma quilha corta as ondas.” Por isso, ainda estou na universidade até hoje.

Pois bem, sem me preocupar excessivamente com a ordem cronológica, mas seguindo uma linha do tempo, tentarei registrar aqui o difícil caminho de resgatar um tempo que se faz presente, mas que muitas vezes se revela apenas como fragmentos de lembranças.

Ao navegar nas águas revoltas desse oceano que são minhas memórias, passarei a relatar momentos significativos – tanto positivos quanto negativos – que marcaram minha trajetória acadêmica, profissional e pessoal. Será uma viagem prospectiva com a intenção de apresentar os “feitos acadêmicos”, começando por uma trilha retrospectiva que possa levar à compreensão dos motivos e sentidos dessa trajetória.

Por último, já que uma rememoração de uma história na qual o narrador é a figura principal pode resvalar na parcialidade da seleção dos fatos, atribuindo um colorido especial àqueles de que tem maior simpatia ou negando o direito de voz a quem desmerece por antipatia ou mesmo raiva, quero deixar claro que minhas memórias não se preocuparão com esse dilema. Meu desejo é apresentar uma história peculiar, única e pouco conhecida, dado os aspectos pessoais que a caracterizam. Assim, esclareço que a contarei a partir do meu ponto de vista.

Logo, este memorial buscará revelar a soma dos fragmentos que formam minhas lembranças – ecos de um passado que o tempo ainda não levou e que, a cada instante, teimam em ressurgir, muitas vezes como sombras que me atormentam. Em alguns momentos, nessa dança de adição que é a memória, ela me permitiu resgatar um ponto perdido ao lembrar de um fato esquecido. Em outros, porque as recordações já não são completamente fiéis, certos momentos insistem em se desvanecer, independentemente da minha vontade.

Assim, este memorial não conta tudo; nem mesmo o que está registrado no documento denominado Lattes. Mas, infelizmente, a minha intenção não é essa. Contudo, tenho consciência que ali, no Lattes, estão as lembranças mais significativas para o mundo acadêmico, ou seja, o que há de mais importante para alcançar a última hierarquia acadêmica na universidade.

Um outro aviso aos navegantes: neste memorial, tentarei utilizar uma linguagem neutra, que será empregada em momentos distintos do texto para preservar a identidade das pessoas citadas – sem identificar gênero, sexualidade ou identidade – especialmente na parte relativa aos acontecimentos lamentáveis que vivi na UFMA.

Por falar nisso, essa seção será narrada como se fosse uma discussão sobre os resultados de uma pesquisa. Isso se deve ao fato de que, durante quase todo o período em que estive lá, quase nada "produtivo" foi acrescentado à minha trajetória acadêmica, aquilo que se chama de currículo Lattes.

Boa viagem!

2 PEQUENO RETROSPECTO DA MINHA VIDA ESCOLAR

Ao me deparar com o tempo transcorrido desde meu ingresso no Departamento de Educação II da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), em agosto de 2002, até o presente momento, em dezembro de 2024, somam-se longos 22 anos. Contar a história não é apenas relatar os acontecimentos passados; inclui também compreender o contexto atual e, talvez mais importante, evitar que os mesmos erros sejam novamente cometidos. Se for necessário errar, que seja de forma distinta a cada vez, sempre na tentativa de buscar acertos.

Apesar de minha jornada pessoal e escolar não se restringir aos quase 23 anos (que completarei em 1º de agosto de 2025) em que trabalho na universidade, não pretendo detalhar cada momento. A experiência de cada pessoa é única e, embora os temas fundamentais da vida sejam importantes, nem todos precisam constar no memorial acadêmico. Por isso, escolhi destacar os momentos que mais me marcaram e que foram determinantes para a minha formação profissional na universidade.

Começarei por um período em que não apenas tenho lembranças, mas também uma compreensão clara do impacto que teve na minha trajetória acadêmica. É essa história que desejo compartilhar. Assim, iniciarei este memorial com a minha vida escolar durante os governos militares.

2.1 Breve jornada pela história da educação brasileira

Enquanto mergulhava nos escritos sobre a história da educação brasileira, percebi algo fascinante: minha formação está profundamente enraizada nas reformas educacionais que ocorreram após o golpe civil-militar de 1964. Essas "inovações" no sistema educacional, como gosto de chamar, não surgiram do nada; foram moldadas por um contexto complexo e contaram com influências externas.

Naquele período, o país vivia o chamado milagre econômico, industrializando-se rapidamente e experimentando altos índices de crescimento. Ao mesmo tempo, enfrentávamos um dos governos mais repressivos da ditadura civil-militar, o de Garrastazu Médici. Como o próprio ditador defendia, o Brasil precisava de trabalhadores qualificados e, para isso, uma reforma no ensino tornava-se essencial.

O objetivo era claro: corrigir a imensa distância que separava a educação do tão alardeado desenvolvimento econômico promovido pelos governantes da época, que pareciam considerar apenas a variável econômica como critério para implementar esse novo modelo. Essa reflexão me fez entender não apenas o passado, mas também os desafios que ainda enfrentamos na busca por uma educação mais justa e inclusiva.

Como já mencionei, minha formação é resultado da reforma do ensino de 1º e 2º graus – a famosa Lei 5.692, de 11 de agosto de 1971 – e da infame reforma universitária (Lei 5.540, de 28 de novembro de 1968)⁸. A 5.692/71 buscava reformular o antigo ensino colegial para que estivesse alinhado aos desafios enfrentados pelo Ensino Superior. É importante ressaltar que essa questão refletia a dificuldade que as universidades brasileiras tinham em absorver a crescente demanda de estudantes oriundos do antigo nível de ensino.

⁸ Embora eu tenha concluído esses graus de ensino em uma instituição privada – na Organização Educacional Farias Brito, mais precisamente na unidade da Avenida Santos Dumont, que era o Colégio São João –, toda a minha formação anterior à 8ª série do 1º grau foi realizada em escolas públicas. Fiz as quatro primeiras séries na Escola Profissionalizante Padre José Nilson e, depois, da 5ª até a 7ª série, na Escola Estadual Estudante João Nogueira Jucá. Ambas funcionavam nas mesmas instalações e no mesmo endereço, na Rua Coronel Manuel Jesuíno, no Mucuripe. Cópias dos certificados de conclusão desses graus de ensino estão anexadas a este memorial.

Portanto, era necessário que o grau de ensino anterior à entrada no Ensino Superior proporcionasse a formação profissional desses estudantes. Os técnicos do MEC, assessorados por agências internacionais, acreditavam que a profissionalização precoce os levaria a ingressar no mercado de trabalho, em vez de ver o ensino superior como o único caminho para conseguir uma profissão.

Em outras palavras, a estratégia dos burocratas do regime atraía investidores nacionais e internacionais que apostavam no Brasil Grande – o do milagre econômico. Afinal, uma força de trabalho minimamente instruída e qualificada era, do ponto de vista econômico, um elemento essencial para impulsionar o novo modelo de desenvolvimento implementado.

Aquele modelo era caracterizado pela crescente e diversificada industrialização, resultante da modernização dos setores industriais e comerciais. Além disso, com um nível mais elevado de escolarização (como o ensino universitário), os trabalhadores, em tese, poderiam pleitear condições salariais mais elevadas.

Enfim, a posição daqueles que viam na educação um elemento determinante para o desenvolvimento econômico e social do país, bem como na profissionalização do ensino médio – condição sine qua non para a efetivação desse desenvolvimento, embora uma cilada teórica e prática – revelou-se frustrada. Isso ocorreu porque, ao integrar a política de desvio da demanda dos cursos superiores, também não encontrou na esfera econômica uma oferta de oportunidades capaz de atender a essa procura.

Isso é tão verdadeiro que o certificado que recebi por concluir o 2º grau, que me "habilitou" profissionalmente como auxiliar de escritório, não foi suficiente para minha inserção nessa realidade metafísica⁹ que os liberais (inclusive os da educação) chamam de mercado de trabalho. Em outras palavras, a estratégia dos burocratas do regime atraía investidores nacionais e internacionais que apostavam no Brasil Grande — o do milagre econômico. Afinal, uma força de trabalho minimamente instruída e qualificada era, do ponto de vista econômico,

⁹ A palavra "metafísica", nesse contexto, tem um uso pejorativo, pois me refiro a algo destituído de sentido ou concretude, apresentando, conseqüentemente, tendências irrealistas ou ideológicas.

um elemento essencial para impulsionar o novo modelo de desenvolvimento implementado.

2.2 A entrada na universidade: do taylorismo-fordismo¹⁰ ao *tubinismo*¹¹

Já a universidade que cursei era regida pela Lei 5.540/68, e minha entrada ocorreu em um momento ímpar, repleto de expectativas quanto ao futuro do país. As classes dominantes, atentas ao recrudescimento do movimento popular que exigia o fim do regime militar e a democratização, iniciaram um processo de autorreforma do regime, exclusivamente sob o ponto de vista institucional. Esse processo resultou na chamada Nova República – uma "transição negociada" – que se constituiu na continuidade do tradicional liberal-conservadorismo característico das classes detentoras do poder no Brasil.

A reforma universitária (Lei 5.540/68) foi uma tentativa do Estado autoritário de alinhar a educação superior às demandas econômicas, políticas e ideológicas das classes dominantes. Isso resultou na imposição de critérios como eficiência e produtividade, acompanhados de patrulhamento ideológico e repressão. Assim, a universidade, que deveria servir à sociedade, acabou atendendo aos interesses dos setores mais poderosos.

Nesse contexto, a reforma não era apenas uma orientação para reformular as universidades brasileiras; na verdade, trazia regras estritas que precisavam ser seguidas. O que me chamou a atenção foi que essa reforma buscava adotar um modelo organizacional inspirado nas universidades norteamericanas, com o objetivo de propagar a lógica capitalista nessas instituições.

¹⁰ Taylorismo e fordismo foram modelos de gestão e organização industrial desenvolvidos por Frederick Winslow Taylor e Henry Ford, respectivamente, no final dos séculos XIX e XX, com o propósito de aumentar a eficiência produtiva e reduzir o tempo de produção nas indústrias automobilística e em outros setores. Na época em que entrei no curso de Administração de Empresas da UNIFOR, essas eram as principais teorias administrativas divulgadas naquele curso superior.

¹¹ O termo "tubinismo" é um neologismo, que citei sem a intenção de estabelecer uma pretensão teórica, refere-se a um pensamento que idealiza uma educação física desvinculada de suas condicionantes sociais. O termo deriva do nome de um de seus principais representantes, Manoel Gomes Tubino (1938-2008), graduado em Educação Física pela Escola de Educação Física do Exército. Esse professor teve grande influência na área, sendo o primeiro brasileiro a presidir a Fédération Internationale d'Éducation Physique (FIEP), cargo que conciliou com a função de Conselheiro Federal de Educação Física do problemático Conselho Nacional de Educação Física (CONFEF).

Isso levantou questões relevantes sobre o verdadeiro propósito da educação e como ela deveria servir à sociedade.

As alterações trazidas por essa legislação foram realmente significativas e impactaram diretamente minha experiência acadêmica. Entre elas, destacam-se a revogação da cátedra em favor do regime de tempo integral e dedicação exclusiva dos docentes, a consolidação da estrutura departamental, a divisão do curso de graduação em duas etapas distintas – ciclo básico e ciclo profissional – a implementação do sistema de créditos por disciplina e a introdução da periodicidade semestral.

O ano era 1985. Ao ingressar no curso de Administração de Empresas na Universidade de Fortaleza (UNIFOR¹²), uma instituição privada pertencente a um dos maiores grupos econômicos do país, o grupo Edson Queiroz^{13,14}, eu não conseguia compreender o processo pelo qual o Brasil passava e, conseqüentemente, as mudanças no sistema educacional, especialmente na universidade.

Aquele ano também marcou as primeiras eleições livres para prefeitos das capitais após a ditadura militar. Apesar do contexto de alheamento em que me encontrava, meu primeiro voto foi em Maria Luíza Fontenelle, candidata do Partido dos Trabalhadores (PT).

¹² A Universidade de Fortaleza (UNIFOR), vinculada à Fundação Edson Queiroz, é uma instituição de ensino superior privada – mantida pela Fundação Edson Queiroz –, localizada desde sua fundação na Avenida Washington Soares, no antigo bairro do Dendê, atualmente conhecido como Edson Queiroz. Sua criação remonta a 21 de março de 1973, durante o período mais obscuro da ditadura civil-militar, sob o governo de Garrastazu Médici. Não é por acaso que a aula inaugural dessa instituição educacional foi proferida pelo renomado “intelectual” da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAM, a maior produtora de golpistas desse país), o então ministro da Educação e um dos mais servis caudatários do regime, o Coronel da reserva Jarbas Passarinho.

¹³ É um conglomerado empresarial criado em 1951 pelo empresário Edson Queiroz, que se faz presente nos mais diversos ramos da economia do país. Atualmente transformado em uma holding, o grupo atua nos seguintes setores econômicos: **Energia**: Nacional Gás Butano, Brasil Gás Butano, Paragás; **Alimentação**: Indaiá, Minalba, São Lourenço, Petrópolis; **Bens duráveis**: Esmaltec; **Comunicação**: Sistema Verdes Mares; **Agroindústria**: Cascaju, Esperança Agropecuária e Indústria Multicarnes; **Educação**: Universidade de Fortaleza (UNIFOR), TV Unifor; **Outras**: Hipercor, Midol, Nacional Investimentos, Queiroz Comércio e Participações.

¹⁴ Aos interessados em uma análise aprofundada dos mecanismos de acumulação de riqueza da burguesia cearense, recomendo a leitura do romance “Aldeota”, de Jäder de Carvalho. Publicado em 1963, a obra apresenta um retrato contundente das práticas ilícitas, como o contrabando e a sonegação de impostos, que sustentaram a fortuna das elites cearenses. A obra, embora não mencione nomes específicos, causou grande comoção ao ser considerada uma denúncia verídica, gerando desconforto entre os grupos sociais retratados.

Algo que sempre me chamou a atenção nos discursos da então prefeita de Fortaleza, Maria Luíza Fontenelle, que também era professora do curso de Sociologia da Universidade Federal do Ceará – UFC, era sua referência à UNIFOR como a 'universidade do gás engarrafado'.

Essa expressão, segundo a própria prefeita, foi “emprestada” do sociólogo Chico de Oliveira, da Universidade de São Paulo (USP). O significado por trás dessa referência só foi esclarecido anos depois, quando tive a oportunidade de perguntar ao próprio Chico de Oliveira, durante sua visita à Universidade Federal do Maranhão para ministrar uma disciplina no Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas.

Ele me explicou que a UNIFOR, embora fosse uma fundação educacional, fazia parte do Grupo Edson Queiroz, que também comercializa gás engarrafado. Assim, uma empresa, a Ceará Gás Butano, vendia gás engarrafado – em botijões – e a outra, a UNIFOR, diplomas de ensino superior. Poderíamos afirmar ainda, fazendo uso de uma metáfora, que a UNIFOR engarrafava um saber descontextualizado e acrítico na cabeça dos seus alunos

Os meandros da vida acadêmica, especialmente por se tratar de uma universidade paga, não me esclareceram em nada. Fui parte da geração conhecida como "filhos do silêncio", que nada vê, nada ouve, nada fala e muito menos protesta. Essa situação é resultado das dificuldades impostas às liberdades democráticas e à educação no Brasil após o regime civil-militar iniciado em 1º de abril de 1964.

Em 1986, já como estudante do curso de Educação Física – que, segundo o saudoso mestre Vitor Marinho, é considerado o “ramo pobre da educação” – mesmo tendo abandonado a apologia taylorista do meu curso anterior, permaneci alheio às questões que envolviam o cenário educacional. No entanto, as contradições da realidade logo se tornaram evidentes.

A transição negociada que deu origem à Nova República não trouxe as mudanças esperadas; o desmonte das universidades públicas e o fortalecimento das instituições privadas continuavam em curso. Essa percepção se intensificou durante um movimento grevista na UNIFOR, a "universidade do gás engarrafado" – como costumava dizer Maria Luíza – que refletia a situação em outras universidades pagas.

2.3 A greve dos estudantes na universidade do gás engarrafado

*Também se chamavam sonhos
E sonhos não envelhecem
Em meio a tantos gases lacrimogêneos¹⁵*

No entanto, não foi o desmonte da universidade pública nem o favorecimento do ensino superior pago promovidos pelo Estado que me fizeram perceber essa realidade. O que realmente me despertou para a situação foi a forte repressão enfrentada pelos estudantes grevistas na Universidade de Fortaleza, perpetrada pela polícia militar. Portanto, “em meio a tantos gases lacrimogêneos” ¹⁶, aqueles momentos de luta e resistência me mostraram a importância da participação – mesmo que inicialmente confusa – no combate à repressão dentro da universidade e, conseqüentemente, ao ensino pago.

Naquele momento, o MEC agiu como uma figura histórica que lavou as mãos, deixando os estudantes – que lutavam pelo direito à educação e contra os aumentos exorbitantes – à mercê da sorte¹⁷. Foi nesse contexto que tive meu primeiro contato com o movimento estudantil.

Os representantes do DCE-UNIFOR e da UNE, ligados a organizações de esquerda como o PCdoB e o PT, organizaram a greve estudantil mais longa já registrada em uma instituição privada no Brasil – cerca de 70 dias de luta. Em meio a essa batalha pela defesa do direito de estudar, tornou-se urgente discutir o futuro da universidade.

Em meio a esse processo de repressão à greve, decidi me juntar ao Movimento Estudantil e, quase simultaneamente, a um dos partidos políticos que disputavam a hegemonia do movimento. Esses eventos me fizeram perceber que, como na canção de Milton Nascimento, é essencial cuidar da vida e do mundo ao nosso redor. A discussão, antes limitada e desconectada da realidade

¹⁵ Fragmentos da canção “Clube da Esquina 2”, de 1972; de autoria de Milton Nascimento, Lô e Marcio Borges.

¹⁶ Certa vez, o Prof. Mauri de Carvalho disse, em uma roda de amigos, que eu teria atingido a consciência de classe por meio dos cassetetes do batalhão de choque da PM do Ceará. Com cassetetes ou gases lacrimogêneos, a partir desse momento, o fato é que aderi ao movimento grevista dos estudantes da UNIFOR, minha primeira lição crítica sobre o mundo.

¹⁷ Embora o Ministério da Educação não fosse a instância responsável pela regulação do reajuste das mensalidades de escolas e universidades privadas, como não é, acreditava-se que, por a UNIFOR ser mantida por uma fundação (Fundação Educacional Edson Queiroz), o MEC poderia interceder para evitar o aumento abusivo imposto pela mantenedora daquela universidade.

social, agora se revelava parte de um problema mais amplo, refletindo a crise de um sistema político-social opressor e a necessidade de sonhar e lutar por um futuro melhor.

A greve, por ser um instrumento – segundo Lênin – de luta do mais fraco contra o mais forte – ou, mais precisamente, daquele que se sente fraco no início da luta – mostrou-se uma grande educadora para mim. Revelou a gravidade da situação e a importância da participação, mesmo que inicialmente confusa, no combate à repressão dentro do campus da UNIFOR e ao ensino pago. Além disso, evidenciou a conivência dos governos da Nova República e das instituições do Estado burguês, como o MEC, com os interesses privados.

O encerramento do movimento grevista da UNIFOR, motivada tanto pelo esgotamento das formas de luta quanto pela repressão instalada no campus, não ocorreu no mesmo local onde começou, na praça da biblioteca da universidade, mas sim no já extinto Centro de Convenções de Fortaleza, que era quase um anexo da UNIFOR, mas que pertencia ao estado do Ceará.

Após o encerramento do movimento, a reitoria da UNIFOR, utilizando o AI-5 universitário, o Decreto-Lei 477, criou uma comissão de inquérito (Portaria nº R 008/1987) contra algumas das principais lideranças estudantis do movimento, resultando na expulsão de três dos cinco processados. Foram eles: o Presidente do Diretório Central dos Estudantes da UNIFOR e aluno do curso de Engenharia Civil, John Kennedy de Araújo; o diretor da União Nacional dos Estudantes (UNE) e estudante de engenharia mecânica, Robert Burns Moreira de Oliveira e do estudante do curso de geologia, Dimas Moreira de Souza; foram também punidos com a medida de suspensão os estudantes, Adriano Roberto do Vale, o Freud, do curso de Psicologia e o Presidente do Centro Acadêmico de Ciências Sociais, o estudante José Temístocles Farias Diniz, conhecido pelo apelido de Azul.

O único aluno não atingido pelas medidas autoritárias da reitoria foi John Kennedy. Após o encerramento da greve, ele conseguiu concluir a graduação, ingressou no mestrado e, atualmente, é docente do Curso de Engenharia Civil da Universidade Federal do Ceará (UFC).

Assim, a meu ver, tanto a greve quanto os seus desdobramentos que resultaram na minha entrada no Movimento Estudantil e em um partido político foram marcos fundamentais para os acontecimentos futuros e para minha

atuação em diferentes instâncias acadêmicas e profissionais. Essas experiências sempre representarão uma valiosa escola política para seus participantes.

Durante meu tempo na UNIFOR, no curso de Educação Física (1986-1990), participei ativamente do movimento estudantil. Essa experiência me ajudou a ultrapassar as limitações das questões corporativistas da minha área¹⁸. Além disso, o contato com a visão engajada da educação física defendida pelos professores Mauri de Carvalho e Vinicius Ruas, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, e com seu Projeto Brasil-Brasis – desenvolvido com os moradores da Favela da Maré – ampliou meu horizonte intelectual.

Nesse período, conheci também os professores Tarcísio Ferreira, atualmente docente do curso de Educação Física da UFMA, e o saudoso Joaquim de Sousa (in memoriam), então diretor da Federação Brasileira das Associações de Professores de Educação Física (FBAPEF)¹⁹. Foi por meio do contato com esses educadores que percebi que os problemas considerados específicos da minha futura área de atuação eram, na verdade, questões que envolviam a educação como um todo, originadas da crise mais ampla da sociedade brasileira.

Nesse contexto, já como liderança estudantil – primeiro como presidente do Centro Acadêmico de Educação Física e, em seguida, como secretário-geral do Diretório Central dos Estudantes da UNIFOR – vivenciei um intenso acirramento nas forças políticas entre conservadores e progressistas. Durante esse período, a Assembleia Nacional Constituinte, fortalecida pelo movimento popular e sindical, garantiu no texto final da Carta Magna conquistas históricas para os trabalhadores e para os movimentos organizados de caráter popular, inclusive na educação.

Durante meu mandato como presidente do Centro Acadêmico de Educação Física²⁰, eu e o companheiro Adriano Fortes Maia, que atualmente é

¹⁸ Como costumava dizer o Prof. Vitor da Fonseca, professor catedrático aposentado da Faculdade de Motricidade Humana da Universidade de Lisboa, “quem só sabe de educação física, nada sabe de educação física”.

¹⁹ À época a FBAPEF era presidida pela Professora Celi Taffarel, atualmente, professora titular da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

²⁰ Fui presidente do Centro Acadêmico de Educação Física entre novembro de 1987 e novembro de 1988.

docente da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), organizamos a 1ª Jornada de Educação Física da UNIFOR. Esse evento recebeu apoio direto do professor Horácio Macedo, ex-reitor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e o primeiro dirigente de uma IFES escolhido e nomeado após a Nova República. Ele autorizou que a UFRJ custeasse as passagens aéreas dos expositores externos: os professores Vinicius Ferreira Ruas, Vinicius Branco e Mauri de Carvalho.

Ao final do evento, foi realizada uma assembleia estudantil que deliberou sobre a mudança do nome do Centro Acadêmico de Educação Física, passando de "XI de Agosto" para "Prof. Francisco Mauri de Carvalho Freitas". Renomear o centro acadêmico não foi apenas uma forma de homenagear o professor Mauri de Carvalho, mas também representou uma postura crítica em relação ao pensamento predominante no curso de Educação Física da UNIFOR.

Tanto Mauri quanto eu e Adriano fazíamos uma crítica radical ao direcionamento da formação profissional dos professores de Educação Física, além de incentivar uma reflexão profunda sobre as práticas pedagógicas dos futuros profissionais da área. Para nós, os conteúdos repassados no curso não tinham relação alguma com a realidade social dos setores majoritários da população brasileira. Nosso objetivo era essencialmente desafiar as convenções estabelecidas no curso e demonstrar que havia um novo modelo para a formação do profissional e o ensino da Educação Física.

Paralelamente à minha atuação no Movimento Estudantil, tive a oportunidade de me envolver, inicialmente, com o movimento organizado dos profissionais de Educação Física – que, na verdade, não era tão organizado – e, posteriormente, com o movimento sindical de categorias como bancários, metalúrgicos e trabalhadores da saúde. Esses grupos se organizavam tanto na Central Única dos Trabalhadores (CUT) quanto na Central Geral dos Trabalhadores (CGT)²¹.

²¹ A Central Única dos Trabalhadores (CUT) e a Central Geral dos Trabalhadores (CGT) são oriundas da mesma ação intersindical logo após o fim da ditadura civil-militar, a Conferência Nacional da Classe Trabalhadora (CONCLAT), realizada em agosto de 1981. Nessa conferência foi formada uma Comissão Nacional pró-CUT, que teria a tarefa de organizar uma central sindical unitária no país. Porém, divisões internas levaram esse movimento de unificação a seguir caminhos distintos. Uma corrente dos sindicalistas (hegemonizada pelo PT) se antecipou ao restante da comissão e resolveu fundar a CUT, em 1983, já as outras correntes (dentre elas o

Assim, minha inserção na luta pela conquista da direção da Associação dos Professores de Educação Física (APEF-CE), mesmo como estudante, proporcionou-me um amadurecimento significativo, ao lado de outros companheiros que compartilhavam ideias até então marginalizadas pelo pensamento conservador da ala corporativa da educação física.

Desde o início, entendíamos que o professor de Educação Física não seria uma categoria específica, mas parte de um grupo mais amplo: os profissionais da educação. Para mim e para meus companheiros – como o professor Joaquim de Sousa²², Tarcísio Ferreira, Osmar Vasconcelos e tantos outros – o professor de Educação Física integraria uma categoria que abrangeeria todos os trabalhadores da educação, desde a cozinheira até o zelador, do vigia ao diretor da escola, e dos professores de todas as áreas até os trabalhadores das equipes administrativa e pedagógica²³.

Com o amadurecimento dessa compreensão e a promulgação da Constituição de 1988, que garantiu a sindicalização dos servidores públicos em todos os níveis, iniciamos um movimento para extinguir o modelo associativo arcaico dos professores de Educação Física. Para alcançar esse objetivo e integrar os professores ao sindicato que pretendíamos criar, foi necessário afastar a velha guarda que comandava a APEF-CE e não representava adequadamente a categoria.

Assim, formamos uma chapa de oposição, chamada “Começar de Novo”²⁴, liderada pelo professor Joaquim de Sousa, para disputar as eleições da Associação. Saímos vencedores, destituindo do poder um grupo de pelegos²⁵

PCdoB), que defendiam uma unidade mais ampla do movimento sindical, formaram a CGT em 1986.

²² Embora de orientação político-partidária diferente da minha, pois o Professor Joaquim era militante do Partido da Revolução Operária (PRO), e eu, militante do PCdoB, sempre mantivemos uma convivência cordial. Afinal, éramos companheiros da mesma causa. Como dizia o saudoso Prof. Vinicius Ruas, a palavra 'companheiro', etimologicamente, significa aqueles que 'compartilham o mesmo pão'.

²³ Neste contexto, o curso de educação física era oferecido apenas por uma universidade, a UNIFOR, e na modalidade de licenciatura; o bacharelado só seria criado anos depois desse período.

²⁴ Se a memória não me falha, fiz parte da diretoria da APEF-CE como membro do conselho deliberativo. Em anexo, está a declaração da minha participação naquele conselho.

²⁵ O termo "pelego", em seu sentido denotativo, refere-se ao couro que fica junto à lã retirado da ovelha, utilizado como assento para o sujeito que monta, evitando que ele machuque o quadril ao montar, embora não elimine o peso sobre a montaria. No contexto sindical, pelego designa aquele “companheiro” que cedeu às pressões patronais ou se afastou da verdadeira luta da classe em favor dos opressores.

que atrapalhava mais do que ajudava na organização dos professores de Educação Física

Após essa primeira vitória, apoiei os companheiros ligados a outras associações, como a de supervisores, administradores e orientadores, além de dissidentes da antiga Associação dos Professores do Estado do Ceará (APEOC), que era um apêndice da Secretaria de Educação do Estado, na fundação do Sindicato dos Trabalhadores em Educação do Ceará (SINTECE).

No entanto, a unificação só ocorreu de fato em 15 de dezembro de 1991, durante o III Congresso de Unificação dos Trabalhadores em Educação do Ceará. Nesse congresso, as entidades – Associação dos Professores do Ceará (APEOC), Sindicato Unificado dos Trabalhadores em Educação do Ceará (SINTECE), Associação dos Supervisores do Ceará (ASSEEC), Associação dos Orientadores do Ceará (ASOECE) e Associação dos Professores de Educação Física do Ceará (APEF) – sob a coordenação da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE), deliberaram pela unificação, resultando na criação do Sindicato Único dos Trabalhadores em Educação do Ceará (SINDIUTE).

O Sindiate, reconhecendo a importância da unidade entre os trabalhadores, filiou-se à CUT (Central Única dos Trabalhadores), tornando-se, a partir desse momento, um imprescindível instrumento de luta para os trabalhadores em educação, incluindo os professores de Educação Física.

Minha ligação com o movimento sindical, iniciada enquanto eu era presidente do C.A. de Educação Física, continuou como membro da direção do Diretório Central dos Estudantes da UNIFOR (DCE-UNIFOR)²⁶ e não se limitou à organização dos profissionais da educação. Embora tenha participado de jornadas com bancários e "trabalhadores e trabalhadoras da castanha"²⁷, a experiência mais significativa que guardo na memória foi com o movimento operário, especialmente com os metalúrgicos da Esmaltec²⁸. Assim como a

²⁶ Gestão Voz e Raça, de novembro de 1988 a novembro de 1989.

²⁷ Tratam dos/as filiados/as ao Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Castanha de Caju, Beneficiamento de Amêndoas e Vegetais no Estado do Ceará, o SINDCASTANHA.

²⁸ O Grupo Edson Queiroz iniciou suas atividades na metalurgia com duas empresas: a Tecnomecânica Norte (Tecnorte), fabricante de recipientes para GLP, fundada em 23 de outubro de 1963, e a Estamparia e Esmaltação Nordeste (Esmaltec), fabricante de fogões para residências, fundada em dezembro do mesmo ano. A Esmaltec a partir de 2008, se tornou a líder nacional em vendas de fogões e bebedouros. Além desses produtos, atualmente, a empresa é

greve dos estudantes da UNIFOR, a greve dos metalúrgicos da Esmaltec, em 1989, foi marcada pela repressão policial.

Lembro-me de nós, estudantes dos Diretórios Centrais dos Estudantes (DCEs) das três universidades que existiam na capital do Ceará na época (UFC, UECE e UNIFOR), prestando solidariedade e participando ativamente das atividades do comando de greve dessa categoria, como os piquetes nas portas das fábricas.

Lembro ainda de levar os membros da direção do Sindicato dos Metalúrgicos do Ceará (SINDMETAL-CE), filiado à CUT-CE, e da oposição sindical (ligada à recém-criada Corrente Sindical Classista/CSC²⁹ do PCdoB) para as salas de aula da UNIFOR, onde explicavam as razões da greve e angariavam recursos para o fundo de greve.

A recepção dos estudantes a esses trabalhadores foi extremamente calorosa, pois havia uma forte identificação com o movimento devido à repressão policial. Como mencionei anteriormente, a truculência policial foi utilizada recorrentemente pela administração superior da UNIFOR para tentar conter o movimento de greve dos estudantes daquela universidade.

Para mim, à luz dos recortes dessa trajetória, o movimento estudantil, o partido político e o movimento sindical foram momentos muito mais dinâmicos, críticos e educativos do que todas as salas de aula que frequentei ao longo da vida, pois me proporcionaram um suporte teórico-prático determinante para minha formação como futuro trabalhador da educação.

produtora de bens não duráveis destinados tanto para a casa dos consumidores como para setores comerciais das empresas. Compõem uma linha completa de purificadores, bebedouros (dos quais a empresa detém a marca Gelágua), refrigeradores, fogões, cooktops, fogareiros, conservadores horizontais, cervejeiras e vitrines para bebidas, central de bebidas, expositores horizontais e recipientes para GLP.

²⁹ Fundada em 1988, a CSC surgiu como resposta à postura “hegemonista” da direção da Central Geral dos Trabalhadores (CGT), considerada autoritária e conciliatória com o governo Sarney. Desde sua fundação, a CSC sempre defendeu um sindicalismo que priorizava os interesses das classes trabalhadoras e que fosse combativo; por esse motivo, se filiou à Central Única dos Trabalhadores (CUT) em 1991. Posteriormente, em 2007, decidiu se desligar dessa central em razão do recrudescimento do “hegemonismo” da corrente majoritária, que levou à diminuição dos espaços democráticos, não garantindo mais a participação das correntes minoritárias nas decisões da central. Assim, em 2007, a CSC desempenhou um papel crucial na fundação da Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil (CTTB), central que, para a CSC, promove a aceitação das propostas políticas de todas as correntes sindicais e a luta contra o neoliberalismo.

2.4 Fim de um ciclo: o adeus à graduação

*A novidade veio dar à praia
Na qualidade rara de sereia
Metade o busto, d'uma deusa Maia
Metade um grande rabo de baleia
A novidade era o máximo do paradoxo
Estendido na areia
Alguns a desejar seus beijos de deusa
Outros a desejar seus lábios prá ceia
Ah, mundo tão desigual
Tudo é tão desigual³⁰*

Outro ponto importante durante o curso de Educação Física foi minha participação como estagiário na prática de ensino³¹, em um projeto de atividade física e recreação na comunidade São Vicente de Paula³², promovido pela Secretaria de Ação Social do estado, em 1990. Aquele estágio me colocou diante da dura realidade vivida pela maioria das crianças e adolescentes das comunidades carentes da capital do Ceará naquele momento histórico.

Minha participação no projeto me possibilitou perceber o quanto era grande a distância entre a universidade e a real situação de parte da sociedade cearense. A angústia aumentava, pois os conteúdos repassados ao longo de quatro anos no curso eram técnicos, acríticos e descontextualizados, levando-me a questionar sua validade prática naquela comunidade.

Naquela época, cheguei à conclusão de que as técnicas esportivas e as regras escolhidas a priori, por serem completamente descoladas da realidade daquela população, poderiam ser totalmente dispensáveis para aquelas crianças e adolescentes. Durante o estágio, eu e o professor Adriano Maia – que além de ser professor de Educação Física também era nutricionista – observamos a dura

³⁰ Trechos da canção “A Novidade”, criada a partir da parceria entre Gilberto Gil, Herbert Viana e Bi Ribeiro. A canção foi lançada, originalmente, no álbum *Selvagem?* gravado pelos Paralamas do Sucesso, em 1986. Nesse álbum, o Paralamas incorporou influências do reggae e do dub, refletindo a forte presença da música jamaicana, como as de Bob Marley e Jimmy Cliff, em suas composições.

³¹ Outro nome para o estágio curricular obrigatório. Declaração em anexo.

³² O projeto em que estagiei foi desenvolvido na comunidade São Vicente de Paula, um conjunto habitacional localizado no meio do “bairro nobre da cidade”, a Aldeota, situado mais precisamente na Avenida Virgílio Távora (antiga Estados Unidos). Essa área abriga um dos colégios mais tradicionais do Ceará, onde residia a maioria da burguesia e da classe média alta de Fortaleza, e atualmente é o centro financeiro e econômico da cidade.

realidade em que viviam as crianças e adolescentes daquela comunidade: o retardo estatural proveniente da longa exposição à fome.

O estudo citado anteriormente visou não apenas conhecer a realidade nutricional das crianças e jovens daquela comunidade, mas também associá-la às condições econômicas do contexto social. Essa pesquisa foi realizada no período em que se encerrava o primeiro ciclo de dominação da nova oligarquia que chegou ao poder no estado do Ceará e que o transformou na ilusão conhecida como “ilha da prosperidade”.

A “ilha da prosperidade” (ou melhor, “ilha da fantasia”) em que meu estado de origem foi transformado constituiu uma grande operação midiática para mascarar a real situação da imensa maioria da população cearense e os verdadeiros beneficiários desse modelo ideal de administração: os investidores privados.

Assim, passei a compreender que a competência técnica não seria suficiente para ajudar a população daquela comunidade a ultrapassar o senso comum e alcançar uma consciência filosófica; isso seria papel do compromisso político do educador ao auxiliar essa comunidade no combate aos fenômenos que demarcam os limites da cidadania em países capitalistas periféricos como o nosso. Somente a partir daí poderíamos coletivamente propor soluções e alternativas para enfrentar esse estado de coisas.

Enfim, o encerramento desse ciclo não significou o fim de um sonho, pois, como diz a canção de Milton Nascimento e Lô e Márcio Borges: “sonhos não envelhecem”. Por não envelhecerem, esses sonhos fazem parte de toda a minha trajetória, apesar das tempestades e das decepções que muitas vezes me fizeram fraquejar e pensar que nada valeria a pena.

Nesse sentido, a segunda metade da década de 1980 marcou significativamente minha visão de mundo. Naquela época, minha inserção em várias frentes da militância – estudantil, sindical e partidária – me possibilitou compreender as contradições de um “mundo tão desigual” (ora, “tudo é tão desigual!”) em que vivemos.

Um mundo onde poucos contemplam poeticamente o corpo de uma sereia, enquanto milhões veem essa metáfora apenas como uma ceia. Embora muitas vezes fosse verdade que a falta de domínio de um instrumental analítico robusto nos angustiasse quanto à possibilidade de transformar a realidade,

essas experiências me ensinaram que, mesmo diante das adversidades, manter a esperança é fundamental.

Relembro a epígrafe que dá início a este memorial: "Não estamos alegres, é certo, mas por que razão haveríamos de ficar tristes? O mar da história é agitado." Ao recordar o poema de Maiakovski, ênfase não apenas a importância de sonhar, mas também a necessidade de agir e lutar por um futuro melhor, mesmo quando os tempos são difíceis.

A obra de Maiakovski serve como um lembrete de que os sonhos não envelhecem (tal qual os autores da canção "Clube da Esquina 2"); eles permanecem vivos em nossos corações e mentes, impulsionando-nos a enfrentar os desafios da vida, apesar dos mares agitados e dos muitos gases lacrimogêneos.

3 PASSOS INICIAIS RUMO À EDUCAÇÃO SUPERIOR

O ano era 1990 e o começo da minha trajetória como profissional da educação se confunde com a primeira das minhas relações estáveis. Conheci minha primeira companheira³³ no mesmo dia da minha colação de grau, em junho daquele ano. Após a solenidade no ginásio Paulo Sarasate, fui à sede da APEF-CE e lá me deparei com a mulher com quem dividiria a vida pelos próximos quatro anos. Fomos, eu e ela, ao que seria meu último congresso da FBAPEF em Belém; quatro meses após esse primeiro encontro, estávamos morando juntos.

No entanto, a vida a dois requer que as pessoas sobrevivam produzindo os meios necessários para sua subsistência – como afirmavam Marx e Engels na Ideologia Alemã. A produção material da vida, até que se prove o contrário, só é possível apenas pelo trabalho; assim, já graduado em educação física e "chefe" de família, fui contratado, por coincidência pelo mesmo grupo

³³ Trata-se da professora Cássia Damiani, do Instituto de Educação Física da Universidade Federal do Ceará (IEF-UFC).

educacional³⁴ onde concluí o 1º e o 2º graus, para ministrar aulas de educação física para crianças da 1ª à 4ª série³⁵.

Nessa escola, as crianças, diferentemente daquelas da comunidade onde estagiei, não tinham a fome como horizonte cotidiano. Entretanto, o problema das aulas de educação física escolar era de outra ordem: a superlotação. O que percebi foi que a coordenação pedagógica tinha total desconhecimento sobre a importância da educação física para o público infantil.

Esse desconhecimento por parte dos educadores, especialmente dos pedagogos, era explicado por uma visão que considerava que a escola, nas séries iniciais, teria como finalidade ensinar apenas o trivial ler, escrever e contar. No entanto, o principal objetivo nessas séries deveria ser formar a personalidade da criança, ou seja, educá-la. Esse processo de educação não se limitaria apenas à mente, mas abrangeria o corpo de forma integral, valorizando a criança como criança e não como um adulto em miniatura.

Naquele estabelecimento, essa disciplina era vista como um apêndice do recreio; minhas aulas (compartilhadas com a professora Martinha Tupinambá – Fera Radical) chegavam a ter quase 100 alunos ao mesmo tempo, o que comprometia qualquer estratégia pedagógica que viesse a ser adotada, já que as aulas de educação física, sem dúvida, eram vistas como um depósito para aqueles alunos.

Quanto às condições de trabalho, além da imposição do silêncio ao corpo docente em relação às reivindicações trabalhistas – qualquer manifestação nesse sentido poderia resultar em demissão sumária – devido aos baixos salários pagos³⁶ por essa empresa de ensino, a direção frequentemente se fazia de desentendida durante as reuniões – a única instância para discutir esses assuntos –, usando as “artes e manhas” costumeiras para evitar qualquer majoração no preço da hora-aula.

³⁴ Fui professor na unidade Ari de Sá, na Avenida Senador Pompeu, 2607, no Centro, antes da separação das unidades e do fim da Organização Educacional Farias Brito. Hoje, o colégio se chama Ari de Sá Cavalcante e não está mais localizado nesse endereço.

³⁵ Na minha CTPS, consta que fui contratado como professor do 1º grau menor. Cópia da CTPS em anexo.

³⁶ À época, a empresa pagava CR\$ 121,50 (cento e vinte e um cruzeiros e cinquenta centavos) por hora-aula de 45 minutos. Em valores atualizados, CR\$ 121,50 equivaleria, hoje, a R\$ 0,0000003636363636363636. Lembro que o salário era tão irrisório que o primeiro pagamento foi gasto em uma única tarde em um shopping da capital do Ceará.

Já durante as reuniões com a coordenação pedagógica, a estratégia era protelar o atendimento das reivindicações que buscavam resolver os problemas nas salas de aula, principalmente os da Educação Física Escolar – dos alunos de 1ª até a 4ª series. Esses problemas me levaram a permanecer apenas seis meses nessa instituição privada³⁷ e, logo após meu pedido de demissão, fui morar em Cuiabá, no Mato Grosso.

3.1 Atuação como profissional da educação pública no Mato Grosso

*Aí quando eu vim de minha terra
Despedi da parentaia
Eu entrei no Mato Grosso
Dei em terras paraguaia
Lá tinha revolução
Enfrentei fortes bataia, ai, ai, ai*³⁸

Era final de fevereiro de 1991 quando, após me despedir da "parentaia", fui morar em Cuiabá, capital do Mato Grosso³⁹. Embora a decepção com o início da carreira fosse um bom motivo para essa mudança, na verdade, fui acompanhar minha companheira, que havia sido aprovada em um concurso que estava sob judice por razões que não lembro agora.

Em Cuiabá, conheci de perto uma das modalidades da educação mais negligenciadas pelo poder público: a Educação de Jovens e Adultos (EJA)⁴⁰. As turmas da EJA na escola onde passei a lecionar⁴¹ atendiam alunos que precisavam conciliar seu direito à educação com as condições reais de sua existência, pois eram trabalhadores.

³⁷ A admissão ocorreu em 01 de setembro de 1990, e a saída em 01 de março de 1991. Em tempo: Embora a Carteira de Trabalho e Previdência Social indique que saí da escola em 1º de março de 1991, não trabalhei em fevereiro desse ano, pois viajei para Cuiabá, no Mato Grosso.

³⁸ Trecho da canção "Cuitelinho", de Milton Nascimento, 1983.

³⁹ Não havia revolução nem lá nem no Paraguai, exceto a "verde", do agronegócio, que começava a despontar como um setor em forte expansão na economia brasileira.

⁴⁰ Embora a EJA tenha sido instituída legalmente pela Lei 9394, em 1996, essa modalidade é muito antiga no Brasil. Na época em que lecionei em Mato Grosso, a Secretaria Estadual de Educação oferecia o ensino de 1º grau, abrangendo da 5ª à 8ª série, no período noturno, voltado para alunos trabalhadores.

⁴¹ Fui contratado pela Secretaria de Educação do Mato Grosso para ministrar aulas livres, pois a escola onde fui lotado não dispunha, na época, de professores habilitados nas disciplinas de ciências, programa de saúde e português. No entanto, durante esse período, lecionei as disciplinas de Educação Física, Moral e Cívica e OSPB. Cópia do Diário Oficial do Mato Grosso, em anexo.

Na nova fase da minha prática no magistério, lecionei em uma escola estadual não apenas educação física, mas também os componentes curriculares Organização Social e Política do Brasil (OSPB) e Educação Moral e Cívica⁴². Esse contexto ocorreu no primeiro ano do governo Collor de Mello, quando a sociedade brasileira enfrentou uma crise econômica, política e social, além de uma crise moral.

O governo Collor, na verdade, deu continuidade ao desmonte do Estado Nacional, algo que o governo anterior (de Sarney) não teve legitimidade nem correlação de forças favorável para realizar. A estratégia de implementar o projeto neoliberal pelo então presidente da República era parte de um plano mais amplo do imperialismo norte-americano, de integrar o país aos ditames da nova ordem imperial.

Os alunos, jovens trabalhadores daquela escola, pertenciam ao contingente que vive na pobreza⁴³, uma vez que a maioria ia às aulas muitas das vezes para ter acesso à merenda escolar, que era pouco diversificada⁴⁴. O que mais me chamou a atenção foi que a imensa maioria era semianalfabeta⁴⁵. Constatei essa triste realidade ao solicitar às turmas em que lecionava a elaboração de pequenos resumos sobre o conteúdo ministrado. Os resumos eram tão mal redigidos – com erros ortográficos e gramaticais – que eu não conseguia entender o que os alunos queriam dizer.

Mas a maior surpresa foi quando levei os resumos das quatro turmas – da 5ª a 8ª séries – em que era professor para mostrar à direção da escola. Nunca esquecerei aquele dia e muito menos o que ela disse: “Professor, o senhor está preocupado com isso? Os alunos do ‘noturno’ são assim mesmo. Não se interessam em aprender e não há nada que se possa fazer”. Após essa fala da

⁴² Considerando que os conteúdos ensinados aos estudantes por meio dos livros didáticos são determinados de acordo com o cenário político, econômico e social de uma época, a introdução no currículo escolar das disciplinas de OSPB e Moral e Cívica se explica pela intenção que o governo civil-militar tinha de influenciar o comportamento e persuadir a população sobre as vantagens do regime militar.

⁴³ À época, segundo o IBGE, aqueles que ganhavam até um salário-mínimo.

⁴⁴ O cardápio servido, pelo menos durante o tempo em que lecionei nessa escola, era o mesmo todos os dias: arroz branco com almôndegas. Certa vez, a senhora que era a responsável por fazer a merenda, que agora não lembro o nome, me chamou no canto e disse: “Professor, hoje eu tenho algo especial para o senhor”. O “algo especial” era um ovo frito, mas fiquei muito agradecido.

⁴⁵ Alguém semianalfabeto é uma pessoa que não foi totalmente alfabetizada; ou seja, encontra-se entre o analfabetismo completo e a plena alfabetização.

responsável pela escola, me senti frustrado e sem saber o que fazer; afinal, não era especialista em letramento, muito menos em alfabetização de adultos, dada minha formação em educação física e não em pedagogia.

No entanto, por não concordar com a ideia corrente – como a da diretora da escola – que atribui a culpa pelo fracasso escolar aos alunos ou ao professorado precarizado, aviltado pelos baixos salários e pelas péssimas condições de trabalho, minha intervenção durante as aulas de educação física – inviabilizadas pela falta de espaço apropriado e material didático específico para a prática de iniciação desportiva, assim como nos conteúdos – de OSPB e Educação Moral e Cívica, visou instrumentalizá-las para que os alunos tivessem consciência dessa situação.

Por meio de uma relação dialógica com os discentes, passei a discutir tanto fatos internos quanto externos ao espaço escolar – como o tipo de sociedade em que vivíamos – para identificarmos juntos as causas do fracasso escolar e apontarmos soluções para esse fenômeno.

Mas não tive tempo suficiente para ver o resultado dessas discussões, uma vez que dado o indeferimento do pedido de reconsideração quanto ao concurso da minha companheira, nós resolvemos voltar não mais para a capital do Ceará, mas para Natal, no Rio Grande do Norte, pois era nessa cidade que ela morava antes de nos conhecer e decidimos tentar recomeçar por lá.

Durante nossa permanência em Natal, por aproximadamente um ano, fomos avisados por um amigo – o professor Tarcísio Ferreira, que na época era chefe do Departamento de Educação Física da UFMA – de que a reitoria da universidade havia publicado um edital disponibilizando quatro vagas para concurso na área de educação física. Minha companheira e eu, junto com amigos como Adriano Maia e Mauri de Carvalho, decidimos nos submeter a esse concurso.

3.2 A chegada em São Luís-MA⁴⁶

*Que ilha bela que linda tela conheci
 Todo molejo todo chamego coisa de negro que mora ali
 Se é salsa ou rumba balanço a bunda meu boi
 Deus te conserve regado a reggae - iô iô iô iô
 Que a gente segue regado a reggae - iô iô iô iô
 Quero juçara que é fruta rara lambuza a cara e lembra você
 E a catuaba pela calçada na madrugada até o amanhecer
 Na lua cheia Ponta D'areia minha sereia dança feliz
 E brilham sobrados, brilham telhados da minha linda São Luís⁴⁷*

A minha ida e posterior fixação de residência na capital do Maranhão, a “ilha bela” da canção de Carlinhos Veloz, ocorreu inicialmente pela intenção de realizar o concurso para o curso de educação física, da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Após o fracasso dessa tentativa, mas por questões pessoais relacionadas à minha relação estável com a companheira – que foi bem-sucedida no concurso – decidi ficar.

A princípio, a adaptação àquele lugar foi muito difícil, confesso, pois eu era completamente alheio à cultura local e meu círculo de amizades se resumia aos conterrâneos que passaram no concurso e fixaram residência lá. Eu não conhecia nada de São Luís, exceto pela referência ao estilo musical pelo qual a cidade era conhecida: o reggae, mais precisamente o estilo roots, popularizado mundialmente pelo cantor jamaicano Bob Marley.

Aos poucos, fui conhecendo os sobrados e telhados daquela linda São Luís. A impressão inicial – natural para quem chega a um lugar desconhecido – foi mudando; aquela cidade, inicialmente tão estranha, passou a ser acolhedora. Conheci o que Veloz chamava de 'lambuzar a cara', a juçara – nome local do que se conhece como açaí – e a catuaba na calçada da feira das tulhas ou

⁴⁶ São Luís é conhecida por ter uma das populações mais negras do país; de acordo com o Censo do IBGE de 2010, o percentual de pessoas pretas ou pardas chega a 69,62%. Além disso, sua cultura é rica em manifestações como o bumba-meu-boi, o tambor de crioula e ritmos musicais como o reggae, fazendo da cidade um lugar culturalmente diversificado. A gastronomia local também se destaca por pratos típicos como o cuxá, o arroz de cuxá, o peixe pedra e a torta de camarão. A cidade de São Luís é reconhecida por sua importância cultural ao manter intactos os traços urbanos do século XVII e sua arquitetura original distinta. Há aproximadamente quatro mil prédios históricos na cidade que foram preservados ao longo dos anos, incluindo solares imponentes de um ou mais andares e casas térreas simples.

⁴⁷ Estrofes da canção “Ilha Bela”, de Carlinhos Veloz, de 1992.

mercado da Praia Grande, como é conhecido aquele espaço tão acolhedor, no centro histórico de São Luís, conhecido como Projeto Reviver⁴⁸.

Embora meu círculo de amizades tenha se ampliado inicialmente devido ao emprego que consegui por intermédio de Paula Albuquerque de Almeida — esposa do professor e amigo Mauri de Carvalho — na recém-criada Secretaria de Indústria e Comércio do Maranhão (restituída pelo governo Edson Lobão), sob a gestão do secretário Paulo Lustosa, um político cearense pouco bem-sucedido em seu estado natal e ligado aos "coronéis" do Ceará, como César Carls, Virgílio Távora e Adauto Bezerra, foi com a aprovação no Curso de Especialização em Metodologia do Ensino Superior (CEMES) na UFMA que esse círculo se expandiu de forma significativa.

3.3 O CEMES: a primeira vez a gente nunca esquece⁴⁹

O Curso de Especialização em Metodologia do Ensino Superior (CEMES), como a seção acima indica, foi minha primeira experiência, como discente, em uma universidade pública. Como tudo que se faz pela primeira vez e nos traz satisfação, essa experiência é inesquecível. Naquela época, a universidade enfrentava as consequências do projeto neoliberal do governo Collor, que tentava sacramentar o desmonte do ensino superior público, visando sua privatização. Esse intento tornava-se evidente à medida que os cursos de especialização passaram a cobrar mensalidades dos alunos matriculados, o que era necessário para seu funcionamento e para o pagamento do pró-labore dos professores⁵⁰.

⁴⁸ O Projeto Reviver foi uma iniciativa destinada à revitalização do Centro Histórico de São Luís, no Maranhão, criado em 1989 por Eptácio Cafeteira, governador do estado. O objetivo do projeto era restaurar o patrimônio arquitetônico e cultural do centro histórico da cidade de São Luís, além de atrair novos moradores. Atualmente, o Centro Histórico de São Luís é reconhecido como Patrimônio Cultural da Humanidade, destacando-se pela sua arquitetura de influência portuguesa.

⁴⁹ Essa última frase é uma variação de um antigo comercial de sutiã de 1987. Originalmente, a frase era 'o primeiro sutiã a gente nunca esquece', que, para seu criador, o já falecido Washington Olivetto, significava 'a transição da personagem de menina à mulher, momento em que a vaidade certamente desabrocha' e 'o deslumbramento da menina ao ganhar seu primeiro sutiã'. Mudando o que deve ser mudado, essa frase significava para mim a transição da universidade privada para uma pública, momento em que o orgulho por passar numa seleção em uma universidade pública aparece como um momento de júbilo.

⁵⁰ As horas-aulas ministradas nas disciplinas pelos docentes participantes dos cursos de pós-graduação *latu sensu* não faziam parte da sua carga horária nos departamentos, o que é uma

Foi durante o período em que cursei o CEMES⁵¹ que conheci outras pessoas e fiz grandes amizades, como as de Maria José Cardozo e Ludmila Lago. Ademais, conheci Meire Ferreira (Meire Mulher), Ribamar Sá Silva (Sá), Luís Pazzini (in memoriam) e Vicente Calderoni Filho (Vichê)⁵², todos professores da UFMA⁵³. Também foi durante o CEMES que conheci grandes educadoras/es, como as professoras Conceição Raposo, Lucinete Marques Lima e Lilian Saldanha, além do meu conterrâneo, o professor cearense Roberto Mauro Gurgel.

Destaco que essa especialização foi fundamental para meu amadurecimento intelectual, especialmente nos aspectos pedagógicos e metodológicos. No entanto, apesar do viés progressista do curso, é importante ressaltar suas limitações políticas, uma vez que não abordou de forma incisiva os problemas que afetavam tanto a sociedade quanto a universidade brasileira.

Sublinho ainda que a monografia que apresentei como conclusão de curso foi fruto da conjuntura que marcou aquele momento histórico, pois o discurso do pluralismo de ideias na UFMA se mostrou uma falácia. Assim, optei por fundamentar minha pesquisa nas discussões que mantinha na época com os professores do DEF/UFMA – Mauri de Carvalho, Adriano Maia, Tarcísio Ferreira, Vicente Calderoni Filho (meu colega no CEMES) e Cássia Damiani – sobre os acontecimentos naquela IFES.

contradição, uma vez que a especialização é uma atividade de ensino e o CEMES, por exemplo, era ofertado pelos Departamentos de Educação I e II, do Centro de Ciências Sociais da UFMA.

⁵¹ Uma das melhores recordações que trago desse curso foi durante a disciplina Psicologia da Aprendizagem, ministrado pela professora Aracy Palhano. Durante esta disciplina, como atividade, fizemos uma apresentação teatral que teve como roteirista, diretor, maquiador e cenógrafo o saudoso professor Luís Pazzini (in memoriam), do curso de Educação Artística da UFMA. A apresentação foi uma adaptação da obra de Wilhelm Reich, “Escuta, Zé Ninguém!”. O livro é um manifesto, um grito de libertação de uma pessoa incomodada por um pensamento que foi predominante em parte da Europa em determinada conjuntura: o fascismo. Reich não critica apenas a “massa” de trabalhadores, o “povinho” pobre e excluído, nem somente a classe média ou a elite. Ele foi mais fundo, captando um desejo inconsciente de criarmos nossas próprias prisões. Para Reich, somos aprisionados ao trabalho, ao patrão, ao salário e às mercadorias que consumimos. Somos escravos de uma educação e pedagogia falhas e excludentes, que reproduzimos em nossos filhos. Criamos correntes para nos manter firmes em famílias destroçadas, egoístas e pérfidas. Não deixamos de lado nossa fé, nossa igreja, nossos Deus(es). Colocamos uma bola de ferro nas pernas para nos impedir de mudar de ideia, de conhecer o novo e de experimentar os gozos e prazeres. Queremos sempre ter certeza, queremos sempre evitar riscos.

⁵² O professor “Vichê” já era um conhecido, pois era colega de departamento da minha companhia e dos amigos “cearenses” no DEF – Tarcísio, Mauri e Adriano.

⁵³ Respectivamente, professores dos departamentos de biblioteconomia, economia, educação física e, naquele tempo, educação artística.

Essa discussão, fundamentalmente política, abordava uma crítica à prática dos professores da universidade brasileira, que, na minha compreensão, deveria pautar-se em uma pedagogia voltada para o confronto e a ruptura com o atual estado de coisas vivido tanto pela sociedade quanto pela universidade no país.

Para tanto, busquei nas manifestações teóricas da época, que faziam uma crítica fundamentada não apenas à escola, mas principalmente à universidade – já que se tratava de um tema ligado à especialização em ensino superior – subsídios que me permitissem criticar essa instituição e apoiar uma pedagogia voltada para o confronto e a ruptura, que, a meu ver, era fundamental para a formação teórica e prática dos educadores nas IFES.

Entretanto, logo após o término das disciplinas da especialização, retornei para a capital do Ceará, uma vez que a companheira tinha sido aprovada no concurso para o recém-criado curso de educação física da UFC⁵⁴. Com a separação da minha companheira, passei pouco tempo na cidade e logo me mudei para Vitória, capital do Espírito Santo, onde fui morar na casa do Mauri de Carvalho e da Paula Albuquerque⁵⁵, meus grandes amigos. Lá, passei nove meses antes de retornar a São Luís.

⁵⁴ O curso de Educação Física da UFC foi criado em 1992, mas o primeiro concurso só ocorreu em 1993. A princípio, o curso funcionou incorporado ao Departamento de Teoria e Prática do Ensino da Faculdade de Educação (FACED), já que inicialmente era voltado para a formação de professores (licenciatura). Quando cheguei à FACED em 2010, a UFC já havia criado o Instituto de Educação Física e Esportes (IEFES), que passou a funcionar em um espaço próprio no Campus do Pici a partir de 2009.

⁵⁵ Nessa época, eles não moravam mais em São Luís, pois Mauri tinha se exonerado da UFMA e feito novo concurso na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

3.4O regresso à linda São Luís⁵⁶

*Ah, que ilha inexata quando toca o coração
Eu te toco, tu me tocas
Cá nas cordas do violão
E se um dia eu for embora
Pra bem longe deste chão
Eu jamais te esquecerei
São Luís do Maranhão
Eu jamais te esquecerei
São Luís do Maranhão⁵⁷*

Durante todo o tempo em que estive em Vitória, as boas experiências vividas na ilha inexata de Cesar Nascimento me acompanharam. Embora estivesse bem longe daquele chão, nunca consegui esquecer São Luís do Maranhão. Além das lembranças que carregava comigo, havia algo deixado em aberto que me dizia – ou me cobrava – que eu deveria retornar a São Luís: a monografia do CEMES.

Embora as lembranças e a obrigação de concluir a especialização me incentivassem a retornar, foi uma carta do colega Ribamar Sá Silva que me fez decidir definitivamente pela minha volta. Com o apoio financeiro do professor Vichê Calderoni e de outros colegas do CEMES, eu embarcaria de volta quase um ano após minha saída de São Luís.

Assim, logo ao chegar à “Ilha Magnética”, em meados de dezembro de 1994, tratei de defender a monografia⁵⁸, de modo que recebi o certificado de conclusão no dia 18 de janeiro de 1995. O título da monografia era **"Pedagogia: do consenso ao confronto à ruptura**. A crise de legitimidade da universidade brasileira e a prática pedagógica de seus intelectuais". Nela, além de criticar radicalmente o papel de uma instituição que se considerava detentora do conhecimento, também fiz uma diatribe contra uma determinada pedagogia acrítica, vertical e autoritária, que, em minha opinião, se reproduzia majoritariamente nas salas de aula da universidade brasileira.

⁵⁶ O título dessa seção se valeu da frase da música de Carlinhos Veloz, Ilha Bela.

⁵⁷ Trecho da canção “Ilha Magnética”, de 1989, do cantor e compositor maranhense, Cesar Nascimento. Essa canção é considerada o segundo hino da cidade de São Luís.

⁵⁸ A banca examinadora da defesa da monografia foi composta pelo professor Mauri de Carvalho, da UFES (orientador), e pelas professoras Maria de Fátima Félix Rosar e Lilian Leda Saldanha, ambas da UFMA. Cópia do certificado da especialização em anexo.

A conclusão do primeiro curso após minha graduação, ocorrida em 1990, me incentivou a continuar meus estudos na pós-graduação, levando-me a tentar a seleção para um programa *stricto sensu*, o mestrado, e melhor, na área que pretendia atuar, que era a educação⁵⁹.

Assim, logo após a conclusão do CEMES, uma grande alegria marcou o ano de 1995: minha aprovação no Mestrado. Essa conquista abriu um novo horizonte na minha vida acadêmica, uma vez que esse programa, sendo a primeira etapa da pós-graduação *stricto sensu* voltada para a formação de pesquisadores, também poderia contribuir para aqueles que desejassem seguir a carreira acadêmica. Assim, estava aberta a possibilidade de, no futuro, seguir a carreira como docente universitário.

3.5 O amadurecimento intelectual no Mestrado em Educação

A disciplina que inaugura essa fase inicial do percurso acadêmico no mestrado é **“História e Política Educacional”**, ministrada pelo filósofo e idealizador da corrente pedagógica denominada Pedagogia Histórico-Crítica, professor Dermeval Saviani, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

As aulas com o professor Saviani foram fundamentais não apenas para minha compreensão de sua teoria pedagógica – como a diferença entre produção do conhecimento e elaboração do saber – mas também para todos aqueles que tiveram o privilégio de ser seus alunos, como Maria José Cardozo, Vespasiano da Hora, Ludmila Lago, Paulo “Pedrada”, Luís Pedreira, Altemar Lima e muitos outros.

Assim sendo, para Saviani, uma distinção importante entre produção do conhecimento e elaboração do saber é que, enquanto produzir conhecimento envolve um processo coletivo e social, elaborar o saber requer uma organização desse conhecimento por meio de ferramentas específicas frequentemente disponibilizadas pela escola. Ao restringir o acesso a esses recursos, a escola mantém intactas as hierarquias do conhecimento, o que acaba por privar os

⁵⁹ Nesse momento da minha vida, a educação física já não me apetecia. Cheguei à conclusão de que havia escolhido mal o meu super-herói.

trabalhadores de atingirem seu pleno potencial intelectual, ou seja, de ascenderem ao nível da elaboração do saber.

Logo, esse processo evidencia o caráter instrumental do sistema educacional, moldado para servir aos interesses da classe dominante. Ao transformar a educação em mercadoria, o Estado garante a reprodução das desigualdades sociais e a perpetuação do modo de produção capitalista, no qual a lógica do lucro se sobrepõe às necessidades humanas.

Destaco também a importância de muitos outros professores e professoras de programas consolidados de diversas universidades que contribuíram para a minha formação durante o Mestrado, como Gaudêncio Frigotto⁶⁰, Silvio Gamboa (in memoriam), Miguel Arroyo e Lúcia Bruno⁶¹.

À época, o professor Silvio Gamboa – junto com o também professor Camilo Santos Filho – havia lançado um livro que, para mim, foi essencial para esclarecer um falso conflito até então existente entre quantidade e qualidade na pesquisa educacional.

O nome do livro, lançado pela Editora Cortez em 1995, era “Pesquisa Educacional: Quantidade-Qualidade”. Outro fato que me chamou bastante a atenção foi uma fala sua durante uma de suas aulas, que dizia: “Não se elabora uma dissertação ou uma tese sem ter lido, ao menos, uma dissertação ou uma tese”.

Já a professora Lúcia Bruno foi determinante na mudança da minha temática de pesquisa e na redefinição da proposta de dissertação, pois, durante uma conversa no intervalo de uma disciplina que ministrou na UFMA, perguntou-

⁶⁰ Durante a passagem do professor Frigotto pelo Mestrado da UFMA, tive a oportunidade de participar de uma mesa-redonda promovida pelo programa com o referido professor. Nessa época, o professor havia lançado o livro “Educação e a Crise do Capitalismo Real”.

⁶¹ Lúcia Emília Nuevo Barreto Bruno conquistou o título de doutora em Sociologia pela USP e atualmente leciona como professora livre-docente na Faculdade de Educação da mesma instituição. Sua formação acadêmica inclui graduação em Ciências Sociais e mestrado em Ciência Política pela PUC-SP. Seus principais interesses de pesquisa estão focados nas áreas de Sociologia Política e Educação, com destaque para a relação entre trabalho e educação, além das políticas públicas direcionadas ao ensino superior. Além disso, Lúcia Emília possui vasta experiência em atividades administrativas no meio acadêmico, tendo atuado como Chefe de Departamento e Vice-presidente da Comissão de Pesquisa da FEUSP. (Fonte: Currículo Lattes) Um fato curioso que percebi durante a minha breve conversa de intervalo com a professora Lucia Bruno foi que ela achava que eu era pedagogo e quando tentei falar das possíveis dificuldades da ALUMAR em permitir a minha entrada na empresa, ela retrucou: “Francisco, não há nada mais ingênuo do que um pedagogo”.

me por que, dado o meu histórico de militância, eu não investigava a formação dos trabalhadores da ALCOA⁶² no Maranhão.

Dada a conjuntura extremamente desfavorável ao pensamento de esquerda a partir dos acontecimentos na ex-URSS e no Leste Europeu, que fizeram recrudescer movimentos conservadores em todo o mundo, minha intenção inicial no mestrado era continuar os estudos iniciados na especialização, radicalizando-os, na medida em que pretendia aprofundar a temática abordada no CEMES, que incluía uma investigação mais detalhada dos escritos teóricos de autores da tradição marxista na educação, como Suchodolski⁶³.

A continuidade desse estudo, em certa medida, residia na compreensão de que o conhecimento não é algo definitivo, pronto e acabado. Portanto, nenhuma pesquisa que se pretenda científica pode ser considerada definitiva. Essa compreensão – de que a elaboração do saber está sempre em movimento, como defende Saviani – me levou a concluir que o mestrado, como um espaço de formação de pesquisadores, me proporcionaria a oportunidade de aperfeiçoar as técnicas de elaboração do saber que me motivariam a continuar com a temática da formação de professores.

Assim, por mais anacrônicas e "fora de moda" que parecessem minhas ideias, naquela época eu acreditava em uma pedagogia que esclarecesse, de fato, a historicidade das formações econômico-sociais e que colocasse os trabalhadores como sujeitos centrais no processo de transformação da formação social capitalista.

No entanto, a atração pela nova temática em torno do trabalho-educação foi mais forte, e eu refiz o projeto, passando a aprofundar os estudos sobre a

⁶² A Alcoa é uma fábrica de alumínio localizada em São Luís do Maranhão que, ao iniciar suas operações nessa cidade, adotou o nome de sua matriz. Devido à forte oposição de setores da sociedade civil maranhense, caracterizada por críticas ao imperialismo e preocupações ambientais, a empresa decidiu mudar sua denominação para Alumínio do Maranhão (ALUMAR). Essa alteração ocorreu após um conturbado processo de instalação, marcado por irregularidades e influência política. Em tempo: a "fonte" dessa informação é a minha dissertação de Mestrado, defendida em março de 1998 e intitulada: "Novas configurações do processo de trabalho e o papel da educação básica na qualificação do operário industrial fabril".

⁶³ Um livro desse autor que me impressionou muito foi *A Pedagogia e as Grandes Correntes Pedagógicas: a Pedagogia da Essência e a Pedagogia da Existência*, publicado pela Centauro Editora, de Portugal.

qualificação dos operários da indústria de processo contínuo⁶⁴. Nesses locais específicos, era exigida uma qualificação particular dos trabalhadores, pois eram conhecidos pela intensiva utilização de trabalho morto⁶⁵ e pela exigência de capacidade multifuncional (polivalência) dos trabalhadores.

Esta pesquisa exigiu a busca por referenciais teóricos para compreender o novo objeto e suas articulações recíprocas com o objetivo de analisar as novas configurações do processo de trabalho e o papel da educação básica na qualificação do operário industrial fabril. Essa problemática se constituía, para este escriba, em uma análise da própria evolução do capitalismo e sua sanha de explorar cada vez mais o trabalho assalariado.

Em termos operacionais, foi feito o mapeamento das produções relativas ao objeto – à época, as produções que tratavam da indústria de *process* eram muito escassas – e sua análise. Para isso, foram realizados procedimentos básicos, como levantamento da literatura específica, leitura e sistematização de estudos.

Quanto à pesquisa de campo, realizei-a naquilo que a sociologia do trabalho chama de “chão de fábrica”⁶⁶, sendo um dos últimos – ou talvez o último – pesquisador autorizado pela direção a visitar as instalações da ALUMAR. A única parte da fábrica que não pude visitar foi a área onde as cubas transformam a alumina em alumínio⁶⁷, onde as temperaturas são altíssimas, chegando próximas a 70° e onde a presença humana não é possível por muito tempo.

⁶⁴ A indústria de *process* ou de processo contínuo refere-se às indústrias de transformação, como a petroquímica, energia nuclear, cimento e alumínio, que, a partir da década de 1950, passaram a se caracterizar por uma evolução tecnológica e organizacional — marcada pelo uso maciço de equipamentos informacionais e eletrônicos — que a diferencia daquela ocorrida no processo de trabalho da indústria taylorista/fordista. O processo produtivo observado ali difere da indústria de série (taylorista-fordista) tanto no plano tecnológico e organizacional quanto em relação à economia de tempo. Assim, por se basear em cadeias de reações físico-químicas, esse processo de trabalho não permite o contato direto do operador com os produtos em fabricação, apresentando um desenvolvimento tecnológico que aponta para um crescente processo de automatização, sustentado por um complexo integrado de autômatos industriais.

⁶⁵ Segundo Marx, o trabalho morto é aquele realizado por máquinas, enquanto o trabalho vivo é o trabalho humano. Assim, o capital é representado pelo trabalho morto, que se comporta como um vampiro ao sugar o trabalho vivo.

⁶⁶ Embora a expressão “chão de fábrica” se refira aos trabalhadores que desempenham funções dentro do complexo industrial, a utilização do termo teve como objetivo informar que apliquei vários instrumentos diretamente aos trabalhadores na fábrica, além de conhecer boa parte das instalações da empresa.

⁶⁷ Na indústria do alumínio, como na ALUMAR, o processo de extração de alumina da bauxita ocorre preliminarmente e é posteriormente utilizado na produção de alumínio primário. Em seguida, a bauxita é transportada para a refinaria por meio de correias transportadoras, onde é refinada por um processo hidrometalúrgico conhecido como

Assim, na medida em que fui contemplado com uma bolsa de estudos pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Maranhão (FAPEMA) pude, então, me dedicar inteiramente às atividades do Mestrado, o que me tornou um aluno com rendimento quase perfeito, uma vez que a única aprovação com nota abaixo de 10,0 foi no exame de proficiência em língua estrangeira (espanhol), no qual tirei nota 9,0.

No entanto, não poderia deixar de ressaltar que, como o valor da bolsa da FAPEMA não correspondia ao valor integral de uma bolsa da CAPES – penso que o valor daquela correspondia a cerca de 70% do valor desta – contei, nesse período, com a imprescindível solidariedade dos amigos – e por que não, irmãos? – Tarcísio Ferreira e Elizabeth Dutra – e do pequeno Alexis, filho dos dois –, que me apoiaram durante todo esse tempo. Sem a solidariedade deles, eu não seria o que sou hoje.

Entre o final de 1997 e o ano de 1998, nos últimos momentos do Mestrado, participei do diagnóstico sobre as Escolas Comunitárias de São Luís, coordenado pela professora Lucinete Marques Lima, a primeira coordenadora do Mestrado⁶⁸, após a sua recriação.

Por fim, com o apoio da FAPEMA e dos amigos, em 20 de março de 1998, consegui defender minha dissertação no Mestrado em Educação da UFMA, sob a orientação da professora Franci Gomes Cardoso, do curso de Serviço Social e do Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas da UFMA.

Minha pesquisa foi intitulada **“Novas Configurações do Processo de Trabalho e o Papel da Educação Básica na Qualificação do Operário Industrial Fabril”** e investigou o papel que a escola desempenha na formação do operário da indústria de processo contínuo, tendo como referência empírica a ALUMAR, empresa produtora de alumínio instalada em São Luís do

processo Bayer. Essa etapa é controlada por computadores que garantem a eficiência dos equipamentos e do processo. Após essa fase, realiza-se a transformação da alumina em alumínio, por meio do processo de redução, que será transportado para o lingotamento. O controle básico das salas de cubas — local onde a alumina é transformada em alumínio — é feito por dois sistemas de computadores independentes, sendo um deles de reserva. (Trecho retirado da minha dissertação de Mestrado).

⁶⁸ É importante destacar que, sem os esforços e o interesse da professora Lucinete em revitalizar o Mestrado em Educação da UFMA, o atual PPGEd talvez não fosse possível.

Maranhão⁶⁹. Participaram da banca a professora Ilma Vieira (PPGE-UFMA) e o professor Edmundo Fernandes Dias (Departamento de Sociologia da UNICAMP) (in memoriam).

3.6 O término do mestrado: E agora José⁷⁰?

Terminado o mestrado e cumprido mais esse ciclo, a Pró-Reitoria de Recursos Humanos (PRH) da UFMA, quase que em sincronia, divulgou um edital para um concurso de provas e títulos para professor efetivo na área de Fundamentos da Educação, no Departamento de Educação II. Era essa a oportunidade única, com o título de mestre, para tentar a carreira acadêmica tão pretendida por mim há algum tempo.

No entanto, o que deveria ser um processo tranquilo, em que fossem observadas normalmente as etapas do processo seletivo, como o conteúdo programático das provas e outras informações relevantes, se revelou, na verdade, um ardil para tentar tolher a minha participação e a da professora Maria José Cardozo no referido certame.

Isso foi comprovado quando, ao chegar ao setor de protocolo da UFMA, fui informado de que os funcionários desse setor estavam orientados a não admitirem o meu pedido de inscrição – e, conseqüentemente, a da professora Maria José. A falta de uma explicação razoável para essa decisão me deixou indignado.

Ao indagar de quem teria partido essa determinação, a funcionária respondeu que algumas “pessoas” ligadas aos departamentos de Educação I e II haviam orientado o setor – não me lembro se ela teria dito que essas orientações teriam sido dadas presencialmente ou por outro meio – sobre como proceder diante dessa situação.

A artimanha se desnudou porque a funcionária que se recusou a aceitar minha inscrição não me conhecia. Se ela não me conhecia, como saberia meu nome? E mais: se não sabia meu nome, como poderia saber que eu não

⁶⁹ Cópia do diploma de mestrado em anexo.

⁷⁰ O subtítulo desta seção secundária é emprestado da primeira frase de uma das estrofes do poema "José", de Carlos Drummond de Andrade.

preenchia os requisitos exigidos para participar do concurso e, por isso, não poderia sequer solicitar a inscrição? É claro que tanto meu nome quanto o da Maria José já eram conhecidos pelos funcionários daquele setor. Então provavelmente alguém encaminhou os nossos nomes ao protocolo da UFMA. Do contrário, como ela poderia saber quem eu era e se recusar a receber minha inscrição?

Diante da situação, exerci meu direito constitucional de petição e exigi falar com a Pró-reitora responsável pelo concurso na época, possivelmente Elisa Lago. Argumentei que minha inscrição deveria ser acatada, pois, além de ser um direito constitucional, a análise da documentação – e um possível indeferimento – só seria realizada pela comissão do concurso em momento posterior. A Pró-reitora acolheu minha solicitação e determinou à funcionária que minha inscrição fosse aceita.

Apesar de nossas inscrições terem sido inicialmente aceitas, ambas foram indeferidas na fase de análise documental. O motivo alegado foi a não conformidade com o edital, que exigia um pedagogo para a vaga de professor efetivo em Fundamentos da Educação. Eu ainda recorri à instância superior, mas minhas alegações não foram aceitas, em razão do lobby que as dirigentes dos dois departamentos fizeram junto aos membros do conselho do Centro de Ciências Sociais (CCS).

Essa exigência, no entanto, entrava em contradição com o fato de a professora Maria José Cardozo ter sido contratada como professora pró-labore da disciplina de Estudos Comparados de Educação no DE II, pouco antes desse concurso. Na verdade, a exigência de um pedagogo de formação, nesse caso, revelava o ardil de quem elaborou o edital, que deve ter indicado esse critério para impedir nossa participação, já que era público e notório que iríamos participar da seleção do concurso.

Após a frustração com esse concurso, decidi buscar experiência no mercado de trabalho, enviando meu currículo para instituições privadas de ensino superior em São Luís. Apesar do revés, o sonho de seguir a carreira acadêmica nunca foi completamente abandonado. Minha intenção era adquirir experiência prática e aguardar uma nova oportunidade, talvez não mais na UFMA, mas em uma universidade onde o concurso fosse mais transparente e isento de artimanhas.

Mas para minha surpresa, nem mesmo uma oportunidade de emprego nas faculdades privadas surgiu. Então, tive que ir à luta, pois, como dizia o jargão de uma das chapas concorrentes em uma antiga eleição para o DCE da UFMA: "jacaré parado vira bolsa".

3.7 Triste fim de um sonho abortado: José, e agora?

*Está sem mulher,
está sem discurso,
está sem carinho,
já não pode beber,
já não pode fumar,
cuspir já não pode,
a noite esfriou,
o dia não veio,
o bonde não veio,
o riso não veio,
não veio a utopia
e tudo acabou
e tudo fugiu
e tudo mofou,
e agora, José?⁷¹*

Não foram poucas as dificuldades enfrentadas, mas diferente do “José”, dos versos de Drummond, onde o sujeito não sabe como agir, não encontra solução frente ao desencantamento com a vida – pois não veio o dia, o bonde, o riso, a utopia e tudo tinha acabado, fugido –, eu tive que encarar a realidade. E, como a simples posse de um diploma de mestrado não pagava as minhas contas, fui atrás de outras possibilidades que não se limitassem apenas à docência no ensino superior.

A princípio, fui contratado pela Fundação Sôsândrade de Apoio ao Desenvolvimento da UFMA para prestar serviços de natureza técnica junto à Coordenação da Ação de Capacitação de Docentes da Zona Rural do Programa de Capacitação de Recursos Humanos / Projeto Nordeste / SEEDUC / MEC / BIRD, a pedido da querida amiga Conceição Raposo, que foi minha professora desde a época da especialização.

⁷¹ "José", de Carlos Drummond de Andrade, publicado originalmente em 1942, na coletânea *Poesias*.

A ação que coordenei durou cerca de quatro meses e se referia à capacitação de professores, especialistas e diretores da rede municipal e estadual de ensino do estado do Maranhão. Durante aquele tempo, para desempenhar as atribuições previstas contratualmente, tive que viajar para inúmeros municípios do sul do Maranhão. A visita a cidades como Imperatriz, Balsas, Carolina e Riachão – aquelas que me vêm à memória – me proporcionou, embora brevemente, importantes experiências no âmbito da gestão de projetos.

Após o término do contrato com a Fundação Sôsândrade e diante da dificuldade em encontrar um emprego fixo que correspondesse à minha qualificação de mestre, passei a aceitar trabalhos pontuais, os famosos bicos, em sindicatos do campo da CUT, como o dos Bancários do Maranhão, e em ONGs, como o Centro de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente Padre Marcos Passerini (CDMP).

Em março de 2000, minha vida profissional tomou um novo rumo quando uma colega ligada ao SINDSEPE/MA⁷² me informou sobre uma seleção para educador na Escola Nordeste da CUT. Participei do processo seletivo, que foi coordenado pela CUT estadual, e fui aprovado. Diferentemente da UFMA, a seleção feita pela CUT-MA foi transparente, de modo que essa oportunidade na Escola de Formação Sindical Marise Paiva de Moraes^{73,74} me proporcionou uma experiência profissional enriquecedora.

A minha atuação na Escola Nordeste ocorreu em programas de elevação de escolaridade para trabalhadores rurais e informais, financiados com recursos do Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT)⁷⁵. Esses programas implementaram

⁷² Sindicato dos Servidores Públicos Federais no Estado do Maranhão.

⁷³ A Escola Sindical da CUT no Nordeste Marise Paiva de Moraes é um instrumento político-pedagógico de formação sindical e educação da classe trabalhadora com sede administrativa em Recife-PE e que atua nos nove estados da região Nordeste do Brasil. Cópia da CTPS em anexo.

⁷⁴ Marise nasceu em São João do Sabugi (RN) em 11 de junho de 1958. Era filha do sapateiro José das Chagas Moraes e da professora Terezinha Paiva de Moraes. Em meados da década de 1970, deixou o Seridó do Rio Grande do Norte com toda a família, tendo como destino a cidade do Natal, a capital do estado. Em 1981, concluiu a graduação em Pedagogia na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Foi diretora do Sindicato dos Trabalhadores em Educação do Rio Grande do Norte (SINTE-RN) e uma das fundadoras da Escola de Formação Sindical da CUT no Nordeste, em Recife, sendo a sua primeira coordenadora. A professora Marise Paiva teve sua vida marcada pela luta e pelo compromisso com uma sociedade igualitária. Ela faleceu em 1999 na cidade do Recife (PE).

⁷⁵ Os programas foram realizados por meio do convênio MET/SPPE/CODEFAT – CUT 007/2000.

uma proposta curricular que integrava a educação fundamental, a educação profissional e a educação sindical. Além das atividades em sala de aula, foram realizadas oficinas pedagógicas que envolviam alunos e comunidades onde as aulas eram ministradas⁷⁶.

Durante os meses em que atuei como educador na Escola Nordeste da CUT, de maio a dezembro de 2000, tive a oportunidade de vivenciar de perto a realidade dos trabalhadores rurais⁷⁷, especialmente os da região Leste Maranhense, que abrange os municípios de Caxias e Timon e seus respectivos distritos. Essa experiência, embora interrompida por divergências, foi fundamental para meu crescimento profissional e político, enriquecendo minha prática pedagógica e fortalecendo meu compromisso com a luta por justiça social.

Logo após encerrar minhas atividades na Escola Nordeste da CUT, em dezembro de 2000, no início do ano seguinte, março de 2001, fui escolhido pela professora Maria José Cardoso, minha amiga de longa data, para integrar a equipe da Assessoria Técnica da Secretaria Municipal de Educação de São Luís (SEMED), que ela estava coordenando⁷⁸.

Na época, estava se iniciando o terceiro mandato do prefeito Jackson Lago⁷⁹ (2001–2002), e a SEMED continuaria a ser dirigida pela professora

⁷⁶ Lembro da minha visita e dos meus alunos e alunas ao Museu Memorial da Balaiada, em Caxias, no Maranhão Oriental. O museu é um espaço educativo e cultural que inclui as ruínas de uma fortaleza do século XIX. Além disso, há uma escola-museu e um centro de documentação. Este último funciona como uma biblioteca, com documentos dos séculos XVIII, XIX e XX, como cartas de alforria e testamentos. Os visitantes do memorial têm acesso a uma extensa coleção de literatura composta por livros, periódicos e materiais informativos sobre a Balaiada, bem como sobre a história de Caxias e do Maranhão. O museu é dividido em duas áreas distintas: o ambiente ao ar livre, com as ruínas do forte e as esculturas dos líderes balaios, e o espaço interno, que segue o formato tradicional de um museu, localizado em um prédio físico.

⁷⁷ Os programas implementados junto aos trabalhadores rurais funcionaram nos estados do Maranhão, Piauí, Ceará, Paraíba, Alagoas e Bahia.

⁷⁸ Cópia de um dos contracheques está em anexo.

⁷⁹ Quando Jackson Lago assumiu seu segundo mandato em 1997 — após ter sido prefeito pela primeira vez entre 1989 e 1992 — o município de São Luís não contava com uma única escola de educação infantil, que era oferecida basicamente por entidades do terceiro setor, ou seja, por organizações privadas sem fins lucrativos. Durante os quatro anos deste mandato (1997-2000), o então prefeito de São Luís foi considerado o melhor entre as capitais, segundo pesquisa realizada pelo jornal Folha de São Paulo, devido à sua ênfase na expansão do número de alunos e de escolas, principalmente na etapa inicial de educação básica que é a educação infantil, e na melhoria da formação dos professores, que foram as maiores prioridades de seu governo. Entretanto, assumi o cargo na assessoria técnica apenas em março de 2001, já no terceiro mandato de Jackson Lago, que permaneceria no cargo até junho de 2002, quando precisou se desincompatibilizar para concorrer ao governo do estado nas eleições daquele ano.

Theresa Pflueger, professora aposentada do Departamento de Educação II da UFMA. Essa nova etapa permitiu que eu desse continuidade ao meu trabalho pedagógico em um contexto institucional diferente.

Nesse novo contexto institucional, embora afastado da sala de aula – agora atuando como “técnico” da SEMED, onde fui membro da assessoria técnica da Secretaria – pude compreender a importância da gestão educacional, responsável pela administração do sistema, para o funcionamento da escola.

Durante pouco mais de um ano, conheci de perto o papel desempenhado pela Secretaria de Educação, delegada pelo projeto vencedor nas eleições municipais do então prefeito Jackson Lago, no planejamento e na implementação de políticas educacionais que garantiram a oferta da escola pública, especialmente para crianças de 4 a 5 anos de idade, beneficiárias da educação infantil, primeira etapa da educação básica.

Em meados de 2002, com a desincompatibilização do prefeito Jackson Lago, o vice Tadeu Palácio assumiu seu lugar e, em razão do quadro de saúde da professora Thereza Pflueger, nomeou o professor Moacir Feitosa, docente do Departamento de Economia da UFMA, para ocupar o cargo de Secretário de Educação.

Ao assumir o cargo, o professor Moacir convidou a professora Maria José Cardozo para continuar na chefia da Assessoria Técnica da SEMED, cargo que ela já ocupava desde a gestão da professora Thereza. Por conseguinte, fui chamado pelo professor Moacir, que já me conhecia devido à minha relação com os professores do Departamento de Educação Física da UFMA e por ter sido aluno do Mestrado em Educação da UFMA, para também continuar trabalhando nesse órgão, auxiliando a professora Maria José.

Pouco tempo depois, a Prefeitura de São Luís divulgou um edital para um concurso de especialista em educação. A professora Maria José e eu, que não éramos do quadro permanente do município, nos inscrevemos e fomos aprovados, respectivamente, na 2ª e 11ª colocação. Lembro que o primeiro colocado no concurso foi o professor Jose Bolivar Burbano Paredes, um equatoriano de origem indígena que havia sido nosso professor durante o Mestrado em Educação da UFMA.

Após o resultado do concurso, lembro que o professor Moacir Feitosa nos chamou em seu gabinete, eu e Maria José, e nos incumbiu de montar uma

assessoria técnica permanente a partir dos aprovados naquele concurso. Essa foi a última tarefa que cumpri com a professora Maria José durante minha breve, porém gratificante, passagem pela SEMED.

Entretando, após a divulgação do resultado e a entrega de todos os documentos comprobatórios necessários para a efetivação como servidor público municipal, designado para o cargo de especialista em educação, a UFMA lançou um edital convocando um concurso público de provas e títulos para professor de terceiro grau, destinado ao preenchimento de vagas no Departamento de Educação II, na área de Fundamentos da Educação. Essa notícia provocou, além de um dilema, uma grande reviravolta na minha carreira profissional, o que explicarei a seguir.

3.8 Faço ou não faço? Eis a questão.

A frase que nomeia a seção secundária acima é um trocadilho com uma das mais famosas frases da literatura universal, que dá título ao capítulo quatro do livro "Hamlet", escrito por William Shakespeare. Essa expressão é um dos dilemas existenciais mais conhecidos da literatura mundial. Além disso, a frase remete à ideia de tomar um lado ou se posicionar em relação a algo. Assim, foi emprestada desse autor para caracterizar o meu dilema sobre a participação ou não no concurso da UFMA. E por que esse dilema?

Como deixei claro nas linhas anteriores, a quase participação – quase porque minha participação, assim como a da professora Maria José, foi abortada logo na fase inicial do concurso – gerou uma enorme frustração, a ponto de me fazer questionar se seria prudente me submeter a mais uma situação como aquela vivida anteriormente.

Essa frustração era, na verdade, o temor de que uma situação, mais ou menos óbvia, pudesse se repetir, especialmente porque aquelas que travaram a guerra contra minha participação – assim como a da professora Maria José – ainda faziam parte do corpo docente dos Departamentos de Educação I e II. A única vaga aberta estava sendo oferecida para este último.

A princípio, Maria José tentou me demover da dúvida sobre se valeria a pena me submeter mais uma vez ao concurso da UFMA, mas lembro que fui irredutível. Eu me recusava a passar novamente por aquelas situações

constrangedoras, especialmente porque já era concursado da SEMED e a única etapa que faltava era a posse.

No entanto, alguns dias após essa conversa com minha chefe e amiga, recebi um telefonema de uma pessoa que, tempos depois, agiria de forma semelhante – ou até pior – ao exército cruzado⁸⁰ dos dois departamentos da UFMA que impediu minha participação no concurso anterior. Lembro que a conversa, que durou quase 30 minutos, se tornaria, naquele momento, a mais decisiva para a minha definição.

Daquela conversa resultou a decisão de me inscrever no concurso, uma vez que, desta vez, havia a garantia de que os “incidentes” observados no último concurso não se repetiriam. Havia uma avaliação de que as “práticas” adotadas para impedir a participação de certos candidatos tinham causado desgaste à imagem dos dois departamentos.

Outro argumento apresentado foi que, naquele momento, haveria escassez de candidatos com titulação mínima de mestre em educação no estado do Maranhão. Após comunicar minha decisão à Maria José, começamos a montar um calendário de estudos para a nossa participação no concurso.

Assim, após a divulgação dos temas que poderiam ser sorteados durante as etapas previstas no edital, começamos escolhendo as referências sobre cada um dos pontos e definindo os dias, bem como o local, em que nos encontraríamos. O dia e local escolhidos foram, respectivamente, o sábado e uma das salas da SEMED, onde certa vez encontramos o professor Moacir Feitosa e aproveitamos para comunicar nossa intenção de participar do concurso da UFMA.

Inicialmente, Moacir expressou tristeza diante da perspectiva de a SEMED perder uma parcela significativa de sua assessoria, em particular Maria José. Entretanto, em seguida, alterou sua postura, demonstrando entusiasmo e nos encorajando a expandir nossos horizontes.

⁸⁰ Originalmente, o termo refere-se às cruzadas, expedições militares organizadas por católicos da Europa Ocidental com o objetivo de reconquistar, para o cristianismo, lugares sagrados, como o Santo Sepulcro, em Jerusalém, na Palestina. Na UFMA, o termo foi associado ao movimento que visava reservar as vagas da área de Fundamentos da Educação exclusivamente para graduados em Pedagogia.

Após decidir me inscrever, ainda procrastinei um pouco, a ponto de deixar a inscrição para o último dia indicado no edital do concurso. Chegado o dia, dirigi-me ao protocolo, sempre lembrando daquele fatídico momento em que fui informado pela servidora de que, segundo ordens superiores, não poderia requerer minha inscrição.

Para minha surpresa, a servidora que me atendeu – chamada Nazaré – era a mesma do concurso anterior. Ela me reconheceu e perguntou se eu iria me inscrever naquele edital. Respondi que, se não houvesse nenhum impedimento, sim.

No edital em que eu pretendia me inscrever, já estavam inscritos Maria José e outro candidato, um conterrâneo do Ceará, e havia apenas uma vaga. No entanto, Nazaré me informou que, naquele dia, um outro edital que também oferecia uma vaga para a mesma área e que antes exigia titulação de doutor havia sido alterado e prorrogado, passando a exigir apenas titulação de mestre.

E o melhor: não havia nenhum inscrito. Não hesitei; mesmo com a observação de que o edital teria validade de 30 dias e que, durante esse período, outros candidatos poderiam se inscrever, não tive a menor dúvida e fiz a inscrição. O resultado é que, ao final do prazo estabelecido no edital, não houve novas inscrições e, por isso, sou grato, apesar de tudo que viria a seguir, à Nazaré até hoje.

O que conclui de todas essas coincidências – ou seria uma grande ironia? – é que fui aprovado em "primeiro" lugar em um concurso em que havia apenas um concorrente: eu. Quem diria, né? Quatro anos antes, eu estava em uma luta desigual, tentando conquistar uma das duas vagas com outros candidatos. Agora, concorri sozinho e, o melhor, fui aprovado.

4 DA UNIVERSIDADE DO BACANGA⁸¹ À DESCIDA AO INFERNO⁸²

Mais uma vez, recorro a um trocadilho para iniciar mais uma seção deste memorial. O empréstimo a Dante Alighieri ocorreu porque sua obra narra a descida de Dante ao inferno, analisando os pecados de cada indivíduo, inclusive os dele, e as punições correspondentes de acordo com a gravidade dos pecados executados em vida, ou seja, descreve o castigo para cada tipo de pecado cometido como: a tirania, a traição, a adulação, o suicídio, a heresia, dentre outros⁸³.

Meu principal pecado, que talvez não se encaixe em uma comédia “dantesca”, mas em uma *ópera bufa*⁸⁴, teria sido a ingratidão – por tentar trocar a UFMA pela UFRN – embora, em meu entendimento, esse seja um termo mais palatável do que outro mais forte: insubordinação. Assim, meu maior pecado talvez tenha sido não confundir gratidão com subserviência. Meu ato foi interpretado como ingratidão, mas, na verdade, foi uma insubordinação: a quebra de uma jura que nunca fiz.

Com muito pesar, escrevo estas linhas para compartilhar minhas angústias e certezas, pois, para mim, aquele período – especialmente de 2006 a 2010 – infelizmente não se apagou da minha memória. Só irá acabar, talvez, quando tudo o que passei estiver digerido, assentado e resolvido, não apenas como questão acadêmica, mas também emocional e afetiva. No entanto, receio que isso nunca acontecerá.

Assim, penso que as palavras mais precisas para caracterizar aquele período, daqui em diante nessas memórias, serão, quem sabe, “ingratidão” e “insubordinação” (esta última resultando em retaliação). Quando a primeira se

⁸¹ Não se trata de um adjetivo pejorativo, mas da localização do campus central da UFMA, que fica no bairro Bacanga. O bairro abriga o Parque Estadual do Bacanga, criado em 1980, entre a margem direita do rio Bacanga e a Área de Proteção Ambiental (APA) da Região do Maracanã. Já o rio Bacanga é um curso de água que nasce na cidade de São Luís e deságua na baía de São Marcos, no oceano Atlântico. A barragem erguida sobre o rio Bacanga conecta outros bairros da cidade ao campus central da UFMA e foi construída entre 1968 e 1973.

⁸² O Inferno é o primeiro livro da Divina Comédia, de Dante Alighieri. Ele é descrito como um lugar que se torna mais profundo a cada círculo, pois os pecados são mais graves.

⁸³ O Inferno de Dante também sugere que a esperança é possível, mesmo em meio ao sofrimento. Já no “inferno do Bacanga”, tenho lá as minhas dúvidas.

⁸⁴ Embora o termo “*ópera bufa*” se refira a um estilo de ópera que narra histórias engraçadas, geralmente focando nos conflitos domésticos de pessoas comuns, a minha nada tem de cômica.

manifesta na mente de alguns, o resultado da segunda – a retaliação – impreterivelmente entra em ação contra o insurgente.

Mas, antes, vamos falar um pouco sobre o começo dessa história para, em seguida, discutir os efeitos da retaliação (consequência da insubordinação) nas relações interpessoais dentro da universidade, e como ela gerou um ciclo vicioso de conflitos insustentáveis entre mim e parte considerável dos docentes do Departamento de Educação II da UFMA.

4.1 Primeiras aproximações como docente na UFMA

Quando tomei posse como docente da Universidade Federal do Maranhão⁸⁵, a distribuição de disciplinas no Departamento de Educação II, segundo comunicado da chefe de departamento, já tinha sido realizada, de modo que não havia nenhum componente curricular disponível naquele semestre que eu pudesse ministrar.

Entretanto, algo que me chamou muito a atenção, neste primeiro momento, foi o fato de a chefia do departamento ter disponibilizado, dois meses depois, três disciplinas à professora Maria José Cardozo⁸⁶, incluindo uma no campus de Imperatriz, onde havia déficit de professores para ministrar alguns componentes curriculares obrigatórios, como Organização de Sistemas Educativos II. Acho estranho até hoje que algumas disciplinas tenham aparecido assim tão de repente. Mas vai que é só mania de perseguição, coisa da minha cabeça.

Assim, no meu caso, a solução encontrada, provavelmente, ocorreu por meio de um acordo entre a chefia do departamento, a direção do Centro de

⁸⁵ A Portaria 200/2002-GR, datada de 4 de julho de 2002, foi publicada no Diário Oficial da União em 5 de julho de 2002, na seção 2, página 11. Esta portaria estabelecia o exercício do cargo efetivo de Professor Assistente, nível inicial, sob o regime de dedicação exclusiva. Cópia em anexo.

⁸⁶ O fato é que a professora Maria José Cardozo tomou posse em outubro de 2002, enquanto eu o fiz em 1º de agosto do mesmo ano, ou seja, dois ou três meses antes. As informações sobre a posse e a distribuição das disciplinas estão contidas no Memorial Acadêmico defendido pela professora em 2024. Segundo o relato da professora Maria José, foram disponibilizados três componentes curriculares para ela (História da Educação, Estudos Comparados e Gestão e Organização de Sistemas Educativos II), sendo que um deles foi ministrado em um campus da UFMA, na cidade de Imperatriz, distante 631 km de São Luís. A professora trata esse fato da seguinte forma: “Quando somos recém-contratados, não temos 'escolhas'; temos que ministrar as disciplinas que nos delegam. (risos)”.

Ciências Sociais e a Pró-Reitoria de Recursos Humanos (PRH). Essa solução foi a minha lotação temporária na Pró-Reitoria de Ensino (PROEN), cuja dirigente, à época, era a professora aposentada Núbia Bonfim, em um departamento responsável pelo vestibular da UFMA⁸⁷.

Por incrível que pareça, foi durante minha passagem por esse setor que adquiri uma percepção mais clara das lacunas na educação básica do Maranhão. Naquele período, correspondente ao segundo mandato de Roseana Sarney (1998–2000), foi implementada uma política educacional que uniu os setores público e privado para enfrentar dois desafios: a distorção idade-série entre jovens e adultos e o represamento de estudantes ao final do ensino fundamental que desejavam concluir o ensino médio em menos tempo. Para isso, a Secretaria Estadual de Educação do Maranhão (SEDUC), em parceria com a Fundação Roberto Marinho, lançou o Projeto Viva Educação, baseado em um modelo de telensino⁸⁸.

A minha preocupação e de toda a equipe responsável pela organização do vestibular se devia à grande quantidade de jovens e adultos que se matricularam nessa modalidade oferecida pelo Projeto Viva Educação. A questão era logística: onde acomodar todas essas pessoas, caso todas decidissem se inscrever no vestibular da UFMA?

Entretanto, para minha surpresa e de toda a equipe, esse cenário não se concretizou. Embora eu tenha passado pouco tempo nesse departamento e não tenha acompanhado de perto o desenrolar desse processo, o fato é que a falta de estrutura e a ineficiência na aplicação do telensino no estado levaram ao fracasso do projeto. O que o governo queria, na verdade, era apenas reduzir a todo custo os índices negativos da educação.

Nesse sentido, nos três anos de implantação do projeto, o número de matrículas não aumentou; pelo contrário, diminuiu consideravelmente. Já o número de telessalas alcançou a marca pífia de pouco mais de 100, o que fez

⁸⁷ Com a criação do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e do Sistema de Seleção Unificada (SISU) esse departamento deve ter sido extinto ou mesmo substituído.

⁸⁸ É uma proposta de ensino que utiliza a televisão e outras tecnologias para complementar as aulas — como, na época, o videocassete — juntamente com materiais impressos e a atuação de um orientador de aprendizagem, comumente chamado de tutor. O uso dessas tecnologias caiu em desuso devido ao surgimento das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs).

com que os indicadores educacionais do estado piorassem, como a taxa de abandono, devido à metodologia adotada no projeto.

4.2 Enfim, o encontro com a sala de aula, mas até quando?

Encerrada aquela primeira etapa após a posse na UFMA, chegou finalmente o momento em que, de fato, ministraria as disciplinas da área de conhecimento que foi objeto do concurso público de provas e títulos ao qual me submeti.

Em uma das assembleias departamentais que participei no semestre 2002.1, na qual se discutiu a distribuição de disciplinas para o semestre seguinte – 2003.1 – fui informado pela então chefe do departamento de que ficaria responsável por três componentes curriculares de 90 horas/aula, o que correspondia a 18 créditos semanais. Mas, como era um “cristão novo”⁸⁹ no mundo universitário, não objetei.

No entanto, aquela distribuição feita pela chefe do departamento era tão esdrúxula que colegas se opuseram a carga horária excessiva, considerando que, embora eu tivesse sido contratado recentemente, havia sido aprovado não apenas para o ensino, mas também para a pesquisa e a extensão. Ao final das discussões, passei a responder por apenas duas disciplinas de 90 horas/aula, correspondendo a 12 créditos semanais, disponibilizando o restante da carga horária para pesquisa e extensão.

De início, minha atuação na pesquisa ocorreu como colaborador dos professores que já desenvolviam projetos nas linhas de pesquisa do Programa de Mestrado em Educação, do qual eu era oriundo. Quanto ao ensino, confesso que esse primeiro momento foi marcado por grande insegurança, pois eu estava estreando em uma sala de aula de um curso superior.

Além da falta de experiência, havia a sensação de que algumas pessoas naquele departamento não gostavam da minha presença, em razão dos acontecimentos anteriormente relatados neste memorial. Isso era nítido, pois

⁸⁹ O termo geralmente se refere a alguém que se converteu recentemente à religião católica. Historicamente, “cristãos novos” era a designação dada aos judeus convertidos à fé católica, muitas vezes de forma forçada. Aqui, estamos nos referindo a alguém que é novo na universidade.

algumas daquelas pessoas sequer me cumprimentavam. Outro fato que não poderia deixar de mencionar é que, quando entrei na universidade, eu ainda não tinha carro, pois não precisava, já que morava a algumas quadras da SEMED.

No entanto, ao começar a ministrar aulas no turno da noite, fui obrigado a usar minha poupança para comprar um automóvel. Isso ocorreu porque, ao terminar a aula após as 22h, não havia ninguém no departamento para receber o retroprojetor – uma “geringonça” grande e pesada. Os vigilantes, que já eram terceirizados, se recusavam a receber o equipamento, e eu precisava levá-lo para casa.

Assim, até chegar à minha residência, eu precisava pegar dois ônibus: um do campus até o terminal da Praia Grande e outro qualquer que passasse pela beira-mar, onde morava na época. A falta de um servidor técnico-administrativo em educação (TAE) que realmente cumprisse seu horário persistiu durante todo o período em que ministrei aulas naquela universidade.

No que diz respeito ao meu relacionamento com os docentes do departamento, a professora Maria José continuou sendo a que mais me inspirava confiança (embora eu tivesse uma boa relação com as chamadas “Macbeths”⁹⁰), pois já estávamos conectados por uma grande amizade e por uma afinidade teórico-metodológica desde os tempos do CEMES. Nossa parceria, iniciada há tempos, manteve-se e fortaleceu-se na UFMA, não apenas por meio da construção de um processo coletivo de aprendizagem, mas também pela partilha de aspectos simples do dia a dia da docência.

O que foi citado acima incluía a indicação e o empréstimo de literatura referente à nossa área de atuação, observações sobre o planejamento das disciplinas (fomos professores de Organização de Sistemas Educativos I e Política Educacional), participação em congressos e encontros, entre outros momentos que contribuíram para nosso crescimento profissional na UFMA.

Outro fato a destacar nesse período, se não estou enganado, foi um “entrevero” que tive com uma professora – pela qual nutro muito respeito – em razão da eleição para reitor. A professora em questão apoiava um candidato do campo majoritário, que sempre dominou as eleições para a reitoria da UFMA, enquanto eu apoiava uma candidata que, embora tivesse sérias restrições ao

⁹⁰ Na seção 5, adiante, esclarecerei o que denomino de “Macbeths”.

seu nome, na minha opinião, era a mais indicada do ponto de vista administrativo e acadêmico.

Lembro que, certa vez, encontrei a professora no hall do prédio da reitoria. Ela me perguntou por que eu votava naquela candidata, e eu expus os mesmos motivos que mencionei acima: sua capacidade administrativa e acadêmica, algo que não reconhecia no outro candidato. Então, ela falou sobre a personalidade e o temperamento da candidata, algo que eu já conhecia, na tentativa de mudar meu voto. Minha resposta foi a seguinte: "Professora, estou escolhendo uma pessoa para ser reitora da UFMA, e não para convidar para jantar em minha casa".

Após esse encontro, senti uma mudança em relação a mim. Certa vez, devido a um desencontro provocado pela direção do CCS na distribuição das salas, essa professora autorizou o professor que reivindicava a sala, junto com um funcionário do Centro, a me "convidar" a me retirar da sala.

A situação piorou porque eu não saí da sala com os alunos, o que gerou um mal-estar geral, inclusive com a chefe da época do DE II, que me ligou para dizer que eu havia sido insubordinado por não acatar uma ordem superior e por ter sido muito deselegante com a professora.

Lembro que falei poucas e boas com essa senhora e desliguei o telefone. No entanto, o fato é que não saí da sala, mas também nunca mais fui perturbado durante as minhas aulas, e a vida seguiu em frente.

Foi também nesse período que conheci a professora Diomar das Graças Motta, que retornava, se não me falha a memória, do doutorado no Sul do país. Em nossas conversas de corredor, ela não poupava críticas ao conservadorismo da UFMA, ao revelar que foi a primeira docente negra do curso de Pedagogia e como, antigamente, as moças da sociedade maranhense sonhavam em casar-se, em razão do status, com os professores da UFMA.

Além de ser uma grande educadora, seu lado sarcástico me seduzia, pois ela não poupava ninguém naquele departamento. Eu ficava de "alma lavada" quando Diomar enquadrava principalmente aquelas que fizeram de tudo para que eu e Maria José não fôssemos professores daquele departamento.

Certa vez, durante uma assembleia departamental, ela fez o seguinte comentário: "Eu até hoje não sei o motivo de terem impedido o Chico e a Mazé, dois meninos bons, de realizarem o concurso? Se eu estivesse aqui, não teria

deixado.” Após a fala de Diomar, a sala ficou em silêncio, sem ninguém falar nada, até que a chefe engoliu em seco e retomou as discussões da reunião. Saí dali com uma sensação de contentamento que não experimentava há algum tempo.

Entretanto, mal tinha começado o semestre e eu estreado em uma sala de aula de uma universidade pública, em uma bela manhã ensolarada de sábado, quando recebi uma ligação da mesma pessoa que, quase um ano antes, na SEMED, havia me convencido a participar do concurso.

Desta vez, a conversa girou em torno do meu interesse em participar da seleção para o Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da UFC (PPGE–UFC) ou para o Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRN (PPGE–UFRN).

Minha resposta imediata foi que eu estava em estágio probatório e, na minha compreensão, não poderia, durante o interstício de três anos, me afastar das atividades objeto do concurso ao qual me submeti, principalmente, da sala de aula. No entanto, fiquei de me certificar, na segunda-feira, com a assessoria jurídica da Associação dos Professores da UFMA (APRUMA), sindicato ao qual eu era filiado na época, e retornaria o contato após a consulta.

Feito o questionamento ao assessor jurídico da APRUMA, o advogado Guilherme Zagallo foi enfático ao afirmar que não havia nenhum dispositivo legal que vedasse a qualificação profissional dos servidores públicos e, por conseguinte, das Instituições Federais de Ensino Superior (IFES) durante o estágio probatório.

O que a instituição poderia fazer, em caso de afastamento – uma vez que as universidades têm autonomia não apenas didático-científica, mas também em gestão financeira, patrimonial e administrativa⁹¹ – seria suspender esse mecanismo de avaliação e, após o retorno do servidor, recomendar de onde havia parado.

Esclarecida a questão do estágio probatório, ainda faltava explicar como funcionaria o convênio estabelecido entre a UFMA e as duas outras universidades, a UFRN e a UFC. Assim, fui informado de que existiam quatro

⁹¹ Artigo 207 da Constituição Federal de 1988.

vagas em cada uma das instituições e que a escolha da universidade ficaria a critério de cada interessado/a.

Quanto à duração, o curso da UFRN tinha um período de três anos (por isso decidi fazer a seleção nessa IFES). O candidato ou a candidata, caso fosse aprovado(a) na seleção, ficaria um semestre completo – o segundo semestre de 2003 – e, nos outros cinco semestres, seriam realizadas visitas curtas de estudos, sem a necessidade de intervalos maiores, como ocorreu no primeiro⁹².

Isso se devia ao fato de que as cotas de bolsas da CAPES destinadas a esse programa não contemplavam todo o período de funcionamento de um curso de pós-graduação stricto sensu, como um doutorado, que era, com na UFRN, de 36 meses.

Lembro que, após a seleção da UFRN, na qual fui aprovado, e da UFC, onde foram admitidas as professoras Maria José Cardozo e Francisca das Chagas Silva Lima, ocorreu uma etapa mais difícil: o afastamento simultâneo de três professores, sendo dois ainda em estágio probatório (eu e a professora Maria José).

A princípio, não houve óbices significativos ao nosso afastamento, em nenhuma instância da universidade, pois a forma como iríamos cursar o doutorado não exigia o afastamento integral, e de longo prazo, como geralmente é exigido pelos programas.

Nós, pelo que foi acordado, passaríamos apenas um semestre em período integral tanto na UFRN quanto na UFC. Por isso, não me lembro de nenhuma intervenção do reitor da UFMA à época, professor Fernando Ramos, no sentido de facilitar o nosso afastamento. No entanto, a idade e a memória, já não tão perfeitas, podem me levar a cometer injustiças. De todo modo, o fato é que fomos liberados/as.

4.3 A chegada na UFRN e a formação continuada no doutorado

O calendário, se não estiver enganado, naquele dia marcava 31 de agosto de 2003. Fazia pouco mais de trinta dias que eu completara um ano de

⁹² Isso era algo que me agradava, pois eu era um recém-casado. A cerimônia de casamento ocorreu no dia 28 de dezembro de 2002 e, quando fui para Natal, em agosto de 2003, eu tinha apenas sete meses de casado.

universidade e já estava desembarcando em outro estado, em outra universidade, para cursar um doutorado, o ápice da pós-graduação brasileira. Para mim, isso era motivo de júbilo e orgulho; afinal, em pouquíssimo tempo, eu havia conquistado espaços antes inimagináveis.

Embora tivesse as condições institucionais para fazer o doutorado, como financiamento da CAPES e o afastamento da UFMA, a realização desse sonho foi bastante difícil no que diz respeito à afetividade. Para sua consecução, eu teria que “abandonar”, embora momentaneamente, minha casa e minha esposa, pois era um recém-casado e estava indo sozinho.

Durante algum tempo, me senti assim, só. Isso se deveu ao fato de que a pessoa que pensei ser uma amiga e com quem dividi a maior parte do tempo que passei em Natal se mostrou uma verdadeira decepção. Mas deixemos a história da “Esfinge do Bacanga”, uma caricatura da famosa “Esfinge de Tebas”⁹³ para depois, pois ainda não é hora de citá-la.

A cidade do Natal, como falam os potiguares, não era estranha para mim, uma vez que já havia morado por quase um ano com minha ex-companheira nessa cidade. De alguma forma, eu guardava boas e grandes lembranças desse lugar. No entanto, diferente da vez anterior, eu não vinha para com a intenção de ficar, mas para estudar e passar um curto período antes de retornar a São Luís.

Embora fosse um cristão novo na UFRN, já conhecia algumas pessoas do PPGEd, como a professora Maria Aparecida de Queiroz, que, no início, aceitou me orientar, e o professor Cabral Neto, com quem tive contato durante suas estadas na UFMA, inclusive como membro da banca de mestrado da professora Maria José. Para minha sorte, a linha escolhida na inscrição para a seleção – Educação, Política e Práxis Educacional – foi justamente a mesma em que esses docentes atuavam.

A princípio, como em todo programa de pós-graduação, tive que me matricular em uma série de disciplinas para atingir o número de créditos necessários para obter o título de doutor. No entanto, dentre todas as daquele

⁹³ A Esfinge de Tebas, um ser mitológico com corpo de leão e rosto humano, que poderia ser tanto masculino quanto feminino, ficou famosa pelo ultimato “decifra-me ou te devoro”, que fazia aos viajantes que passavam pela cidade. Isso os obrigava a decifrar o enigma ou pagar com a vida.

semestre, destaco uma: Estado e Desenvolvimento, ministrada por Willington Germano (carinhosamente chamado de o Eric Hobsbawm da UFRN) e pela professora Eleonora Tinoco.

Essa disciplina, Estado e Desenvolvimento, me marcou porque foi a que introduziu uma discussão que, mais tarde, me levaria, como ocorreu no mestrado, a mudar meu objeto de estudo. Com foco no Estado, esse componente curricular permitiu compreender como ocorreu a formação dos Estados Nacionais; bem como o papel do Estado como operador das políticas públicas implementadas na sociedade, e a relação do aparato estatal com o desenvolvimento, ou seja, com o processo de industrialização e modernização capitalista.

Não que os outros componentes curriculares não tenham sido importantes para minha formação no doutorado, mas a relevância se deve ao fato de eu ter tido acesso a certa literatura que subsidiou fortemente a redefinição do futuro objeto de estudo. Além disso, foi durante minha participação nessa disciplina que estabeleci laços de amizade que perduram até hoje.

Esses laços propiciaram a formação de um núcleo de doutorandos e mestrandos que mais tarde criaria o Grupo de Estudos do Trabalho (GET)⁹⁴, incluindo Zeu Palmeira e Marconi Gomes. Mas uma pessoa em especial marcará para sempre minha vida: foi durante essa disciplina que conheci a mulher que se tornaria, anos depois, minha esposa, uma professora do ensino médio chamada Ana Patrícia Dias.

No entanto, antes do término do semestre e do retorno a São Luís, por um grande acaso, encontrei-me com as professoras Marcia Gurgel e Magna França, respectivamente coordenadora e vice-coordenadora do PPGE. Elas me perguntaram se era correta a informação de que eu e a professora Iran Nunes iríamos retornar à UFMA e só voltar em curtas visitas de estudos a cada semestre. Eu respondi que sim, pois esse teria sido o acerto com a professora responsável pelo convênio entre a UFRN e a UFMA.

⁹⁴ Participaram da criação do GET, além de mim, professor da UFMA, Zeu Palmeira, juiz federal e professor do curso de Direito da UFRN, e Marconi Gomes, professor do curso de Economia da UFRN. Também se juntaram a nós nessa empreitada os professores Henrique Wellen, atualmente docente do curso de Serviço Social da UFRN, Francisco das Chagas da Silva (Chaguinha), professor do curso de Serviço Social da Universidade Estadual de Roraima, e Ricélia Marinho, servidora de carreira do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

De imediato, as duas objetaram essa possibilidade, esclarecendo que tal acerto não tinha fundamento por um simples motivo: o PPGEd não funcionava à distância. Ou seja, os cursos de mestrado e doutorado desse programa eram presenciais, de modo que nós (eu e Iran) teríamos que retornar a cada semestre para participarmos das atividades do programa presencialmente, ou seja, nós teríamos que residir em Natal pelo menos durante o funcionamento do semestre.

Essa nova realidade gerou o primeiro conflito entre mim e a professora responsável pelo convênio. O imbróglio criado por essa situação me levou a considerar abandonar o doutorado, pois isso implicava diretamente na minha vida pessoal, uma vez que eu deveria residir na cidade do Natal por, pelo menos, dois anos e meio. Além disso, havia os problemas relacionados ao financiamento e ao afastamento, sendo que este último, inicialmente, só foi possível devido à brevidade da nossa permanência em Natal e na UFRN.

A princípio, a situação do financiamento foi parcialmente resolvida. Como apenas quatro das oito vagas haviam sido preenchidas, as cotas remanescentes foram distribuídas entre os doutorandos, com a promessa de que seriam ampliadas, caso necessário.

O imbróglio do afastamento, por sua vez, foi mais complicado, pois uma professora havia conseguido uma vaga para o pós-doutorado na USP. Dessa vez, o departamento teria que liberar não apenas três, mas quatro professores simultaneamente.

Findadas essas etapas – isto é, resolvidos os problemas de financiamento e afastamento⁹⁵ – restava agora o desafio doméstico, que não foi bem recebido pela minha esposa. A princípio, ela havia concordado apenas porque minha ida para o doutorado tinha sido fundamentada em outras bases. Agora seria diferente: eu precisaria morar em outra cidade, a 1.412 km de distância.

Outro fato que ocorreu durante o período de afastamento para o doutorado foi a minha aprovação no estágio probatório. Isso confirmou a informação do assessor jurídico da APRUMA na época, de que, segundo ele,

⁹⁵ A condição para o meu afastamento para o doutorado era retornar para ministrar disciplinas nas férias. Contudo, se não estou enganado, havia um dispositivo legal que vedava aos servidores afastados para capacitação em outro estado exercerem atividades docentes em seu órgão de origem, o que inviabilizou esse acordo.

não havia qualquer impedimento para que o servidor em estágio probatório não tivesse direito ao afastamento do cargo para se qualificar⁹⁶.

4.4 O regresso a Natal

*Isso é Natal, ninguém se dá muito mal
Como dizem pessoas quase sem se sentir
Linda baby, baby linda, volte sempre aqui*⁹⁷.

Mesmo a contragosto, a minha “conje”⁹⁸ à época resolveu consentir, e eu me mudei para Natal em fevereiro de 2004 para continuar os estudos do doutorado. Continuei a morar na mesma casa do semestre anterior, em Lagoa Nova, alugada por uma pessoa que conhecia desde a época do CEMES e que considerava amiga. Dividimos o pagamento do aluguel até 2005, já em Capim Macio, quando essa pessoa defendeu sua tese e retornou a São Luís, um ano antes de mim.

Na verdade, não seria a primeira vez que morei em Natal. Há doze anos – em relação a 2003 – eu havia morado com minha primeira companheira por cerca de um ano nessa cidade, e confesso que foi um ano inesquecível. Agora, a linda Natal, que Pedrinho Mendes chamou carinhosamente de “linda, baby/baby, linda”, me trazia de volta. Porém, desta vez, não por causa de uma paixão, mas por uma formalidade do meu trabalho.

Assim, a volta a Natal, agora com dedicação exclusiva ao doutorado, possibilitou que eu revisse meu objeto de estudo e redefinisse o projeto que, se a memória não falhar, antes abordava a formação de professores. Nessa época, eu estava resgatando o que havia feito no mestrado; ou seja, voltava às origens como pesquisador na área de trabalho e educação.

Nessa nova conjuntura, o problema a resolver agora seria de natureza acadêmica, ou seja, consolidar meu projeto de pesquisa e prepará-lo para a

⁹⁶ Portaria 13/2004-PRH, de 02 de agosto de 2004, em anexo.

⁹⁷ Linda baby, música de Pedrinho Mendes (1987).

⁹⁸ “Conje” é como um “erudito” ex-membro da justiça federal que contribuiu para a regressão democrática no país, durante uma audiência pública no Senado Federal em 2019, pronunciou a palavra “cônjuge”. Na verdade, chamar o ex-juiz de erudito é uma ironia, pois ele não possui essa característica. Isso ficou claro durante uma entrevista com o jornalista Pedro Bial, quando o “erudito”, ao afirmar que gostava muito de ler biografias, não conseguiu citar uma única que tivesse lido.

primeira qualificação, que é um pré-requisito para dar seguimento à elaboração da tese. Esse foi um momento difícil, pois houve um descompasso entre mim e minha orientadora, a professora Maria Aparecida Queiroz⁹⁹. Para tentar superar esse descompasso, agarrei-me a uma máxima da pós-graduação stricto sensu, que afirma que os discentes de doutorado têm autonomia intelectual para caminharem sozinhos na elaboração de suas teses.

Passado esse momento, em que me saí muito bem na fase da qualificação, decidi falar com a professora Aparecida sobre a necessidade de buscar um(a) novo(a) orientador(a) na área de estudos em que havia decidido realizar a pesquisa. Ela concordou e não colocou qualquer obstáculo. Foi então que conversei com a pessoa que dividíamos aluguel para saber se ela poderia sondar a orientadora dela, a professora Doninha, sobre a possibilidade de me aceitar como orientando.

Aceita a minha solicitação pela professora Doninha, mergulhei de cabeça para tentar terminar a pesquisa em um curto espaço de tempo, pois já começava a me afeiçoar novamente à cidade do Natal. Imaginei até que, quando fosse embora, essa afeição se apagaria. O problema é que eu estava totalmente enganado.

Deixando as peculiaridades afetivas de lado e retornando às particularidades acadêmicas, no novo projeto discuti a política nacional de educação profissional do governo Fernando Henrique Cardoso, sob a responsabilidade do Ministério do Trabalho, na década de 1990.

Meu objetivo era desmistificar tanto os resultados das ações de educação profissional em nível básico oferecidas pelo PLANFOR quanto os efeitos sobre os egressos atendidos por essa política. Nesse sentido, foi a partir dessas premissas que construí todo o arcabouço teórico da pesquisa que, como veremos, resultará na tese de doutorado defendida no final de 2006.

No entanto, nesses três anos e meio em que morei em Natal (de agosto de 2003 a dezembro de 2006), muita coisa mudou. Os sobrados e os telhados da minha linda São Luís, tocada a reggae de Carlinhos Veloz, já não tinham o mesmo brilho. Aquela cidade, a ilha inexata de César Nascimento, já não me

⁹⁹ Com a mudança do objeto de estudo e do projeto de pesquisa, enfrentei muitas dificuldades na orientação com a professora Aparecida, uma vez que ela era pesquisadora de uma área diferente da de trabalho e educação.

tocava o coração como antes, especialmente porque meu relacionamento amoroso, que mal havia começado, já tinha terminado.

Além disso, vivi alguns contratempos que me deixaram muito inseguro, como a perda total de um ano inteiro de trabalho já realizado e sistematizado em razão da queima do disco rígido do meu computador. Isso me levou a acelerar novamente os estudos e a retomar tudo o que havia elaborado anteriormente, o que me provocou muita insegurança.

Lembro que, para compensar o tempo perdido, passei a estudar cerca de 12 horas por dia. Foram dias difíceis, marcados por muito medo de não conseguir refazer o que havia perdido e avançar para finalizar a pesquisa. Em alguns momentos, pensei até que não conseguiria, mas, aos “trancos e barrancos”, encarando o medo e o dilema do que faria após terminar a tese, consegui concluir o trabalho.

Essas angústias foram muitas vezes divididas com o professor José Carlos Silva¹⁰⁰, o sujeito mais discreto que já conheci, entre uma cerveja e outra, acompanhadas de um bom churrasquinho lá no espetinho do Pedrão da Roberto Freire.

Assim, em meio a dilemas, angústias e medos, defendi a minha tese de doutorado no final de 2006, mais precisamente no dia 14 de dezembro, intitulada: PLANFOR: políticas compensatórias para a inclusão na informalidade. A banca que julgou esse trabalho foi composta pelas/os professores: Maria Doninha de Almeida (orientadora); Maria Aparecida de Queiroz (UFRN); José Antônio Spinelli Lindoso (UFRN); Franci Gomes Cardoso (UERJ) e Francisco Mauri de Carvalho Freitas (UFES)¹⁰¹.

Lembro que foram poucas as pessoas que compareceram à apresentação, mas uma pessoa especial esteve presente: alguém que me acompanhou anonimamente ao longo dessa caminhada, à época, já professora da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) Ana Patrícia Dias.

¹⁰⁰ Quando a pessoa, com quem dividia o aluguel, e eu mudamos de Lagoa Nova, o meu grande amigo Zé Carlos Silva passou a dividir o aluguel conosco.

¹⁰¹ Cópia do diploma de doutorado em anexo.

5 DE VOLTA À CAVERNA DO DRAGÃO¹⁰²

Os leitores deste memorial devem ter lido em algum lugar do texto que, em certo momento, eu daria ênfase a duas palavras que, a meu ver, são as mais apropriadas para explicar o enredo que contarei a partir daqui: ingratidão e insubordinação. No entanto, talvez eu precise incluir uma terceira palavra: subserviência.

E por que essas palavras seriam tão importantes? Acredito que a importância atribuída a elas se deve ao fato de que, sem elas, não é possível compreender o que vivi na UFMA após o meu retorno. Desse modo, a ingratidão se relaciona diretamente à traição – a traição às “Macbeths” que se expuseram e até contribuíram para que eu fizesse um concurso e um doutorado e, quem sabe, até que se prove o contrário, a algo que eu teria feito na minha vida privada.

A submissão está associada a um trocadilho da frase “saint-exupéryana”, que originalmente seria “tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas”¹⁰³, mas que transformei em “eu me tornarei eternamente grato” (ou melhor, endividado) pelas “Macbeths” que um dia fizeram algo por mim. Essa confusão, a meu ver, misturou gratidão com fidelidade a todo custo, em razão de uma dívida eterna.

Por fim, a terceira palavra, “insubordinação”, refere-se à minha postura de “ousar” (eu apenas pedi para ir embora) ao ir contra a vontade das pessoas que imaginavam que, porque um dia fizeram algo por mim, eu deveria, em contrapartida, manter uma obediência cega a elas. Mas foi uma jura¹⁰⁴ que nunca fiz.

No entanto, como pouco vivi o cotidiano acadêmico na UFMA e, conseqüentemente, acrescentei quase nada ao meu currículo Lattes após retornar a São Luís – além de perceber que minha vida privada havia se tornado

¹⁰² A 'Caverna do Dragão' foi uma clássica série de desenho animado dos anos 1980. Ela conta a história de um grupo de jovens que, ao entrar em uma montanha-russa, passa por um portal interdimensional que os leva a uma realidade paralela repleta de perigos e aventuras surreais. Mas, para mim, nada foi mais surreal do que a UFMA. Dizer que algo é surreal significa que é um absurdo ou que não corresponde à realidade. Em outras palavras, algo que foge completamente da normalidade, sendo bizarro ou ilógico.

¹⁰³ “Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas” é uma máxima de Antoine de Saint-Exupéry, presente em O Pequeno Príncipe.

¹⁰⁴ O termo 'jura' aqui empregado tem o sentido de jurar, prometer, afirmar perante testemunhas ou estabelecer um compromisso.

um assunto interno do DE II, como esclarecerei adiante –, decidi narrar os fatos surreais dessa trama como resultado de uma investigação científica. Afinal, aprendi algo durante o doutorado na UFRN, um curso voltado para a formação de pesquisadores.

5.1 Introdução

Toda investigação científica começa com a escolha de um tema, pois será a partir dele que o pesquisador definirá o assunto a ser estudado. O tema escolhido por mim foi o relativo às “relações interpessoais no ambiente universitário”. Mas como todo tema envolve uma amplitude de escolhas, em seguida parti para a definição do objeto de estudo, que, como é sabido, nada mais é do que a especificação e delimitação do tema.

Além disso, a escolha do objeto de estudo foi fundamental, pois definiu o ponto de vista da minha análise e determinou as demais delimitações da pesquisa. Dessa forma, o objeto de estudo desta investigação foi “as causas das relações conflituosas e hegemônicas¹⁰⁵ entre pares na Universidade Federal do Maranhão”, tendo como referência empírica o Departamento de Educação II dessa instituição.

Embora a pesquisa se inicie com a escolha do tema e, em seguida, com a definição do objeto de pesquisa, é com a elaboração de uma pergunta de partida que, de fato, se inicia a investigação. Feito essa escolha, essa questão orientou o estudo, definiu o que eu analisaria e o tipo de dados que eu deveria coletar.

Porém, o grande dilema, após escolher o tema e o objeto de pesquisa, foi determinar qual seria a minha pergunta de partida. Depois de muitas elucubrações, cheguei à seguinte questão: “Quais as causas que teriam motivado as ‘Macbeths’¹⁰⁶ (“Macbeth ad”, “Macbeth am” e “Macbeth iv”) a

¹⁰⁵ Refere-se à hegemonia, ao poder ou domínio que algo ou alguém exerce sobre outras coisas ou pessoas.

¹⁰⁶ O termo se refere a uma personagem de uma das tragédias mais famosas de William Shakespeare, “Macbeth”. Um dos temas centrais do livro é a exploração da natureza do mal. Macbeth, inicialmente um herói corajoso e leal, transformou-se em um sujeito cruel e sanguinário. Assim, o termo alude à “natureza” humana, ou melhor, à natureza do mal das pessoas que, por razões óbvias, não citarei os nomes.

exercerem seu hegemonismo e mudarem de opinião em relação à minha redistribuição da UFMA para a UFRN?”

Após definir a pergunta, parti para a escolha do objetivo, o que foi mais fácil, uma vez que toda pergunta de partida sempre se desdobra em um objetivo geral. Assim, meu maior propósito com essa investigação foi “descobrir as causas que teriam motivado as 'Macbeths' ('Macbeth ad', 'Macbeth am' e 'Macbeth iv') a exercerem seu hegemonismo e mudarem de opinião sobre a minha redistribuição da UFMA para a UFRN.”

Após superar essas etapas, formulei a seguinte hipótese¹⁰⁷: nesta investigação, parto do princípio de que as motivações das 'Macbeths' ('Macbeth ad', 'Macbeth am' e 'Macbeth iv') para exercerem seu hegemonismo e mudarem de opinião em relação à minha redistribuição da UFMA para a UFRN foram, em primeiro lugar, o entendimento de que meu pedido era visto como uma ingratidão, confundindo gratidão com subserviência. Em segundo lugar, meu desejo de transferir para a UFRN foi interpretado como insubordinação, e toda insubordinação deve ser punida como forma de exemplo para aqueles que, no futuro, tentem agir de maneira semelhante.

No entanto, é preciso avisar aos “navegantes” que a hipótese, assim como toda resposta provisória, pode ser corroborada ou não ao longo da investigação.

Já a metodologia adotada nesta pesquisa se baseou em uma abordagem qualitativa, de natureza exploratória, e, quanto aos procedimentos, foi uma pesquisa ex-post-facto. Assim, ela foi qualitativa porque considero que existia uma relação entre o mundo e o sujeito que não podia ser traduzida em números; portanto, é uma abordagem que enfatiza o subjetivo, e eu não teria como quantificar as nuances dessa investigação.

A natureza exploratória se deveu ao fato de me proporcionar maior familiaridade com o problema. Assim, por eu desconhecer outros casos concretos, a pesquisa exploratória foi a mais indicada. Embora envolva levantamento bibliográfico (que não encontrei) e análise de exemplos – o que dificultou a utilização desses recursos –, essa pesquisa possibilitou a coleta de

¹⁰⁷ Em linhas gerais, uma hipótese nada mais é do que uma resposta provisória a um problema de pesquisa (a pergunta de partida).

depoimentos com pessoas que tiveram experiências práticas diretas e indiretas com o problema, o que viabilizou os achados finais da investigação.

Por fim, ela foi ex-post-facto porque pretendeu investigar possíveis relações de causa e efeito entre o fato determinado e um fenômeno que ocorreu posteriormente. Assim, a principal característica desse recurso metodológico foi a coleta de dados após a ocorrência dos fatos.

Quanto aos instrumentos de coleta de dados, nesta investigação utilizei a técnica da observação participante, em que o pesquisador – no caso, eu – atua como o principal instrumento de coleta, estando diretamente envolvido no ambiente estudado. Também recorri à técnica da história oral, que envolveu a escuta de relatos dos sujeitos participantes da trama.

Em relação à amostra da pesquisa, esclareço que ela foi composta por quatro sujeitos que, direta ou indiretamente, tiveram relação com o fato investigado. Foram pessoas da UFMA e que residiram e/ou trabalharam no meu último local de moradia em Natal-RN.

Já o espaço geográfico onde a pesquisa de campo foi realizada compreendeu duas cidades: São Luís do Maranhão, mais precisamente o campus da UFMA, onde os fatos ocorreram, e Natal-RN, no último local em que morei, onde foram colhidos os últimos depoimentos que corroboraram as informações da primeira coleta – como se verá adiante a do telefonema para minha amiga – e que foram decisivos para elucidar o principal motivo que levou ao indeferimento do meu pedido de redistribuição para a UFRN.

O referencial teórico da investigação foi, sem dúvida, o grande ponto fraco deste trabalho, pois não havia nada escrito ou investigado pela academia sobre o tema. Embora a literatura acadêmica não aborde o âmago da investigação – a relação entre os pares – busquei contornar esse vácuo, ainda que de maneira superficial, ao explorar o adoecimento pelo trabalho. Considero que o ambiente universitário, independentemente do meu caso particular, é um ambiente doente, explicado pelas relações estabelecidas em seu interior.

Na verdade, a investigação de um objeto como esse – os motivos e determinações das relações conflituosas e “hegemonistas” entre pares na universidade – é muito rara no ambiente acadêmico (se é que existe alguma). Isso não desperta o interesse dos pesquisadores, pois sua evidência exporia como funcionam as relações entre pares, desvelando as entranhas das

interações estabelecidas pelos sujeitos no interior das universidades. A meu ver, o mundo acadêmico empurra esse tema, por vergonha ou medo, para debaixo do tapete pomposo do panteão universitário.

Já as palavras-chave, como mostradas acima, foram: ingratidão, traição, subserviência, insubordinação, retaliação.

Esclareço que, conforme orientam os comitês de ética das universidades, os nomes dos sujeitos participantes ou citados na pesquisa foram preservados, o que fiz prontamente. Assim, os participantes ouvidos na investigação foram identificados como “uma amiga”, “amiga da amiga”, “vizinha” (já falecida) e “trabalhador da portaria do condomínio”. Os demais participantes, apenas citados, foram referidos pelo termo comum “Macbeth”, seguido de duas letras do alfabeto em minúsculo (consoantes e/ou vogais), escolhidas aleatoriamente para individualizar cada sujeito, como, por exemplo, “Macbeth ad”.

Por fim, após a apresentação dos elementos que compõem uma investigação científica e das informações iniciais, passo a discutir os resultados alcançados durante o processo de investigação, que, a meu ver, não têm nada de acadêmico, mas sim de administrativo ou criminal, pois o que sofri foi assédio moral.

5.2 Cuidado com os canibais: eles estão na sala de jantar^{108,109}

O calendário marcava 19 de dezembro de 2006 quando voltei para reassumir o cargo de professor na UFMA, agora portador do título de doutor¹¹⁰. No entanto, esse retorno ocorreu em um momento muito delicado da minha vida pessoal. Após três anos longe de São Luís e com o fracasso do meu casamento, que durou apenas sete meses, nem mesmo os telhados, os sobrados e muito

¹⁰⁸ O título desta seção secundária é emprestado de um livro do nada saudoso Arnaldo Jabour. O título original é “Os canibais estão na sala de jantar”.

¹⁰⁹ A metáfora do canibal remete a alguém que comete atos cruéis, bestiais e desumanos. Já a metáfora da sala de jantar remete a um espaço da casa onde as pessoas se reúnem para comer, possuindo um significado simbólico relacionado à unidade das pessoas (uma família), à empatia, à partilha e ao diálogo.

¹¹⁰ Inclusive, o término do doutorado permitiu um salto na carreira. Lembro que passei de auxiliar 2 ou 3 para assistente 1, o que resultou em um aumento considerável no meu salário.

menos a ilha inexata me apeteçiam mais. Muito menos o título de doutor que, para alguns, seria motivo de orgulho e júbilo¹¹¹.

Em um primeiro momento, tentei manter uma rotina que pudesse preservar a minha saúde mental e que não me predispusesse a choques emocionais que me deixassem mais fragilizado do que já estava. Isso significava que o trabalho poderia ser uma forma de minimizar esse quadro. Assim, retornei às salas de aula, embora aquela insegurança das primeiras vezes tenha me afligido novamente. Afinal, a experiência docente na UFMA se resumiu a pouco mais de quatro meses.

Passei, então, a ministrar aulas nos turnos vespertino e noturno do curso de Pedagogia. Lembro vagamente que as primeiras disciplinas que ministrei na graduação foram Sociologia da Educação I e II e Política Educacional, nos turnos mencionados no início deste parágrafo. Logo depois, foi solicitada a minha adesão ao Programa de Pós-Graduação em Educação, que, à época, só oferecia o curso de mestrado.

Esse período também coincidiu com o retorno da professora Maria José, que passou também a fazer parte do PPGE, o que me deixou mais tranquilo. Assim, passamos a integrar a mesma linha de pesquisa (História, Políticas Educacionais e Formação Humana) e começamos, juntos, a dar os primeiros passos como docentes pesquisadores na pós-graduação após a conclusão do doutorado, eu como integrante de um projeto coordenado por ela.

No entanto, embora eu tenha preenchido minha rotina com o trabalho na universidade, ainda me sentia angustiado, pois as questões pessoais e privadas me assombravam. Foi nesse momento que decidi tentar voltar para Natal e solicitar a redistribuição¹¹² para a UFRN. Nessa época, um professor da UFRN que eu conhecia estava em São Luís para participar, se não me falha a memória, da defesa de uma dissertação do Programa da UFMA. Pedi para falar pessoalmente com ele e informá-lo sobre minha situação e a decisão de tentar

¹¹¹ Lembro que, certa vez, um professor me disse que ser doutor em uma universidade equivaleria a alçar-se ao panteão, que representava a maior expressão da glória de Roma há mais de dois mil anos: um templo dedicado a todos os deuses da Roma Antiga. Assim, ser doutor equivaleria a ser uma espécie de deus.

¹¹² A redistribuição é o deslocamento de um cargo de provimento efetivo, ocupado ou vago, entre instituições federais de ensino, conforme o artigo 37 da Lei 8.112/1990.

a redistribuição para a UFRN, perguntando se ele poderia me ajudar na movimentação do processo.

Lembro da reação empática do professor em relação à minha demanda, mas ele me alertou que nada garantia que a minha solicitação fosse acatada e que, dentro de suas possibilidades, tentaria dar celeridade ao processo. E assim o professor fez. Soube depois, por meio de outros professores, que ele se empenhou para que o processo fosse apreciado na reunião do departamento homólogo ao que eu era lotado na UFMA. Para minha surpresa, a boa nova é que minha solicitação de redistribuição havia sido deferida por aquele colegiado.

O curioso é que não fiquei sabendo dessa decisão, pois acompanhava o processo pelo sistema da UFRN, que mostrava que ele ainda estava parado em um dos órgãos da PROGESP onde foi protocolado¹¹³. Daí ser pego de surpresa com a notícia, dada por um amigo que tinha cursado o Mestrado comigo¹¹⁴, de que eu iria ser redistribuído. A essas alturas “toda” a UFMA já era sabedora da boa nova, menos eu.

Após ser comunicado extraoficialmente sobre a decisão, procurei “MacBeth iv” e “Macbeth am”, pessoas que até então haviam sido solícitas comigo, para verificar a veracidade da notícia, o que foi confirmado por elas. Assim, chegou a hora de explicar o que estava acontecendo comigo, justificando o pedido de redistribuição. A notícia foi uma surpresa tanto para aquelas pessoas quanto para mim; para mim, uma grata surpresa; já para elas, como se verá, nem tanto.

Confesso que, devido ao histórico de fatos desagradáveis do Departamento de Educação II comigo, sempre tive o “pé” atrás em relação ao que parte dele poderia fazer em relação à minha liberação. Porém, nunca imaginei que pessoas em quem confiei e que me apoiaram em outros momentos pudessem, desta vez, ser as responsáveis pela maior de todas as minhas frustrações com a universidade.

¹¹³ Quem protocolou o processo na Pró-Reitoria de Pessoal (PROGESP) para mim foi a professora Edneuzza Nobre, companheira dos tempos da Escola da CUT que mora em Natal.

¹¹⁴ Na verdade, quem contou a notícia ao meu amigo Vespasiano da Hora foi sua esposa, Cândida Costa, que era professora do departamento de Serviço Social da UFMA e, se não estou enganado, ouviu esse 'boato' nos corredores da Pró-Reitoria.

A desfaçatez dessas pessoas foi impressionante, algo que jamais tinha visto antes. Até hoje, confesso, não consigo acreditar como mudaram tão rapidamente de opinião e passaram a me ver como um sujeito ingrato e até desleal. No entanto, essa não era a impressão que elas transmitiam. Ao contrário, sempre se mostraram solidárias à minha situação, especialmente porque minha saúde mental só piorava.

Assim, embora eu me esforçasse ao máximo para manter o equilíbrio emocional, mesmo com a boa notícia, fui me tornando cada vez mais angustiado e tomado por mudanças de humor e sentimentos de tristeza. A princípio, esses sentimentos pareciam não ter motivos aparentes, mas depois se associaram a uma ansiedade generalizada que, em pouco tempo, se transformou em síndrome do pânico¹¹⁵.

Essa situação ficou ainda mais evidente quando, durante a apresentação de um trabalho em um congresso em João Pessoa, tive uma crise súbita de pânico. O que me impressiona até hoje foi o semblante de preocupação de uma daquelas pessoas que, posteriormente, me considerou uma espécie de “anjo decaído”¹¹⁶, refletindo sobre a repercussão que isso poderia ter na universidade, principalmente no DE I.

Nunca esqueci da pergunta que uma das pessoas me fez: “Alguém, do outro departamento, viu?” Eu respondi: “Sim, viu.” Até porque era uma apresentação de trabalhos na área da sociologia da educação e vários professores da UFMA estavam presentes quando ocorreu o “incidente”, inclusive uma professora do DE I.

E isso se agravou ao ponto de eu passar a ter medo de dirigir meu carro após as aulas do turno da noite. Foi então que resolvi procurar um psiquiatra, indicado inclusive por uma dessas pessoas (“Macbeth ad”): o professor do departamento de Psicologia da UFMA e médico psiquiatra, Dr. Geraldo Melônio. Após algum tempo de tratamento com o Dr. Geraldo, fui diagnosticado, se não

¹¹⁵ Na verdade, trata-se modernamente de um transtorno que pode ter como origem situações extremas de estresse, como crises conjugais, separações, brigas, mortes na família ou outras experiências traumáticas para o indivíduo.

¹¹⁶ Anjo decaído é um termo usado na teologia cristã para descrever um anjo que se entregou ao pecado e se rebelou contra deus; por isso, mereceu ser expulso do paraíso.

me falha a memória, com ansiedade generalizada, síndrome do pânico e depressão, sendo que a ansiedade seria o gatilho para as duas últimas.

Mesmo assim, continuei a ministrar minhas aulas. Até que um dia, uma das personagens do enredo me procurou, “Macbeth iv”, e disse que iria participar de alguma coisa que não lembro na UFRN, perguntando se eu poderia substituí-la nesse período. Eu respondi que sim, desde que não houvesse choque de horários com as disciplinas das quais era responsável. Não lembro se eu consegui ministrar as aulas dessa pessoa.

Na UFRN, soube que “Macbeth iv”, ao ser indagada se a minha redistribuição seria ou não homologada, assentiu quanto ao deferimento. Essa resposta teria levado alguns professores do departamento em que eu seria lotado na UFRN a se dirigirem ao reitor para solicitar, com urgência, o envio do meu pedido de redistribuição à Secretaria Executiva do Ministério da Educação (MEC)¹¹⁷. Essa solicitação, é bom que se destaque, ocorreu sem a homologação da minha redistribuição pelo Departamento de Educação II e pelas instâncias superiores da UFMA.

Mas o mais inacreditável ainda estava por acontecer. Quando o processo foi enviado pela Pró-Reitoria de Recursos Humanos (PRH) ao DE II para decidir sobre o seu deferimento, “Macbeth iv”, que havia recentemente assentido quanto ao deferimento, quando foi questionada pelos professores da UFRN, solicitou a retirada do ponto da pauta que analisaria meu processo de redistribuição durante a assembleia departamental.

“Macbeth iv” argumentou que seria necessário elaborar um documento a ser enviado à reitoria para que esta garantisse o código de vaga para o DE II. Fui pego de surpresa, pois tudo se encaminhava para um desfecho favorável, até porque meu nome, como docente da UFRN, já constava em folders com a programação de um encontro sobre gestão que ocorreria no campus daquela universidade¹¹⁸.

¹¹⁷ Essa informação foi dada a mim, por telefone, pelo pró-reitor da UFRN à época do acontecimento. Durante os primeiros instantes da ligação, ele não foi nada cordial comigo, perguntando como eu tive a coragem de colocar todo mundo, inclusive o reitor, em saia justa. Depois que contei o que tinha acontecido, ele foi mais compreensivo.

¹¹⁸ Embora aquilo fosse muito importante para mim, o fato é que eu nunca fui consultado pela pessoa que elaborou a programação do encontro sobre minha participação e, muito menos, como professor da UFRN.

Lembro que, após esse fato, liguei para “Macbeth iv” para expressar minha preocupação com o ocorrido na assembleia. No entanto, fui demovido da minha apreensão com o argumento de que não era nada para me prejudicar, mas apenas para resguardar o DE II de qualquer dano em razão da minha ida para a UFRN.

Como a assembleia anterior, uma ordinária, não conseguiu tratar todos os pontos da pauta, foi marcada uma outra assembleia, extraordinária, para finalizar os assuntos pendentes na semana seguinte. Lembro que era uma manhã de segunda-feira e, nesse dia, percebi o quanto a máxima de Marx – “Nada do que é humano me é estranho” – faz tanto sentido.

Recordo que “Macbeth iv” e “Macbeth am”, responsáveis pela retirada do processo da pauta da reunião anterior, chegaram algum tempo depois do início da assembleia e, imediatamente, solicitaram a inclusão do ponto que tratava da redistribuição na assembleia extraordinária.

Embora tenha achado estranho aquele pedido, assim como a rapidez com que o documento foi elaborado – especialmente porque, durante minha conversa por telefone com “Macbeth iv”, ela me tranquilizou de que eu seria consultado – votei pela inclusão e, em nenhum momento, verifiquei se aquilo era uma prática regimental e, portanto, legal.

Pois bem, para meu espanto, não se tratava de um documento que deveria ser enviado à reitoria da UFMA para tentar atenuar possíveis perdas do departamento com a minha saída, mas sim um texto cheio de provocações, no qual eu era tratado como alguém antiético (na verdade, ingrato), um sujeito sem escrúpulos (desonesto) e que fazia tudo às escondidas (traidor). Confesso que custei a acreditar naquilo quando “Macbeth am”, que havia me induzido a acreditar que apoiava minha ida à UFRN, começou a ler os impropérios contra mim.

Na verdade, depois entendi que aquilo era um aviso que poderia ser resumido em um ditado que minha mãe, para mostrar sua autoridade perante os filhos, me repetiu inúmeras vezes: “quem prova do meu pirão, prova do meu cinturão”. Ou seja, eu não iria a lugar nenhum sem o consentimento de “Macbeth iv” e “Macbeth am”, muito menos depois de tudo o que foi feito por essas pessoas para que eu me tornasse o que sou, pois teria uma dívida de gratidão eterna com elas.

Assim, a minha insubordinação – o pedido de redistribuição – segundo aquelas pessoas, seria uma ingratidão (um pecado mortal, logo, imperdoável) da minha parte e, portanto, isso me custou muito caro: a mais profunda frustração que tive com a universidade.

5.3 A universidade do cansaço¹¹⁹

Embora o debilitamento da minha saúde tenha ocorrido antes do que foi narrado, foi esse fato que agravou ainda mais o meu quadro. Embora o que aconteceu comigo seja algo peculiar, talvez até único, a verdade é que a relação entre sociedade e sofrimento psíquico – e a universidade não está imune a isso – se tornou um fenômeno generalizado. No mundo contemporâneo, o desempenho se transformou no objetivo a ser alcançado a todo custo.

Ainda que sejam muitos os fatores que podem levar ao afastamento de docentes de suas funções, os problemas psíquicos têm crescido consideravelmente nos últimos anos. A explicação para esse fenômeno pode ser encontrada tanto na pressão por produtividade quanto nos conflitos nas relações interpessoais dentro dos departamentos, que tendem a agravar ainda mais esse quadro.

Assim, se a situação da minha saúde mental não era das melhores, piorou. Recordo que o Dr. Geraldo receitou uma série de psicotrópicos para os meus transtornos, pois muitos dessas medicações não faziam mais efeito. Eu não conseguia mais dormir, de modo que, quando fui morar por algum tempo na casa da professora Maria José, dormi mais de uma semana, acordando apenas para comer e quando as pessoas me despertavam.

Assim, obstada a possibilidade de ser redistribuído para a UFRN, restava-me apenas uma alternativa: pedir exoneração e começar tudo de novo. Cheguei a fazer isso, ou seja, fui até a UFMA pedir exoneração, mas fui demovido por uma servidora da Pró-Reitoria de Recursos Humanos (PRH), cuja identidade não recordo. Pensei em fazer concurso para a UFRN, mas fui

¹¹⁹ O título desta seção é um trocadilho com o livro de Byung-Chul Han, intitulado *A Sociedade do Cansaço*, no qual o autor analisa profundamente a ansiedade por resultados na sociedade capitalista. Em um mundo onde o indivíduo se auto explora e se torna prisioneiro de sua própria busca por produtividade, a ansiedade se torna uma constante.

desestimulado a fazê-lo após um “recado” que recebi de alguém daquela universidade, informando que seria muito difícil eu ser aprovado, pois havia muita gente boa inscrita¹²⁰.

Foi então, após esses e outros acontecimentos, que o Dr. Geraldo me falou algo decisivo para os eventos que viriam a seguir. Ele me disse, mais ou menos, o seguinte: “O senhor não pode ter mais problemas do que já tem; logo, a sua exoneração seria mais um problema a resolver, e o melhor seria encontrar uma forma institucional de ir embora de São Luís, pois o estresse e os transtornos provocados pelo que ocorre nesta cidade estão deteriorando cada vez mais a sua saúde mental”. Ele estava muito preocupado com isso.

Após esse diálogo comigo, ele prescreveu, pela primeira vez, um atestado médico me afastando por seis meses de todas as minhas atividades na universidade. Penso que meu estado era tão visível que a junta que me avaliou nem questionou o tempo solicitado e concedeu a licença médica. Vale lembrar que esse atestado foi renovado consecutivamente por mais quatro vezes, totalizando, ao final, dois anos e meio de afastamento para tratamento de saúde.

A decisão de indeferir a minha redistribuição, tomada sob a influência de quem antes me apoiava, permitiu àqueles que abominavam a minha presença naquele departamento perpetrar outras formas de assédio contra mim, como o corte de 50% do meu salário, em razão do período de validade de um dos atestados médicos ter terminado em meados de dezembro (no final do semestre, com a UFMA esvaziada), enquanto eu me encontrava em Fortaleza, na casa dos meus pais.

A justificativa dada pela chefe foi que ela imaginou que eu não retornaria mais a São Luís; por isso, decidiu aplicar as faltas que resultaram no corte no meu salário. Uma dúvida: por que ela não entrou em contato comigo para se certificar de que sua decisão estava fundamentada, já que tinha os meios (telefone e e-mail) para isso?

¹²⁰ Foi então que percebi que esse recado já mostrava, na realidade, as consequências da decisão de “Macbeth iv” e “Macbeth am”, principalmente, da primeira, em indeferir o meu pedido, e do desgaste que os docentes da UFRN sofreram ao solicitar à Reitoria a antecipação da minha redistribuição junto ao MEC. Essa situação causou um estrago à minha imagem. E o pior é que não tive nenhuma responsabilidade sobre esses atos, pois estava totalmente dependente das decisões dessas pessoas.

Para contornar essa situação, entrei em contato com a Pró-Reitora de Pessoal, que na época era Elisa Lago. De imediato, ela me orientou a solicitar ao Dr. Geraldo um novo atestado médico a partir do dia em que o anterior havia perdido a validade e providenciou imediatamente tanto a suspensão das faltas quanto a inclusão em folha suplementar dos valores que foram debitados do meu contracheque.

Após a resolução desse problema, procurei novamente Elisa Lago para falar sobre o que o Dr. Geraldo Melônio tinha me aconselhado: tentar uma forma de ir embora de São Luís. Ela concordou, pois também entendia que minha situação era cada vez mais insustentável, tanto dentro do departamento quanto na própria UFMA.

Elisa sugeriu que eu fizesse um requerimento solicitando à UFMA a minha remoção¹²¹, por motivo de saúde, para a Universidade Federal do Ceará (UFC), pois eu tinha família em Fortaleza, e que ela enviaria o pedido ao MPOG. O problema é que, embora esse mecanismo esteja previsto no Regime Jurídico Único (RJU), ele trata apenas do remanejamento de pessoal dentro do mesmo quadro, o que significa que a mobilidade do servidor deveria ocorrer, como acontece, dentro da mesma universidade. No entanto, mesmo existindo esse entendimento, fiz o que ela me pediu.

Retornei ao consultório do Dr. Geraldo e da Dra. Clelma e perguntei se seria possível que ambos elaborassem laudos sobre os meus problemas de saúde para anexar ao requerimento, o que foi prontamente atendido pelos dois médicos. Com os laudos anexados ao requerimento, protocolei o documento na Pró-Reitoria, se não estou enganado, logo no início do primeiro semestre de 2009 (não lembro o mês).

Após o requerimento protocolado e o processo enviado ao MPOG, passaram-se, penso eu, mais de oito meses, e sempre que consultava o sistema do ministério, ele mostrava que o andamento do processo ocorria muito lentamente. Mas em razão de certas coincidências da vida, certo dia encontrei o ex-presidente da CUT no Maranhão, o companheiro Fernando Magalhães, e lembrei que um conterrâneo do Ceará, radicado em São Luís e presidente

¹²¹ Segundo a Lei nº 8.112/90 (Regime Jurídico Único - RJU), no artigo 36, remoção é o deslocamento do funcionário para outro local, a pedido ou de ofício, dentro do mesmo quadro.

estadual do PT no Maranhão, Washington Oliveira, era também deputado federal.

Falei com Fernando sobre o que estava acontecendo, e ele de pronto pediu que eu levasse à sua casa as informações sobre o andamento do processo, como o número do protocolo e outras que não lembro. Ele iria se encontrar com Washington na semana seguinte e aproveitaria para pedir que ele intercedesse para dar celeridade ao rito do processo.

Durante esse tempo de espera para saber se o rito do processo seria mais acelerado ou não, um dia liguei para uma amiga para tratar de algo que não lembro no momento e, durante a conversa, o nome de “Macbeth ad” surgiu ao longo do assunto tratado.

Ao falar sobre minha decepção em relação a essa pessoa, minha amiga me disse que tinha algo a me contar e que outra pessoa do mesmo departamento poderia confirmar isso. Ela passou o telefone para essa pessoa, que me informou que minha vida privada – mais precisamente, a existência de uma amante em Natal – era um assunto recorrente dentro do Departamento de Educação II.

Custei a acreditar que o nível de um departamento acadêmico pudesse chegar a esse ponto, embora já estivesse ciente do que as pessoas de lá poderiam ser capazes. A grande pergunta, então, era: quem seria o responsável por essas “informações”, ou melhor, boatos? Assim, em uma das minhas “escapulidas” a Natal, fui visitar o último lugar em que morei antes do meu retorno a São Luís. Nessa visita, encontrei, na entrada do condomínio, uma vizinha (já falecida) e um dos trabalhadores da portaria do condomínio.

Eles ficaram muito felizes com a minha visita e quando me viram foram logo perguntando como estavam Zé Carlos e “Macbeth ad”. Minha resposta foi que Zé Carlos estava muito bem, tinha até casado novamente, mas que eu queria distância de “Macbeth ad”. Foi então que a vizinha (já falecida) confidenciou que “Macbeth ad”, toda vez que aparecia por lá, depois do seu retorno a São Luís, o fazia para sondar se eu me encontrava não com uma amante, mas com uma determinada pessoa. Só relembrando que “Macbeth ad” tinha ido embora um ano antes de mim.

Essa vizinha foi além e disse que “Macbeth ad” não só perguntava a ela, que era nossa vizinha da frente, mas também aos porteiros. Nesse momento,

notei o constrangimento do trabalhador quando a vizinha o pressionou: "Era ou não, fulano?" Ele, constrangido, confirmou que sim.

Assim, só então pude perceber que quem alimentava o departamento com os boatos era "Macbeth ad", de modo que a descoberta desse novo elemento possibilitou, assim, uma guinada em relação à hipótese inicial e acrescentou novas informações que me levou a conclusões mais amplas sobre o imbróglio da redistribuição.

Mas antes de passarmos a outra seção, irei relembrar uma passagem anterior. Não sei se lembram quando descrevi "Macbeth ad", em algum momento desse memorial, como uma caricatura da "Esfinge de Tebas" e que somente nesta parte do memorial eu a mencionaria. Relembro que a metáfora da esfinge, que atormentava os viajantes na entrada da cidade de Tebas, simbolizava que aqueles que não conseguissem decifrar o seu enigma seriam devorados.

Durante todo o tempo em que convivi com essa pessoa, não consegui decifrar seu enigma; alertas não faltaram, mas eu os ignorei. Como não fui capaz de entender quem era, de fato, aquela pessoa, acabei sendo devorado pela esfinge do Bacanga. Ela havia conseguido, afinal, evitar uma prática que fora inaugurada pelos cearenses que passaram pela UFMA e que, segundo sua limitada compreensão da vida alheia, consistia em aproveitar-se da universidade e depois ir embora.

Assim como "Macbeth iv" e "Macbeth am", "Macbeth ad" defendia a tese da ingratidão, que ela considerava um pecado mortal, já que tudo o que consegui na UFMA havia sido com o apoio dessas pessoas. Eu devia uma espécie de fidelidade sem prazo de validade, se não a essas pessoas, pelo menos à autarquia do Bacanga.

Além disso, ela também havia acrescentado a tese inicial, a da ingratidão, a tese moralista da existência da amante, embora em suas idas a Natal para sondar a minha vida, ela não se referia a uma amante, mas a uma pessoa em especial. Esse novo dado tornou a aceitação do meu pedido de redistribuição para a UFRN ainda mais insustentável.

5.4 Considerações finais

Ao longo da elaboração dessa digressão pseudo-acadêmica tentei descobrir as prováveis causas que teriam motivado “o triunvirato¹²² de Macbeths” (“Macbeth ad”, “Macbeth am” e “Macbeth iv”) a exercerem seu hegemonismo e mudarem de opinião sobre a minha redistribuição da UFMA para a UFRN. Assim, desde a dificuldade em encontrar referências acadêmicas sobre o assunto, passando pela pesquisa empírica e pela reconstrução do objeto pesquisado, até a sistematização e exposição desse objeto, a impressão que tive foi de que, ao substituir a palavra “ingratidão” por “insubordinação” e “gratidão” por “subserviência”, percebemos como o poder que determinadas pessoas e estruturas têm de decidir sobre a vida de seus pares pode levar, inclusive – como mostrarei em outro momento – à destruição da imagem alheia.

Assim, após a coleta dessas novas informações, percebi que um outro elemento, de ordem moral, havia influenciado a decisão daquele departamento. Não teria sido apenas o meu desejo de trocar César Nascimento e Carlinhos Veloz por Pedrinho Mendes, nem a ingratidão – outro nome para insubordinação – a razão central que explicaria aquela decisão, como defendi anteriormente como hipótese.

Embora o pressuposto não estivesse totalmente errado, o novo elemento trazido pelos depoimentos da vizinha (já falecida) e do trabalhador da portaria do condomínio contribuiu para esclarecer que a motivação da decisão de “Macbeth ad”, “Macbeth am” e “Macbeth iv” em influenciar a decisão do departamento – principalmente das duas últimas – não foi, em última instância, o fato de verem meu ato apenas como ingratidão, confundindo gratidão com fidelidade, com subserviência.

O determinante para que meu pedido de redistribuição para a UFRN fosse, de fato, indeferido teria sido um motivo ainda mais deplorável e, pior, moralmente inaceitável: ficar com uma amante, termo utilizado em São Luís, mas não em Natal.

¹²² Embora o termo “triumvirato” se refira a um governo formado por três homens, aqui ele é usado para designar a aliança de três pessoas que, como observado neste memorial, não terão seu gênero identificado.

Apresentados a discussão e os resultados da investigação, passemos agora aos desdobramentos do requerimento enviado ao MPOG.

5.5 Resposta ao tempo¹²³: tardou, mas não faltou!

*Mas fico sem jeito
Calado, ele ri
Ele zomba do quanto eu chorei
Porque sabe passar
E eu não sei
Num dia azul de verão
Sinto o vento
Há folhas no meu coração
É o tempo
Recordo um amor que perdi
Ele ri
Diz que somos iguais
Se eu notei
Pois não sabe ficar
E eu também não sei¹²⁴*

Durante mais de um ano, senti como se o tempo zombasse e risse de mim e do quanto chorei, aguardando a resposta do Ministério, cuja demora me angustiava pelo medo de perder ainda mais. A resposta dizia respeito ao dilema sobre qual instituto seria legalmente adequado para tratar da mobilidade dos servidores públicos federais para outro quadro.

Embora o processo tenha avançado rapidamente na estrutura administrativa do Ministério, depois que falei com Fernando Magalhães, faltava o mais importante: a definição sobre o deferimento ou não do meu requerimento. Daí a angústia e a raiva com o tempo.

É fato que meu quadro havia apresentado uma melhora, pois eu estava em licença médica, afastado daquele Butantã. No entanto, a falta de uma resposta me deixava ansioso, embora essa ansiedade estivesse mais controlada em razão dos medicamentos que fizeram efeito e do afastamento do ambiente insalubre do departamento.

¹²³ Título de uma canção de Aldir Blanc e Cristóvão Bastos, de 1998.

¹²⁴ Essa canção aborda a relação entre homem e tempo, apresentando a ideia de que o tempo é indiferente e zomba das dores e paixões humanas, enquanto o homem não é indiferente. O ser humano é capaz de sentir profundamente as consequências do tempo, além de despertar paixões e morrer de amor.

Até que, em fevereiro de 2010, recebi um e-mail de Elisa, Pró-Reitora de Pessoal da UFMA, anunciando a boa notícia de que o MPOG havia elaborado a nota técnica nº 128/2010/COGES/DENOP/SRH/MP e deferido minha solicitação. A nota concluiu que, de acordo com as orientações da Consultoria Jurídica do ministério, não haveria qualquer óbice para a efetivação da minha remoção, com base no art. 36, parágrafo único, inciso III, alínea “b”, do RJU (Lei nº 8.112, de 1990)¹²⁵, para a Universidade Federal do Ceará, independentemente da existência de vaga e do interesse da Administração Pública, desde que meu núcleo familiar residisse na capital do Ceará.

A primeira reação com essa notícia foi que o tempo havia, então, deixado de ser indiferente às minhas emoções. Agora, eu poderia, de certa maneira, aliviar minhas angústias e temores. Mas em seguida passei a refletir e a pensar que a vitória de “Macbeth am” e “Macbeth iv” havia sido uma “vitória de Pirro”, ou seja, uma vitória obtida a um alto custo, que acarretaria mais prejuízos do que benefícios para o vencedor.

No caso em questão, eu imaginei, por um instante, que todo aquele esforço para impedir minha transferência para outra universidade não teria valido a pena, já que, ao final, acabei sendo removido para a UFC, e não obrigava essa instituição a disponibilizar um código de vaga para a UFMA como contrapartida pela minha ida. Além de que, tanto os salários, pedido de férias quanto promoções e progressões seriam pagas pela UFMA.

Mas essa impressão logo se tornou sem sentido. E por quê? Calma, explicarei isso mais adiante.

5.6 Que xow da Xuxa é esse?

A expressão “Que show da Xuxa é esse?” se popularizou e se tornou um meme após uma garotinha aparecer indignada no documentário da Globoplay sobre a trajetória da apresentadora Xuxa Meneghel. Se não estou enganado, isso ocorreu porque ela havia sido impedida de entrar no estúdio onde acontecia o programa “Xou da Xuxa” em 1988. Desde então, esse meme passou a ser utilizado como símbolo de protesto para expressar revolta e indignação.

¹²⁵ Em anexo.

E por que eu usei essa expressão para nominar o título da seção? Essa pergunta não é retórica, ela exige resposta. E o motivo ou a resposta é o que passarei a contar nos parágrafos que seguem.

Tudo começa quando, após morar algum tempo na casa da professora Maria José, aluguei uma suíte em uma pousada onde residiam muitos funcionários públicos federais de outros estados, além de estudantes universitários dos *campi* da UFMA e da UEMA, principalmente oriundos dos municípios do interior do Maranhão.

Por razões óbvias, devido ao meu estado de saúde e a presença de muitos estudantes da UFMA nesse lugar, sempre mantive discrição sobre o meu emprego. Lembro que, em todas as conversas que tive com os moradores, sempre disse que era servidor público licenciado e que pretendia prestar concurso para outra área no serviço público.

Ocorre que o dono da pousada exigia, como documento obrigatório no ato da assinatura do contrato de locação, o contracheque do futuro inquilino. E foi justamente ele, claro que sem maldade alguma, quem, em conversas com os moradores, inclusive estudantes da UFMA, disse que eu era professor da UFMA. A partir dali, passei a ser tratado pelos estudantes como o professor Francisco.

Até que, em um belo dia ensolarado de sábado, encontrei um dos moradores no corredor: um estudante de engenharia elétrica da UFMA. Ele me abordou e disse que tinha algo muito sério para me contar. Relatou que, na noite anterior, havia se encontrado com um amigo e a namorada dele, uma estudante de pedagogia, em um barzinho próximo a universidade.

Durante a conversa, ele perguntou à garota se ela conhecia o professor Francisco Sales, que era seu vizinho e professor do mesmo curso na UFMA. Ela respondeu com uma pergunta: “É aquele que é ‘doente mental’¹²⁶?” Ele então

¹²⁶ A fala dessa pessoa, além de preconceituosa, era carregada de desconhecimento, uma vez que, para quem se preocupava em estudar, já se sabia que transtornos e doenças mentais, embora representem a ausência de saúde mental, são diferentes. O desequilíbrio emocional — por exemplo, o que vivi na UFMA — facilita o surgimento dessas doenças e transtornos. Assim, a saúde mental abrange, entre outros elementos, nossa capacidade de sentir bem-estar e harmonia, nossa habilidade em lidar positivamente com adversidades e conflitos, o reconhecimento e respeito pelos nossos limites e deficiências, além da satisfação em viver, compartilhar e nos relacionar com os outros — algo muito maior e anterior ao início dos transtornos mentais. E talvez seja isso que essa garota não compreenda: a definição exata do que é uma doença. No entanto, é pedir demais para alunos como ela, que muitas vezes terminam a graduação sem ler um único livro, e os cursos de pedagogia contribuem para isso.

questionou por que ela falava assim de mim, e a resposta dela foi que todos no curso comentavam isso.

Foi aí que percebi o quanto a “natureza humana”¹²⁷ não tem limites, como ainda acredito hoje. No interior de um lugar que se diz elaboradora do saber, como defende Saviani, informações falsas – boatos – sobre um professor eram divulgadas a ponto de esse docente ficar conhecido entre os alunos do curso, segundo a resposta da aluna de pedagogia ao meu vizinho, como “doente mental”. Mas até hoje não sei o que foi pior: ser conhecido como libertino, afinal, queria ir embora da UFMA por conta de uma amante, ou ser conhecido como doente mental?

Gente! Que xow da Xuxa é esse?

Sobre esse último absurdo, a tentativa de destruição da minha imagem, tenho alguns questionamentos:

1. Como esses alunos, já que todos comentavam isso, sabiam que eu era “doente mental”?
2. Teriam eles sido arrebatados por alguma consciência onisciente, de modo que passaram a saber que naquele curso havia um professor chamado Francisco Sales e que ele era “doente mental”?
3. Ou será que alguém quebrava o sigilo dos meus atestados médicos e, de posse dessas informações, difundia boatos a respeito da minha saúde mental?

Infelizmente, são perguntas retóricas; por isso, nunca terei as respostas.

Por fim, chegou o dia em que me dirigi pela última vez àquele departamento. Chegando lá, informei pessoalmente e entreguei em mãos um comunicado à então chefe do departamento, cujo nome não recordo, comunicando que estava sendo transferido para a UFC e que, a partir daquele momento, qualquer comunicação destinada a mim, bem como a entrega do meu contracheque, deveria ser encaminhada à professora Maria José Cardozo, que permaneceria na UFMA como minha representante formal.

¹²⁷ Embora, como Marx, eu não acredite na existência de uma natureza humana a priori. Sou defensor da ideia, como apontava o grande pensador alemão, de que a natureza humana não é uma essência presente em cada indivíduo em particular. Em vez disso, conforme a brilhante sexta tese sobre Feuerbach, acredito que a natureza humana é formada a partir da totalidade das relações sociais.

Recordo que a chefe do departamento não teve um comportamento cordial comigo: não me olhou nos olhos e, ao sair, não me cumprimentou nem desejou boa viagem ou boa sorte. Essa reação da professora me fez entender, posteriormente, o motivo de ela nunca ter falado comigo ou me cumprimentado quando nos encontrávamos pelos corredores do Centro de Ciências Sociais (CCS), onde estavam localizados os departamentos de Educação I e II e funcionavam as salas de aula dos cursos de pedagogia nos turnos vespertino e noturno.

O fato é que nunca fiz nada que justificasse tal comportamento, já que sequer a conhecia. No entanto, o que mais me chamou a atenção foi a enorme Bíblia, o livro sagrado do cristianismo, aberta sobre a mesa da professora. Por fim, fica a pergunta: o que esperar da maioria das pessoas daquele lugar?

6 A CHEGADA NO PURGATÓRIO: A EXPERIÊNCIA NA UFC

*Há tempo, muito tempo
Que eu estou
Longe de casa
E nessas ilhas
Cheias de distância
O meu blusão de couro
Se estragou
Oh! Oh! Oh!¹²⁸*

Mas, enfim, já estava chegando a hora de ir, e eu, ingenuamente, pensei que a volta à minha cidade natal seria um processo fácil. Mas não foi. Voltei para o lugar onde nasci com um peso enorme e uma sensação de fracasso que aumentavam à medida que se aproximava o dia do meu retorno. Então, só me restou, dizer adeus e seguir meu caminho.

Lembro que, nos últimos dias em São Luís, fui tomada por uma enxurrada de emoções, como a saudade antecipada dos locais que jamais sairiam da minha memória: os sobrados e os azulejos do Reviver; a Travessa 28

¹²⁸ Trecho da canção "Tudo outra vez", de Belchior, de 1979. Nessa canção, por Belchior falar sobre estar longe de casa, a letra foi interpretada como um retrato do sentimento dos exilados pela ditadura militar, pois foi lançada no ano em que foi promulgada a Lei da Anistia.

de Setembro, no centro antigo de São Luís, onde morei; a Tombo da Ladeira¹²⁹ e a Acapus¹³⁰, com suas rodas de capoeira na escadaria Catarina Mina; a feira das Tulhas, onde muitas vezes almocei com Mestre Senzala e Mestre Alberto Abreu, conhecido como Mestre Euzamor (in memoriam) e o Roots Bar na Praia Grande; o Laborarte¹³¹ e as apresentações de cacuriá de D. Teté, do Tambor de Crioula de Mestre Felipe e as rodas de capoeira do Mestre Patinho (in memoriam); a Madre Deus e o seu carnaval de bandas, como a “descascar alho”; o Ceprama¹³² e o São João com seus bois de matraca e pandeirão; os bares do Rui, vizinho ao Laborarte, e do Leó no Vinhais, do Espaço Aberto lá no São Francisco; e muitos outros. Enfim, dos lugares onde passei muitos momentos felizes. Mas fui, não tinha mais como retroceder, mesmo com o coração partido.

Quando cheguei à capital do Ceará, após muito tempo longe de casa, como na música do meu conterrâneo Belchior, eu não me sentia um exilado, mas uma alma pecadora indo purgar seus pecados no purgatório. Era época de Copa do Mundo. O evento, realizado na África do Sul entre 11 de junho e 11 de julho de 2010, estava em sua metade, e o país, como de costume, parava para acompanhar o desempenho medíocre da seleção brasileira, que foi eliminada nas quartas de final. Como o calendário marcava julho de 2010, a UFC estava em recesso, e só me apresentei à Superintendência de Recursos Humanos no início de agosto daquele ano.

Lembro que, antes de deixar São Luís, tive uma última conversa com Elisa Lago, Pró-Reitora de Pessoal da UFMA, que me orientou a me apresentar a Fernando Henrique Monteiro Carvalho, então Superintendente de Recursos

¹²⁹ A Associação Cultural e Desportiva Tombo da Ladeira é uma agremiação fundada há mais de trinta anos em São Luís pelo Mestre Hélio Almeida, conhecido na capoeira como Mestre Gavião.

¹³⁰ O nome do grupo se deve ao fato de ter sido criado na Rua das Acapus, no bairro Renascença I. Acapus é o nome de uma árvore, e dessa rua surgiu o nome da Academia de Capoeira Angola Pequeno Urugungo da Senzala. Atualmente, a instituição é conhecida como Centro Cultural Educacional Acapus. Foi fundada pelo mestre Luís Augusto Lima, mais conhecido como Mestre Senzala.

¹³¹ O Laboratório de Expressões Artísticas (Laborarte) é um grupo artístico independente, fundado em 1972, sediado em um casarão colonial no centro histórico de São Luís. O grupo realiza trabalhos e produções culturais nas áreas de teatro, dança, música, capoeira, artes plásticas, fotografia e literatura.

¹³² O Centro de Comercialização de Produtos Artesanais do Maranhão (Ceprama) é um local que reúne artesãos, grupos culturais e a comunidade da Madre Deus. Dentre seus objetivos está o que procura reforçar a importância do artesanato como expressão da identidade cultural do Maranhão

Humanos da UFC. Segui sua orientação e no dia da apresentação fui muito bem recebido por ele. O superintendente encaminhou o processo à Faculdade de Educação (FACED) para que a diretora, professora Maria Isabel Filgueiras Lima Ciasca, o redistribuísse ao Departamento de Fundamentos de Educação.

Assim, minha sorte estava lançada: eu havia chegado ao meu Purgatório (ou no exílio?), a UFC. Na perspectiva da *Divina Comédia* de Dante¹³³, esse seria o lugar onde as "almas pecantes" passam por um processo de expiação para redimir pecados como orgulho, inveja, ira, preguiça, avareza, gula e luxúria. No meu caso, seria o pecado da ingratidão que eu deveria expiar — ainda que jamais tenha admitido, a ninguém, ser um pecador.

6.1 Se o começo foi assim, o que esperar do purgatório?

Encaminhado o processo pela direção da FACED ao Departamento de Fundamentos, lembro que ele foi imediatamente incluído na pauta da primeira reunião daquele colegiado, logo no início do semestre, para ser apreciado. No entanto, durante a reunião, a maioria dos presentes decidiu que o departamento escolheria uma comissão para me entrevistar.

Escolhida a comissão, fui informado sobre o dia e o local onde deveria me submeter ao seu escrutínio. A princípio, imaginei que a entrevista abordaria apenas questões relacionadas à minha formação, mas, para minha surpresa, uma das integrantes da comissão, que, se a memória não me falha, tinha formação em psicologia, passou a fazer perguntas de natureza pessoal.

Essa integrante foi a mais incisiva, chegando a questionar se eu tomava alguma medicação e, em caso afirmativo, qual. Suas perguntas provocaram a reação de outro membro da comissão, que as considerou indevidas e uma

¹³³ Como mencionei anteriormente ao abordar o tema do Inferno na obra *A Divina Comédia*, de Dante Alighieri, o segundo livro dessa obra é o Purgatório. Nesse, Dante descreve sua jornada em direção ao Monte Purgatório, acompanhado pelo poeta Virgílio. O Purgatório é retratado como uma montanha com níveis ascendentes, chamados cornijas, que simbolizam os sete pecados capitais. É um lugar intermediário entre o Inferno e o Paraíso, onde as almas passam por um processo de purificação. No Purgatório, existem diferentes níveis para onde as almas são enviadas com base em suas atitudes em relação ao amor: aquelas que se arrependeram no último momento vão para o "Ante Purgatório"; os que corromperam o amor são destinados ao "Purgatório Inferior"; aqueles incapazes de amar ficam no "Purgatório Médio"; enquanto os que demonstraram amor excessivo são encaminhados ao "Purgatório Superior".

violação do sigilo médico-paciente, já que eu não estava ali para ser interrogado, mas sim entrevistado, e aquele tipo de questionamento era inadequado.

Lembro que fiquei tão indignado com aquela situação que decidi ir ao departamento antes que a comissão decidisse meu destino – o Ante Purgatório, o Purgatório Inferior, o Médio Purgatório ou o Baixo Purgatório – e solicitei a devolução do meu processo. A chefe do departamento até me questionou sobre o que havia acontecido para eu tomar aquela decisão, e eu respondi que era por um motivo de foro íntimo. Retornei a Fernando Henrique, que ficou impressionado com o ocorrido e disse que iria ver o que poderia fazer. Caso não desse certo a lotação na FAGED, eu seria lotado na Superintendência de Recursos Humanos.

Eu já estava me acostumando com a ideia de ser lotado na superintendência, pois há muito tempo não ministrava aula. No entanto, se a memória não me falha, entrei em contato com Maria José, que me orientou a procurar o professor Eneas Arrais, então coordenador do curso de pós-graduação em Educação Brasileira.

Lembro que Eneas me recebeu na sala da coordenação do Programa e, assim como Fernando Henrique, demonstrou uma empatia surpreendente. Recordo que, ainda no mesmo dia, ele me levou para conversar com a professora Vanda Magalhães Leitão, chefe do Departamento de Estudos Especializados, que prontamente incluiu o processo na pauta da próxima reunião do colegiado do DEE.

A reunião que ocorreu dias depois, ao contrário do outro departamento, que formou uma comissão estranha para me sabatar sobre minha vida pessoal, não exigiu nada disso e foi favorável à minha lotação. Achei até estranho, pois o que haviam me dito é que o DEE era considerado o departamento mais problemático daquela faculdade, inclusive por ser uma dissidência do departamento de Fundamentos. Desde então, passei a ser membro daquele departamento.

6.2 A volta a sala de aula

Meu retorno à sala de aula, embora tenha sido um momento de grande sofrimento, também foi catártico, pois consegui romper, aos poucos, o bloqueio

que acreditava ser permanente após três anos afastado da profissão. No entanto, foi um processo muito complicado. Antes das primeiras aulas, procurei a professora Vanda, uma pessoa extremamente empática, e revelei a ela meu dilema. Ela então sugeriu que eu procurasse o seu marido, o professor da UFC, médico psiquiatra e psicanalista Valton Miranda Leitão, para uma conversa.

Após essa conversa com o Dr. Valton, voltei a me consultar com um médico psiquiatra em Fortaleza, chamado Anchieta Maciel, que, após alguns meses de tratamento, me aconselhou a procurar uma terapia¹³⁴. No entanto, não qualquer terapia; segundo ele, eu deveria buscar um profissional que adotasse a Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC), uma abordagem clínica da psicologia. Esclareço que voltei a procurar um médico porque, ao chegar em Fortaleza, suspendi o tratamento e não tomei mais nenhum tipo de remédio.

Foi então que comecei a ministrar as benditas disciplinas. No primeiro semestre de 2011, lecionei três disciplinas que, se a memória não me falha, eram: Organização e Gestão de Espaços Educativos Não Escolares (que tratava da gestão), Espaços Educativos Não Escolares (que tratava dos espaços próprios da Educação Não Formal) e Educação Brasileira Contemporânea (uma de história da educação recente). Os dois primeiros componentes foram ministrados no curso de Pedagogia noturno, enquanto esse último componente fazia parte de um currículo antigo dos dois cursos, em vias de extinção, e era oferecido aos sábados, pela manhã.

Mas, se alguém pensa que os problemas com o DE II acabaram, enganou-se. No primeiro mês que passei na UFC e acessei meu contracheque, fui surpreendido pela supressão de valores do meu salário, em razão de faltas atribuídas a mim pela chefia do departamento. Liguei, então, para a Elisa, Pró-Reitora de Pessoal da UFMA, que entrou em contato com o departamento e solicitou a retificação das faltas, informando que os valores debitados só viriam no contracheque posterior. Minha sorte é que, durante esse período inicial na capital do Ceará, eu morava na casa dos meus pais e minhas despesas não eram tão grandes.

No segundo mês, ao consultar novamente o contracheque, percebi que parte do meu salário havia sido subtraída mais uma vez pelo mesmo motivo:

¹³⁴ Faço a terapia até hoje, acompanhado pelo psicólogo, Leonardo Almeida Maciel.

faltas atribuídas a mim pela chefia do DE II. Novamente entrei em contato com a Elisa, que solicitou à chefia a retificação da atribuição de faltas e me comunicou que os valores subtraídos seriam pagos no contracheque do mês seguinte.

Mas a situação escalou para o terceiro mês e, mais uma vez, ao consultar meu contracheque, verifiquei que parte do meu salário havia sido subtraído novamente devido a faltas atribuídas pela chefia do departamento. Imediatamente, retornei à Elisa para comunicar o fato, e ela perdeu a paciência com o departamento.

Além de solicitar a retificação da atribuição de faltas – uma vez que eu não fazia mais parte do corpo docente daquele departamento, tendo sido removido para outra universidade por meio da Portaria 348/2010–GR de 28/06/2010 –, ela determinou que meu nome não constasse mais na lista de ocorrências de ponto daquele setor. Assim, somente após o envio do memorando PRH nº 109/2010¹³⁵ ao departamento de Educação II é que os cortes no salário cessaram.

Alguém que leu os parágrafos anteriores pode estar se perguntando por que, como professor ministrando aulas e realizando todas as atividades inerentes ao meu cargo de docente de 3º grau¹³⁶ na UFC, eu ainda resolvia aqueles problemas com a Pró-Reitoria de Recursos Humanos (PRH) da UFMA.

A resposta é simples: na remoção que, a princípio, seria dentro do mesmo quadro, meu código de vaga ainda pertencia à UFMA, de modo que a UFC não arcava com nenhum ônus em relação a mim, mesmo eu exercendo todas as minhas atividades nesta universidade.

6.3 Debutando na pós-graduação na UFC: a entrada no Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira (PPGE)

Não lembro exatamente a data, mas o fato é que o professor Eneas, ainda na condição de coordenador do PPGE, me convidou a fazer parte do eixo “Economia Política, Sociabilidade e Educação” da linha de pesquisa “Filosofia e

¹³⁵ Em anexo.

¹³⁶ A Lei nº 12.772, de 28 de dezembro de 2012, que estruturou o Plano de Carreiras e Cargos do Magistério Federal, mudou a nomenclatura do cargo de Professor de 3º grau para Professor de Magistério Superior.

Sociologia da Educação (FILOS)" daquele programa, além do "Laboratório de Estudos do Trabalho e Qualificação Profissional – LABOR", que era um laboratório de pesquisa vinculado ao eixo mencionado anteriormente.

Nesse sentido, foi durante minha permanência na pós-graduação, inicialmente como professor colaborador e depois como professor efetivo do programa, que minha experiência de pesquisa começou a avançar. Como mencionado anteriormente, minha estada na UFMA – de agosto de 2002 a junho de 2010 –, do ponto de vista acadêmico, se resumia a uma lotação inicial na Pró-Reitoria de Ensino (PROEN), a algumas disciplinas ministradas e à realização do doutorado na UFRN. Não tive tempo de iniciar uma trajetória significativa na pós-graduação, embora tenha participado de algumas atividades como docente do PPGEd da UFMA¹³⁷.

Recordo muito bem da minha primeira atividade como membro do programa de pós-graduação e do LABOR: a defesa da tese de doutorado do professor Raimundo José de Paula Albuquerque, hoje aposentado do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE). Estiveram na banca, além de mim, o professor Eneas Arrais Neto (orientador) e as professoras Antônia Abreu de Sousa e Elenilce Gomes de Oliveira, ambas vinculadas ao IFCE.

Na UFC, tive a oportunidade de participar da organização de várias edições do Encontro Internacional Trabalho e Perspectivas de Formação dos Trabalhadores, promovido pelo LABOR¹³⁸. Essas experiências foram enriquecedoras tanto do ponto de vista acadêmico quanto político.

O aspecto político se destacou na última edição, em 2019, quando a organização do evento foi boicotada pela administração superior da UFC¹³⁹, pois aquela edição homenageava o patrono da educação brasileira, o educador Paulo Freire.

¹³⁷ Ver currículo lattes em anexo.

¹³⁸ Ver currículo lattes em anexo.

¹³⁹ Naquela conjuntura, a reitoria da UFC era dirigida por um interventor. Na verdade, 'interventor' era o termo usado por aqueles que viam na indicação dos perdedores durante a consulta interna a composição da lista tríplice, que deveria ser ratificada pelo Conselho Universitário e enviada ao Ministério da Educação (MEC). Na época, o MEC e a presidência da República eram liderados, respectivamente, pelos nada saudosos Abraham Weintraub e Jair Bolsonaro. Aquela edição do LABOR foi realizada nas dependências da Escola Superior do Parlamento Cearense – UNIPACE.

Além da minha relação com o LABOR, como afirmei anteriormente, tive uma relação profícua com os professores Eduardo Ferreira Chagas e Hildemar Luiz Rech, do eixo “Marxismo, Teoria Crítica e Filosofia da Educação”. A convite desses docentes participei de algumas bancas de seleção de mestrado e doutorado desse eixo.

6.4 A mudança definitiva para a UFC

*Nada do que foi será
De novo do jeito que já foi um dia
Tudo passa, tudo sempre passará
A vida vem em ondas, como um mar
Num indo e vindo infinito¹⁴⁰*

Após cerca de dois anos na UFC, e entendendo que nada seria como antes, decidi retomar o tempo perdido e normalizar minha vida acadêmica gradualmente. Afinal, tudo na vida, como diz a canção de Lulu Santos, é como uma onda, sempre em um vai e vem infinito, diferente de tudo que já foi um dia. Assim, a primeira atitude que tomei foi compreender como meu reposicionamento na carreira foi afetado pela promulgação da Lei nº 12.772, de 28 de dezembro de 2012, que instituiu a carreira do Magistério Superior.

Depois que fiz o levantamento dessa situação, solicitei as promoções pendentes, bem como a progressão à qual tinha direito. Falei, então, com Maria José, minha representante formal na UFMA, e pedi que ela protocolasse meu pedido. Maria José, como sempre solícita, atendeu prontamente. No entanto, passados mais de seis meses, comecei a desconfiar da demora.

Mais uma vez, o tempo me angustiava, e entrei em contato com Maria José novamente, que imediatamente falou com alguém – cujo nome não recordo no momento – para rastrear o caminho do processo. O processo foi encontrado, se não me engano, no fundo de uma gaveta na sala da chefia do departamento. Um detalhe importante: acho que recentemente havia ocorrido a troca de chefia; portanto, creio que a atual chefe não poderia ser responsabilizada por esse “descuido”.

¹⁴⁰ Trecho da música de Lulu Santos, “Como uma onda no mar, de 1983.

Contornada mais essa situação, no mínimo, curiosa em relação a mim, o fato é que o departamento acatou tanto as promoções quanto a progressão, e eu, então, pude avançar dentro da nova carreira do Magistério Superior¹⁴¹. Assim, durante os dez anos em que estive na UFC, progredi até o nível II da classe de professor Associado.

Após esses acontecimentos, decidi ir pessoalmente à UFMA falar com Elisa sobre a possibilidade da minha redistribuição, para que pudéssemos, enfim, encerrar essa novela que já se estendia por cerca de quatro anos. O ano era 2014, e Elisa ficou de ver como poderia resolver essa situação. Ela também concordava que essa situação também já começava a se tornar insustentável, até porque a Nota Técnica que permitiu minha remoção para a UFC havia sido anulada para não mais fundamentar situações futuras como a minha.

Como a memória já não é meu ponto forte, não lembro exatamente como recebi a notícia. Contudo, pouco tempo após ir para São Luís, Elisa me informou que minha redistribuição, enfim, havia sido resolvida. O professor Natalino Salgado, reitor da UFMA, havia autorizado minha permanência definitiva na UFC, mesmo sem a contrapartida do código de vaga por parte da UFC, pois eu já não tinha condições de retornar a São Luís.

6.5 E tudo mudou novamente

Após a redistribuição para a UFC, e como tudo muda o tempo todo no mundo, eu e minha namorada decidimos casar, apesar da distância de 514 km. Em 16 de dezembro de 2016, casei-me em Natal com a professora Ana Patrícia Dias, docente do curso de Ciências Sociais da UFRN. A cerimônia teve como padrinhos e madrinhas os casais Maria José e Marinho, Elizabeth e Tarcísio (e Jordi), e Paula e Mauri. Assim, em pouco tempo, ocorreram dois eventos que marcarão definitivamente minha vida, tanto acadêmica quanto pessoal.

Com o casamento consolidado e ciente das dificuldades impostas pela distância, o cansaço das constantes viagens a Natal me levou a buscar novamente uma redistribuição para uma universidade com um campus mais próximo. Minha esposa morava em Natal e não desejava mudar-se para

¹⁴¹ Portaria nº 1325/2013-DP de 09 de outubro de 2006, em anexo.

Fortaleza. Na época, entrei em contato com diversas instituições próximas à capital do Rio Grande do Norte, como o campus de Mamanguape da UFPB e o campus de Angicos da UFERSA.

No primeiro caso, recebi uma resposta oficial do departamento que contatei, informando que não poderia atender à minha solicitação devido à inexistência de códigos de vagas sobranes. Já na UFERSA de Angicos, cheguei a trocar mensagens com um professor sobre a possibilidade de uma permuta entre nós, mas ele simplesmente desapareceu.

Entretanto, mais uma vez, uma coincidência mudará o rumo da minha vida acadêmica. Certo dia, um professor do curso de Políticas Públicas da UFRN, que havia feito seu mestrado na UFC – precisamente no eixo com o qual eu era ligado (Economia Política, Sociabilidade e Educação) – me procurou e sondou meu interesse em fazer uma permuta com ele. Embora nossas áreas de atuação fossem completamente distintas, eu aceitei.

Ocorre que o professor da UFRN, embora interessado em realizar a permuta, demorou excessivamente para formalizar seu pedido. Os professores do DEE passaram a me pressionar para que eu conversasse com ele sobre a necessidade de iniciar o processo, permitindo que o rito fosse iniciado. Como ele continuou a demorar, surgiu o professor de Angicos, com quem eu havia falado anteriormente, mas perdido o contato.

O professor justificou a suspensão dos contatos e disse que tinha, sim, interesse em realizar a permuta. Eu então o comuniquei sobre o interesse do outro professor e, como esse professor ainda não tinha protocolado todos os documentos necessários para embasar o processo na universidade de origem, nada impedia que ele entrasse na disputa.

Diante da disputa, o DEE decidiu montar uma comissão para avaliar qual dos dois professores melhor se enquadrava para assumir o meu código de vaga, ou seja, aquele com um perfil mais próximo das áreas abrangidas pelo departamento.

A comissão recebeu as propostas e os currículos e, após a avaliação dos candidatos, indicou que o professor de Angicos era o que mais se aproximava do perfil exigido, uma vez que ele era formado em Pedagogia, com mestrado e doutorado em Educação, e atuava na área de tecnologias educacionais.

Após as decisões favoráveis tanto do DEE quanto do Departamento de Ciências Humanas (DCH) de Angicos, restava apenas esperar a homologação pelas instâncias superiores das duas universidades.

Aqui registro que, diferentemente do que ocorreu na UFMA, quando o “triumvirato de Macbeth” “moveu céus e terras” para evitar minha redistribuição para a UFRN, no DEE, embora a decisão não tenha sido consensual quanto à escolha do candidato, não houve nenhum impedimento à minha ida para a outra universidade.

Do ponto de vista do DCH, o fato de eu ter revelado que minha motivação era uma questão pessoal – pois desejava me mudar para um lugar mais próximo de Natal, onde mora minha esposa – não foi um obstáculo à aprovação. Além disso, a pretensão do professor Alex Coitinho de realizar a permuta comigo também estava relacionada ao fato de que sua esposa reside e trabalha na capital do Ceará.

A única manifestação ocorreu no corredor da faculdade, quando um professor me disse que eu estaria enterrando minha carreira acadêmica ao ir para uma universidade de menor prestígio que a UFC. Eu então respondi que não concordava com isso, pois sempre defendi o padrão único de qualidade entre as IFES e que também não acreditava que o que já foi sepultado pode ser desenterrado para ser enterrado novamente. Seria uma redundância fúnebre.

Logo após a finalização do processo que permitiu minha redistribuição, ainda ministrei aulas na UFC. Um tempo depois, ocorreu a decretação do isolamento social, inicialmente setorizado e parcial, mas posteriormente generalizado para toda a população, em decorrência do aumento exponencial de casos da doença.

Recordo que, no período anterior ao isolamento, alguns alunos já apresentavam sintomas evidentes da doença, como sinais de síndrome gripal (espirros, coriza e febre), além de casos mais graves, como pneumonia, e frequentavam normalmente as aulas.

Lembro também do dia em que a professora Heulália Charalo¹⁴² foi a cada sala de aula da faculdade comunicar, com muito pesar, a decisão da Direção — após ouvir a comunidade acadêmica da Faced — de suspender as

¹⁴² À época, a professora Eulália era a diretora da Faculdade de Educação (FACED).

aulas inicialmente por 20 dias. Com as aulas suspensas por esse período, decidi passar alguns dias na minha casa em Natal, pois, como relatei anteriormente neste memorial, havia casado com a professora do Departamento de Ciências Sociais da UFRN, Ana Patrícia Dias Sales.

Chegando a Natal, nunca mais retornei.

6.6 O último agouro do triunvirato de *Macbeth*

A redistribuição para a UFC representou, para mim, senão a expiação do meu pecado capital – a ingratidão – o encerramento de um ciclo. No entanto, como nossa memória é seletiva e retém, independentemente da nossa vontade, aquilo que mais nos marca – seja para o bem ou para o mal –, acabei relaxando com o tempo e não fiz mais esforço nenhum para esquecer o que tinha ocorrido. Caso contrário, eu não estaria contando essa história agora.

No entanto, mesmo ciente de que aqueles acontecimentos seriam inesquecíveis, decidi encerrar aquele episódio, mas não antes de narrar o último agouro do “triunvirato de Macbeth”. Assim, nas linhas seguintes, relataremos a última fala surreal de um dos membros daquele trio.

Certa vez, já como professor redistribuído para UFC, encontrei, em um shopping de Natal, uma ex-colega da UFMA. Ela já sabia que eu estava em definitivo na UFC e, se não me falha a memória, à época estava pleiteando sua redistribuição para a UFRN. Foi quando ela me contou que tinha ido a São Luís e, durante uma de suas visitas ao campus da UFMA, encontrou “Macbeth iv”. Ao comentar sobre o fato de minha redistribuição ter ocorrido sem a contrapartida de vaga, “Macbeth iv” teria reagido dizendo: “nós perdemos a vaga, mas ele não foi para onde queria ir”.

7 A UFERSA EM ANGICOS: A ENTRADA NO PARAÍSO¹⁴³?

Na época em que cheguei a Natal, o país e o mundo caminhavam para a adoção generalizada dos lockdowns e do isolamento social. Confesso que, a princípio, pensei que a situação não era tão grave. No entanto, à medida que os casos começaram a se multiplicar, em consequência do funcionamento dos diferentes meios de transporte que permitiam uma rápida circulação de pessoas, favorecendo o contágio tanto entre países quanto dentro deles, mudei de ideia. Passei a ver como positiva a decisão de confinar as pessoas, assim como a suspensão das atividades de setores não essenciais da economia.

Embora inúmeras iniciativas fossem implementadas pelas autoridades municipais e estaduais para tentar conter a propagação da doença, o governo central seguia na direção contrária, a pandemia recrudescia tanto em número de infectados quanto de mortos.

Lembro que fui tomado por um pavor indescritível à medida que começaram a morrer pessoas que eu conhecia, como amigos de infância, pais e familiares desses amigos, ex-colegas de trabalho. Comecei a perder o sono, a ficar mais retraído e, quando percebi, havia perdido mais de dez quilos. Foi então que notei que a depressão havia voltado¹⁴⁴. Meu pensamento era de que, além de mim, a próxima vítima poderia ser minha mãe, meu irmão, minha esposa ou um dos meus sobrinhos.

7.1 Durante a pandemia a boa nova

Foi durante esse estado debilitante de saúde que recebi a notícia de que, na edição 157, seção 2, página 27, do Diário Oficial da União, do dia 17/08/2020, haviam sido publicadas tanto a minha redistribuição quanto a do professor Alex Sandro Coitinho Santana. Lembro que, após essa notícia, entrei em contato com

¹⁴³ Este é o terceiro episódio da trilogia *O Inferno, O Purgatório e o Paraíso*, uma odisséia conhecida como *A Divina Comédia*. Nela, Dante retrata sua viagem, guiada por Beatriz, seu amor platônico, a uma dimensão descrita como um conjunto de esferas concêntricas que cercam a Terra. Essas esferas incluem a Lua, Mercúrio, Vênus, o Sol, Marte, Júpiter, Saturno, as estrelas fixas, o "Primum Mobile" e, finalmente, o Empíreo. Durante essa jornada, Dante encontra amigos, conhecidos e figuras públicas com quem debate os mais variados temas.

¹⁴⁴ Fiquei debilitado por mais de um ano, mas, à medida que os efeitos da pandemia diminuíam e o tratamento clínico e terapêutico começava a surtir efeito, fui me recuperando.

a professora Ana Maria Aires, que, à época, era a chefe do DCH/CMA. Ainda em setembro daquele ano, tomei posse remotamente no DCH.

Não demorou muito após a minha posse para que as aulas remotas começassem, realizadas via Google Meet. Embora tenha sido uma experiência enriquecedora, as TICs¹⁴⁵ sempre me pareceram difíceis, complicadas e impessoais. Assim, minhas primeiras incursões nesse recurso — que não deve ser confundido com a EAD — trouxeram insegurança, pois não recebi nenhum treinamento específico que possibilitasse, minimamente, seu manuseio com segurança.

Acredito que esse descaso com o treinamento prévio dos docentes que não dominavam essas tecnologias ocorreu porque muitas administrações superiores acreditavam que elas seriam utilizadas apenas por um curto período, ou seja, durante o tempo que a pandemia durasse. No entanto, a pandemia surpreendeu e se estendeu por quase dois anos.

Assim, durante os quatro anos em que estou na UFERSA, dois anos, ou quatro semestres, foram oferecidos no formato remoto, com aulas ministradas via Google Meet. Como resultado, não tive contato presencial com parte dos discentes daquela geração. Muitos deles, durante as aulas, não ligavam a câmera devido a problemas técnicos ou outros motivos alheios ao meu julgamento, o que dificultou minha capacidade de identificá-los.

O mesmo fenômeno também ocorreu em relação aos professores do DCH. Embora as assembleias do departamento funcionassem durante esse período especial, eu, que na época era um "cristão novo" em Angicos¹⁴⁶, não conheci ninguém pessoalmente e tive dificuldade de me identificar presencialmente por conta desse detalhe.

Aos poucos, quando houve o retorno presencial e passei a frequentar o campus de Angicos, tive a oportunidade de conhecer e identificar pessoalmente meus novos colegas de universidade, incluindo os professores Magnus Gonzaga, Fadyla Rocha, Célia Carneiro (uma conterrânea do Ceará), Sueldes de Araújo, Jacimara Forbeloni, Ana Maria Aires, e tantos outros.

¹⁴⁵ Tecnologias da informação e comunicação.

¹⁴⁶ Angicos é mundialmente conhecido por ser a cidade onde foi desenvolvido o famoso projeto "40 Horas de Angicos", um programa de alfabetização de jovens e adultos, idealizado e dirigido pelo educador Paulo Freire em 1963.

No retorno das atividades da UFERSA em Angicos, percebi o quanto a visão do professor da UFC que me parou no corredor da Faced era preconceituosa. Embora a dinâmica de um campus do interior seja diferente da de um campus central, geralmente localizado na capital, como a UFC em Fortaleza, a UFRN em Natal ou a UFMA em São Luís, essa diferença se explica, talvez, pelo fato de que a maioria dos professores e do corpo discente não mora no município.

No caso dos docentes, a maioria cumpre suas atividades apenas três dias por semana e depois retorna para suas casas, assim como eu. Por outro lado, a maioria dos discentes mora em outros municípios da região, distantes até duas horas de Angicos, o que impede a criação de um ambiente propício à interação entre as pessoas.

Confesso que estranhei essa dinâmica, pois, ao contrário da UFERSA – pelo menos antes da pandemia – os outros campi onde lecionei tinham um ambiente acadêmico mais dinâmico e vibrante.

Excetuando esse detalhe, até o presente momento, enquanto finalizo este memorial e escrevo suas últimas linhas, não vi muitas diferenças na UFERSA em relação às outras instituições. Contudo, observo que, do ponto de vista estrutural, o funcionamento do Centro Multidisciplinar de Angicos (CMA) sofre com a prática recorrente dos dirigentes da universidade de relegar os campi do interior a um segundo plano.

Um exemplo disso é o prédio do Memorial dedicado ao patrono da educação brasileira, Paulo Freire, que, após quase 12 anos sob a gestão de dois reitores diferentes, foi entregue inconcluso e ainda apresenta problemas estruturais que levaram à interdição de parte da edificação.

Quanto ao ambiente acadêmico, não notei diferenças em relação a outras Instituições Federais de Ensino Superior (IFES), como a UFMA e a UFC. O clima universitário, tanto lá quanto aqui, é marcado pela mesma vaidade acadêmica e por uma concorrência entre pares, justificada pelas disputas pelos escassos recursos destinados ao financiamento de projetos de ensino, pesquisa e extensão. Nada mais natural!

Além dessas características, também posso citar a luta pelo controle do aparelho universitário para fazer valer os projetos políticos defendidos pelos grupos existentes no interior das IFES, como ocorre em qualquer outro ambiente

acadêmico que conheço. Essa semelhança é tão evidente que tanto a UFC quanto a UFERSA sofreram a mesma ingerência do MEC na escolha de seus dirigentes, embora seja verdade que o cargo de reitor é de livre escolha do presidente da república.

7.2 A retomada da vida acadêmica na UFERSA

Por fim, do ponto de vista acadêmico, considero que minha ida para a UFERSA foi muito proveitosa (será aqui o Paraíso?), pois a parceria iniciada com o professor Magnus Gonzaga, coordenador do Grupo de Estudo e Pesquisa em Teoria Política, Sociedade e Educação (GETEPS), possibilitou que eu desse continuidade aos meus estudos nessa instituição¹⁴⁷.

Nesse sentido, minha participação nas discussões sobre os clássicos da ciência política foi muito proveitosa. Discutimos os contratualistas Hobbes, Locke e Rousseau, os federalistas e o dilema da Constituição americana, entre outros. Outra participação importante foi no curso de extensão “A Pesquisa Social sob o Enfoque do Materialismo Histórico-Dialético”, que abordou as fontes, os conceitos e as categorias analíticas que estruturam esse enfoque como método para o desenvolvimento de pesquisa social.

No ensino, embora distante do que ministrei em outras universidades, dediquei-me a lecionar componentes curriculares nas áreas de movimentos sociais, educação popular, educação não formal e terceiro setor, deixando para o GETEPS a discussão que mantenho desde o mestrado, relativa à área de trabalho-educação, na qual trato das transformações no mundo do trabalho e seus impactos sobre a escola.

Já a minha experiência mais significativa em extensão foi o oferecimento de um curso que discutiu a pesquisa social sob a perspectiva do materialismo histórico-dialético.

¹⁴⁷ Inclusive, minha perspectiva teórica, que articula diferentes complexos sociais, como o Estado, o mundo do trabalho e a escola, é a mesma defendida pelo professor Magnus. Na UFC, percebi que não mencionei uma das exigências para ser aceito no departamento de Fundamentos: eu teria que mudar minha perspectiva temática, abandonando os estudos que realizei anteriormente durante o doutorado, pois minha temática era adotada em outro departamento.

No entanto, deixarei essa exposição para a seção seguinte, que abordará minha atuação profissional no ensino, pesquisa e extensão ao longo desses quase 23 anos de docência no ensino superior.

8 O OUTRO LADO DA MOEDA: O PRODUTIVISMO ACADÊMICO

Como quem lerá este memorial verá, em boa parte dele falei sobre um provável hegemonismo – moedor de gente – que reinaria, se não na totalidade das IFES, pelo menos em um departamento de um curso de uma delas, a UFMA. Esse hegemonismo se constituiu como uma das criações mais perversas da intelligentsia¹⁴⁸ acadêmica, embora os pesquisadores das IFES em momento algum tenham se permitido dar credibilidade científica a esse fenômeno. Assim, quando falei de "moer gente", referi-me ao impacto tanto na saúde emocional quanto na mental, assim como na dimensão relativa à reputação, que considero essenciais à subjetividade de qualquer pessoa.

Porém, como já mencionei, após dedicar parte considerável deste texto ao possível hegemonismo oculto em nossas universidades, passarei a discutir brevemente o que considero ser o outro lado da moeda do “universitarismo” brasileiro. Trata-se de um tema recorrente entre pesquisadores e sindicalistas – como os de um certo sindicato nacional “apoiador” de impeachment – especialmente aqueles críticos das políticas frequentemente implementadas por governos neoliberais: o produtivismo.

8.1 O produtivismo como critério para a ascensão na carreira

Dito isso, começarei esta digressão defendendo que, à primeira vista, o docente mais produtivo seria aquele que apresenta um currículo Lattes mais denso. Assim, quanto maior o seu Lattes, mais produtivo ele seria. Essa visão, não sei se totalmente baseada nos cânones do “CAPESismo” ou do “CNPqismo”

¹⁴⁸ Refere-se a uma categoria ou grupo de indivíduos que se distingue do restante da sociedade por sua qualificação, estando envolvidos em trabalhos intelectuais complexos e criativos, voltados para o desenvolvimento e a disseminação da cultura erudita. Esse grupo abrange profissionais dedicados a atividades intelectuais.

¹⁴⁹, foi o que entendi em um diálogo que tive, há algum tempo, com um ex-coordenador do PPGE da UFC, na época em que fazia parte do corpo docente desse programa. O diálogo que me levou a essa compreensão, talvez equivocada, ocorreu nos seguintes termos: “Francisco, você precisa ser mais ‘produtivo’, pois quanto mais produtivo você for, melhor será para a avaliação do programa”.

A meu ver, essa visão, que permeia toda a “intelligentsia” acadêmica, deixa claro qual é o critério mais importante, senão o único, para a avaliação acadêmica: a quantidade de produções. Isso inclui o número de artigos publicados com determinado Qualis, citações, produções técnicas e orientações de monografias, dissertações e teses. Essa ênfase na quantidade é imposta de maneira normativa e institucional como um requisito fundamental para uma boa avaliação pela CAPES na pós-graduação lato sensu.

No entanto, é preciso esclarecer que essa visão produtivista não é nativa da universidade, mas, sim, do ideário capitalista – fortemente impregnada no ambiente universitário –, que ao abolir as diferenças individuais, ver o ser humano como uma espécie de máquina, voltada somente para a produção.

Além disso, é importante ressaltar que essa quantidade também se tornou um requisito essencial para promoção e progressão na carreira acadêmica. Dessa forma, a quantidade passou a ser o principal parâmetro tanto para a continuidade dos programas de pós-graduação quanto para a ascensão na carreira universitária.

Assim, o produtivismo se tornou um senso comum no ambiente de produção científica, uma prática que impactou negativamente a pesquisa no país ao longo das últimas décadas. Isso porque os docentes das universidades foram levados a ver no produtivismo o meio para se tornar o melhor entre outros, estabelecendo um ambiente competitivo entre pares. O meio de superação de si, o que muitas vezes, levou ao estresse e ao adoecimento dessas pessoas.

Visto como uma anomalia, pela maioria dos especialistas que o investigam, o produtivismo afetou o próprio pesquisador, que se viu obrigado – igualmente de forma normativa e institucional – a ter um número determinado de

¹⁴⁹ Não pretendo criar neologismos; o sufixo “ismo” visa apenas dar uma conotação abstrata às ações de instituições que financiam, regulam e promovem a ciência, a tecnologia e a educação no país.

produções científicas (bienais e trienais), tanto para ascender profissionalmente na carreira do Magistério Superior quanto para se manter na pós-graduação *stricto sensu*.

Essa característica da sociedade atual, o foco na quantidade, levou os docentes das IFES a terem a ilusão de que quanto mais produzissem, mais destaque teriam (a folha de currículos Lattes abria portas para convites para palestras, congressos, cursos etc.). Assim, quanto mais produtivo um professor, como me disse o ex-coordenador do PPGEd da UFC, mais interessante ele se tornava para os programas e cursos de graduação, aumentando as chances de ser agraciado com a tão almejada bolsa de produtividade.

Dessa maneira, o produtivismo manifestado dentro da universidade está relacionado, na minha compreensão, a duas dimensões: uma externa, que vê a importância da universidade no processo de produção econômica do país (produção do PIB); e outra interna, diretamente vinculada à primeira, que defende que, para a universidade auxiliar na produção do PIB nacional, é preciso dotá-la do máximo de produtividade possível. Isso garante que os investimentos realizados sejam maximizados por meio da adoção do princípio da busca constante do máximo de resultados com o mínimo de dispêndio.

Esse pensamento, que, a princípio, se identifica mais com determinadas áreas da universidade, como os cursos de engenharia, economia e administração, ganhou espaço também nas ciências humanas e sociais, além de outras áreas do conhecimento.

No entanto, quero registrar que esse não é o meu caso. Além de ter ficado afastado da vida acadêmica por pelo menos cinco anos, devido aos conflitos registrados na UFMA, o retorno à "normalidade" de uma vida acadêmica plena na UFC não ocorreu da noite para o dia¹⁵⁰. Além desses acontecimentos deixarem profundas sequelas em meu inconsciente.

De todo modo, quero registrar que a discussão anterior, uma crítica à produtividade na universidade, não é o que pretendo narrar daqui para frente. Até porque, neste memorial, não estou defendendo nenhuma tese acadêmica; estou apenas tentando mostrar como foi meu trajeto na carreira acadêmica ao

¹⁵⁰ Além da pandemia, que levou pelo menos dois a três anos para se estabilizar e para que começássemos a retomar a normalidade.

longo desses anos. Assim, a partir deste momento, passarei a falar sobre o que produzi durante esses quase 23 anos.

Neste sentido, informo que, a partir deste momento, minha intenção é destacar algumas atividades da minha atuação profissional nas três universidades em que estive e que considero importantes para meu percurso acadêmico. Ressalto que essas atividades refletem determinações históricas, políticas, sociais e econômicas da época em que foram realizadas. Embora eu vá destacar apenas algumas delas, esclareço que as demais podem ser consultadas no currículo Lattes anexo a este memorial.

Por fim, um último esclarecimento: a maior parte da minha atuação relativa à produção intelectual ocorreu durante minha passagem pela UFC, no LABOR, incentivada pelo meu amigo e parceiro alvinegro, professor Eneas Arrais Neto. Outra parte, especialmente a mais recente, foi desenvolvida em colaboração com a grande parceira da academia e do amor, Ana Patrícia Dias Sales, professora do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Estudos Regionais e Urbanos da UFRN.

8.2 Atuação profissional na UFMA

Na UFMA, durante a passagem – de triste memória – por essa universidade, minha produção, embora comprometida pelos acontecimentos narrados neste memorial, foi até significativa, pois tive artigos publicados em dois periódicos que possuem conceito A1 no Sistema Qualis Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES/MEC). Os periódicos foram: “**Educação em Questão**”, do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da UFRN, e a “**Revista de Políticas Públicas (RPP)**”, do Programa de Políticas Públicas (PGPP) da UFMA.

Ainda no período em que estive na UFMA, registro a publicação do livro resultante da avaliação do Plano Nacional de Qualificação Profissional, do primeiro governo de Luiz Inácio Lula da Silva, que sucedeu ao PLANFOR. O livro foi organizado por mim, pela professora Cândida Costa, do departamento de Serviço Social, e pela professora Ilma Nascimento, do departamento de Educação II.

Durante esse período, no ensino, ministrei algumas disciplinas na área dos fundamentos da educação: sociologia, história e filosofia da educação, política e planejamento educacional, e organização de sistemas educacionais.

Na pesquisa intitulada **“A Integração entre a educação básica e a educação profissional: estudo sobre as possibilidades, limites e perspectivas do ensino médio integrado”**, fui membro do projeto que analisava as possibilidades de integração entre a educação básica e a educação profissional no nível médio, no contexto das reformas educacionais no Brasil.

Essa pesquisa ocorreu em um momento em que a dinamicidade e as exigências do capital promoviam mudanças nas formas de produção da existência e nos requisitos de qualificação. O projeto era coordenado pela professora Maria José Pires Cardozo e tinha como integrantes as professoras Francisca das Chagas Silva Lima, Eliane Maria Pinto Pedroza e Lindalva Martins Maia Maciel.

Entre 2003 e 2004 participei da produção de três trabalhos técnicos que foram as **avaliações do PLANTEC**¹⁵¹, no Maranhão em 2003 e 2004 e o do Piauí, em 2003, em parceria com a professora do departamento de serviço social da UFMA, Cândida Costa.

8.3 Atuação profissional na UFC

Quando cheguei à UFC, em 2011, ainda enfrentava problemas de saúde, e as complicações somáticas de origem emocional só cessaram um ano depois. Adaptar-me à cidade, apesar de ser natural dali, também foi desafiador. O mais difícil, no entanto, foi lidar com os bloqueios. Pensar em ministrar aulas ou escrever sobre temas acadêmicos me afligia profundamente.

Mas, aos poucos, fui superando o bloqueio de entrar em sala de aula e de escrever, principalmente graças à terapia cognitiva comportamental (TCC), utilizada no meu tratamento pelo psicólogo Leonardo Maciel, que me acompanha até hoje. Também devo esse progresso às novas parcerias estabelecidas na UFC; o convite do professor Eneas para integrar o eixo Economia Política,

¹⁵¹ Plano Territorial de Qualificação.

Sociabilidade e Educação da FILOS, assim como o LABOR, foi essencial nesse processo.

Assim, durante o período em que estive na UFC, no âmbito da pesquisa, fui integrante do projeto coordenado pelo professor Eneas Arrais, intitulado **“Formação Humana Omnilateral e Arquitetura Escolar”**, na parte dedicada à **Formação Humana Omnilateral**. Esse momento do projeto era importante porque se acreditava que o resgate do debate sobre a formação humana integral, denominada por Marx como formação omnilateral, dentro de novos marcos que incluíam elementos da psique inconsciente, ia além do mero desenvolvimento intelectual e racional. Isso poderia conferir maior solidez teórica à perspectiva do materialismo histórico, que era o principal referencial na área de Trabalho e Educação.

Antes daquele projeto, coordenei a pesquisa intitulada **“Avaliação dos Centros Vocacionais Tecnológicos”**, que tinha como objetivo avaliar os Centros Vocacionais Tecnológicos (CVTs). Esses centros faziam parte de um dos programas da Secretaria de Ciência e Tecnologia para a Inclusão Social (SECIS) e eram financiados por emendas parlamentares ao orçamento da União. Localizados principalmente nos estados do Sudeste e Nordeste, os CVTs tinham como foco principal a superação das deficiências tecnológicas e atuavam como instrumentos de popularização da ciência.

No âmbito da extensão, como membro do LABOR, participei da organização de duas edições do **“Encontro Internacional Trabalho e Perspectivas de Formação dos Trabalhadores”**, um encontro bianual com a finalidade de discutir a educação emancipatória e sua relação com o desenvolvimento social, econômico, político e cultural no Brasil e no mundo. O encontro abordou temáticas relacionadas ao mundo do trabalho e sua conexão com a educação.

Nesse período, fiz algumas publicações na Revista do Labor e um na Revista de Ciências Sociais Política e Trabalho da UFPB que são periódicos que possuem, respectivamente, conceitos B2 e B1 no Sistema Qualis Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento do Pessoal de Nível Superior (CAPES/MEC).

Foi também durante minha passagem pela UFC que publiquei o livro de minha autoria, **“Planfor: política compensatória para a ‘inclusão’ na**

informalidade", pela Edições UFC, na coleção Labor, em 2012¹⁵². Este livro foi resultado da minha tese de doutorado, defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da UFRN, em dezembro de 2006, com o mesmo título.

O livro aborda a política nacional de educação profissional, sob a responsabilidade do Ministério do Trabalho, na década de 1990, e tinha como objetivo desmistificar os resultados das ações de educação profissional em nível básico oferecidas pelo Planfor (Plano Nacional de Qualificação do Trabalhador). Ele demonstra que os egressos qualificados por cursos de curta duração oferecidos por esse plano não conseguiram se inserir no mercado formal de trabalho, mas apenas em ocupações precárias no chamado mercado informal.

Por fim, no ensino de graduação fui responsável por inúmeras disciplinas como: **Organização e Gestão de Espaços Educativos Não Escolares, Organização Social do Trabalho Escolar, Política Educacional, Pedagogia do Trabalho e Organização Social do Trabalho Escolar e pelo estágio em Organização e Gestão de Sistemas Escolares.**

Já na pós-graduação ministrei com outros professores da FILOS as disciplinas **Estudos orientados I, II, IV e V**, onde fiquei responsável por discutir com os alunos e alunas matriculados, oriundos dos diferentes eixos da linha de pesquisa, a parte referente à economia política marxista.

8.4 Atuação profissional na UFRSA

Como tentei mostrar neste memorial, sou imensamente grato aos professores e professoras do DCH da Ufersa por deferirem meu pedido de redistribuição e permitirem minha vinda para esta universidade. Quanto ao motivo, como expliquei, embora tenha sido movido por uma razão pessoal, esclareci que minha pretensão nesse departamento era continuar exercendo minhas atividades como professor do Magistério Superior com responsabilidade e contribuir para o fortalecimento do Campus Multidisciplinar de Angicos.

Assim, nesses pouco mais de quatro anos, tenho buscado contribuir, na medida das minhas possibilidades, para o fortalecimento do CMA e do curso de

¹⁵² Imagem da capa do livro em anexo.

Pedagogia da UFERSA, localizados em uma das regiões mais desafiadoras deste imenso país: o semiárido potiguar.

Como minhas áreas de atuação, em razão da minha formação no mestrado e doutorado, envolvem os fundamentos da educação, a política e a gestão da educação, e o trabalho e educação, enfrentei dificuldades na UFERSA para lecionar os componentes curriculares específicos dessas áreas.

Por isso, ministrei disciplinas da área de tecnologias educacionais, como Introdução à EAD. Como mencionei anteriormente, diante da impossibilidade de lecionar as disciplinas relacionadas à minha formação, lecionei em nove semestres componentes curriculares como: **Movimentos Sociais e Cidadania; Educação Popular e Pedagogia Social no Brasil; Ética e Legislação**; entre outros.

No âmbito da pesquisa, atualmente coordeno o projeto em fase de finalização intitulado “**Trabalho, Cidadania e Escolarização**”. Nessa pesquisa, que estudou o mercado de trabalho na cidade de Natal/RN, busquei identificar os nexos entre o acesso à cidadania e a educação básica dos trabalhadores do setor de serviços, mais precisamente dos que atuam em aplicativos (plataformas digitais), especialmente os entregadores de bicicletas e motocicletas.

O recorte temporal do estudo abrangeu o período de 2019 a 2022 e se desenvolveu a partir do levantamento de informações secundárias oriundas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), da base de dados do Ministério do Trabalho, da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED) e de uma vasta bibliografia relacionada às temáticas transversais ao estudo. Os dados primários foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas e da aplicação de questionários com os sujeitos da pesquisa.

Outra investigação da qual participo resulta de minha parceria com o professor Magnus Gonzaga. Essa pesquisa, intitulada “**Implicações da Indústria 4.0 na Qualificação Profissional de Trabalhadores da Indústria de Produção de Energia Eólica do Rio Grande do Norte**”, é coordenada pelo próprio professor Magnus Gonzaga. Diante do crescimento constante do setor de energia eólica, a discussão sobre a qualificação dos trabalhadores ganha relevância, pois, em tese, surge a necessidade de os municípios onde estão instalados os parques eólicos formarem e capacitarem uma força de trabalho

apta a atender às demandas específicas dessa indústria em expansão e evolução. O estudo, portanto, analisa as implicações da Indústria 4.0 no perfil profissional dos trabalhadores da indústria de produção de energia eólica no Rio Grande do Norte.

Por fim, destaco minha participação no projeto de extensão realizado em 2023, intitulado **“A Pesquisa Social sob o Enfoque do Materialismo Histórico-Dialético”**, outra parceria com o professor Magnus Gonzaga. Esse curso se justificava na medida em que entendíamos que a pesquisa social é uma ferramenta importante por se configurar como um processo sistemático, alicerçado em um método específico, em concepções teóricas e em um conjunto de técnicas, buscando respostas para problemas da realidade social que envolvem aspectos das relações humanas e seus múltiplos processos com o meio e as instituições.

Além disso, a pesquisa social abrange objetos de estudo de diferentes áreas do conhecimento das ciências sociais, como Antropologia, Ciência Jurídica, Ciência Política, Educação, Economia e Sociologia, entre outras. O curso, direcionado a estudantes de graduação, pós-graduação e demais interessados na temática, objetivou abordar fontes, conceitos e categorias analíticas que estruturam o enfoque do Materialismo Histórico-Dialético como método para o desenvolvimento da pesquisa social.

9 DERRADEIRO AVISO AOS NAVEGANTES

*Só posso levantar as mãos pro céu
 Agradecer e ser fiel ao destino que Deus me deu
 Se não tenho tudo que preciso
 Com o que tenho, vivo
 De mansinho lá vou eu
 Se a coisa não sai do jeito que eu quero
 Também não me desespero
 O negócio é deixar rolar
 E aos trancos e barrancos, lá vou eu
 E sou feliz e agradeço por tudo que Deus me deu
 Deixa a vida me levar (vida, leva eu)¹⁵³*

¹⁵³ Trecho da composição de Eri do Cais. Esse samba fez parte do 15º álbum de Zeca Pagodinho, *Samba pras moças*, lançado em 2002, ano em que ingressei na UFMA.

Queria dizer que, para chegar até aqui, nada foi planejado. Aliás, nunca fiz um planejamento de longo prazo para minha vida. Tudo aconteceu de repente: os concursos, os casamentos, o trabalho em Angicos, morar em Natal e tantos outros eventos. Penso que, se eu fosse cristão, como diz a canção de Zeca Pagodinho, eu viveria levantando as mãos para o céu e agradecendo a deus pelo “destino” que ele me deu, pois tudo ocorreu dessa maneira. Embora seja certo afirmar que eu não acredito em deus e, muito menos, nessa ideia de destino.

Ao ingressar como concursado na UFMA em 2002, nunca imaginei como seria o desfecho dessa história: o ápice da carreira universitária, que é o cargo de professor titular. Para chegar aonde estou hoje, muitas decisões foram tomadas; algumas acertadas, outras, a maioria, para ser direto, equivocadas. Embora essa assertiva sugira que esse adjetivo caracteriza todas as minhas escolhas, é importante ressaltar que nem todas foram infelizes.

Outra coisa que não posso deixar de afirmar é que esses equívocos ocorreram tanto na vida profissional quanto na pessoal. Explico: minha vida pessoal foi, de maneira torpe, confundida com a profissional em um momento decisivo, quando escolhi acreditar que as pessoas envolvidas no episódio eram confiáveis. Ledo engano! No entanto, devo ressaltar que a decisão de me casar com quem amava foi feita sem qualquer ceticismo.

De modo que, toda essa digressão em torno do erro se deve ao fato de que somos constantemente confrontados e levados a tomar decisões. No fim das contas, a vida é uma sequência de decisões. A gente está sempre escolhendo um caminho, mesmo que não tenha certeza do que vai encontrar lá na frente.

E cada escolha que fazemos é influenciada por o que a gente quer, pelas chances que a vida nos dá, pelos desafios que enfrentamos e pelos nossos valores¹⁵⁴. O problema é que nunca temos certeza do que vai acontecer depois. É como jogar um dado: às vezes sai o número que a gente quer, mas na maioria

¹⁵⁴ Como afirmava o velho Marx em sua obra *O 18 Brumário de Luís Bonaparte*, os homens fazem sua própria história, mas não a fazem como querem; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha, mas sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado.

das vezes a gente não faz ideia do resultado, o que significa dizer, que na maioria das decisões que tomamos, a incerteza é mais a regra do que a exceção.

Dito isso, retomo uma reflexão feita no início do segundo tópico desse memorial que remete ao cientista em ciências naturais Jean Piaget (1896-1980), que acreditava que o erro é parte necessária do processo de aprendizagem. Para ele, o erro seria construtivo e poderia ser uma fonte de tomada de consciência.

Nesse sentido, inspirado em Piaget e ciente de que errarei outras vezes, afirmo que, desta vez, procurarei fazer com que meus erros sejam diferentes dos anteriores, pois meu objetivo é sempre tentar acertar. Acredito que, entre erros e acertos, é assim que caminha a humanidade.

E, para encerrar, se me perguntarem se sinto vergonha de expor o que relatei neste memorial, eu diria que sim. No entanto, como afirmou Gisele Pelicot, vítima de estupro pelo próprio marido, eu também entendo que "a vergonha precisa mudar de lado".

Alguns que lerem estas linhas pensarão que este memorial se trata de algum elixir que, certamente, desopilou o fígado do narrador. No entanto, não é isso. Trata-se apenas de reflexões. Essas reflexões têm um significado especial para mim, pois não foram minhas ações que misturaram minha vida pessoal com a profissional; foram pessoas do círculo acadêmico ao qual pertenci e aquelas que se autodenominavam amigas que mudaram completamente o curso da minha jornada. Tais vivências me obrigaram a reconsiderar não apenas meus laços interpessoais, mas também a influência que exerceram sobre minha carreira profissional.

Tenho a dizer ainda que minha peregrinação em direção à capital do Rio Grande do Norte terminou, não por vontade própria, mas porque, como disse "sabidamente" "Macbeth IV", eu não fui para onde desejava: a UFRN. Agora, mais experiente – para não dizer idoso – e com uma sensação diferente no peito, faço meus os versos de Maiakovski: "Não estamos alegres, é certo, mas por que razão haveríamos de estar tristes?"

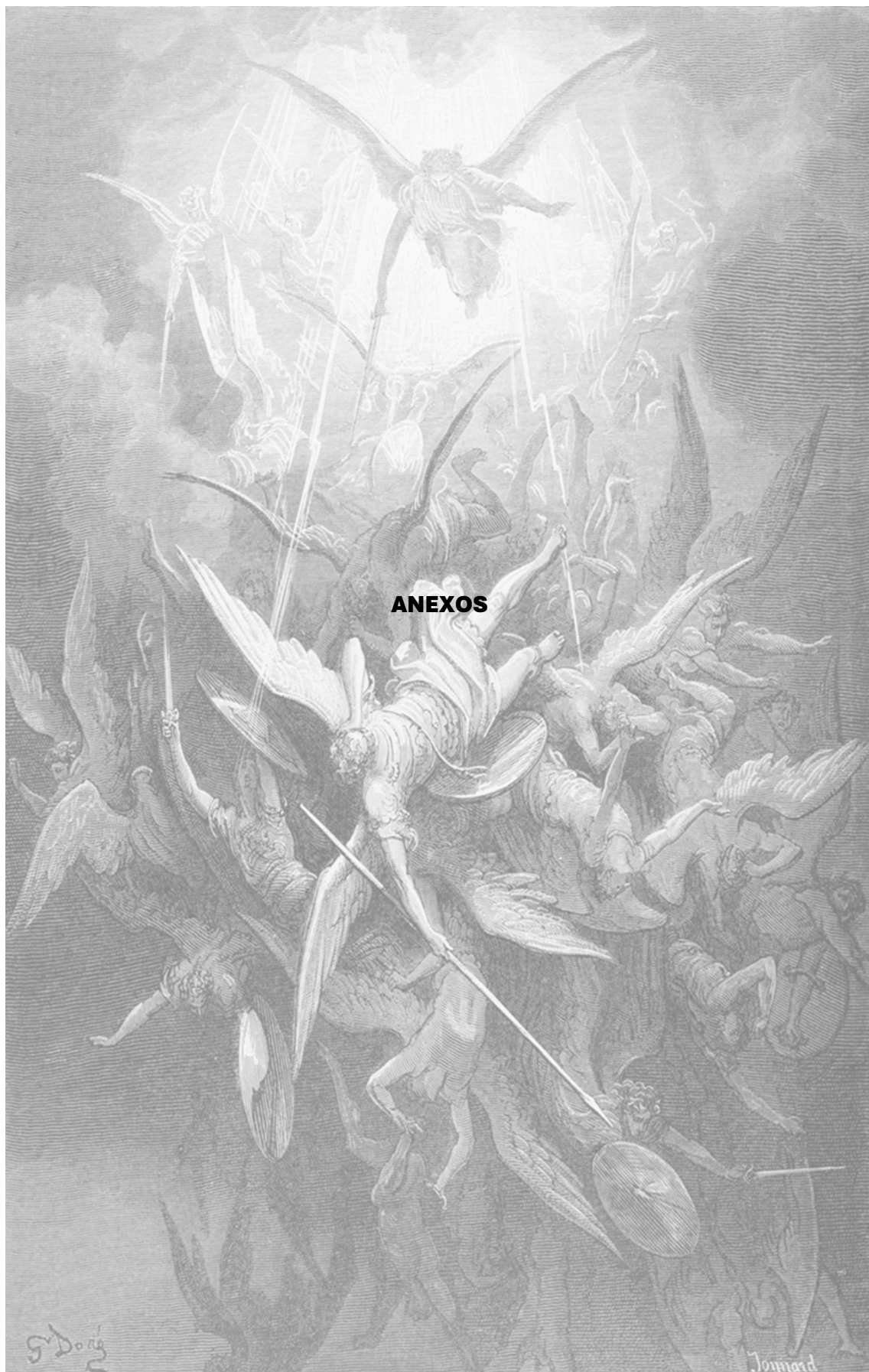
Até porque, antes, eram 1.402 km de distância. Depois, 514 km, menos da metade; e agora, apenas 164 km. Por fim, reconheço que não era meu objetivo ir para a UFERSA – muito menos para o campus de Angicos. No entanto, as coincidências nem sempre correspondem à nossa vontade.

Para encerrar este memorial de forma leve, recordo a poesia de Oswaldo Montenegro, que em uma de suas canções diz: “Se alguém vier pedir o meu conselho, a gente não aprende no espelho; a gente vive e sofre pra aprender”¹⁵⁵. E assim, como as ondas que balançam no mar, aprendi que a vida é um constante navegar, onde cada experiência, mesmo as mais turbulentas, nos ensina a arte de seguir sempre em frente.

É isso, simples assim.

Quem dera!

¹⁵⁵ Trecho da canção “A vida quis assim”, de Oswaldo Montenegro, de 2011.



A Queda dos Anjos Rebeldes, de John Milton (1608-1874)

LOCALIDADE Fortaleza ESTADO DO CEARÁ
 NOME DO ESTABELECIMENTO Colégio São João
 RECOMENDAÇÃO Decreto 11516-09-03-43 - Governo Federal - D.O. 11-02-43
 SITUACAO LEGAL DO ESTABELECIMENTO ATG No. - DATA ORGAO EXPEDIDOR - DIARIO OFICIAL
SOCIEDADE DE ENSINO LIMITADA
 ENTIDADE MANTENEDORA
 CERTIFICADO DE CONCLUSÃO DO ENSINO DE 1o. GRAU
 O DIRETOR do Colégio São João
 da Lei No. 5.692, de 11 de agosto de 1971, confere a Francisco José Lima Sales
 filho de Mariano Rodrigues Sales e Raimunda Lima Sales
 natural de Fortaleza Estado Ceará nascido a 24 de maio de 1966
 o presente CERTIFICADO, tendo em vista haver concluído o ensino de 1o. Grau no ano de 1983 para que possa gozar de todos os direitos, regalias e prerrogativas concedidos a este título pelas leis do País.
Francisco Eladio Monteiro de Souza
 Secretário Reg. No. 9922
Fortaleza, 28 de fevereiro de 1984
Colégio Francisco
 Diretor Reg. No. 421-NEC
 Concluinte
 de acordo com o art. 16
 Mod. 3 - aprovado pelo CEE (REG. 77/74)

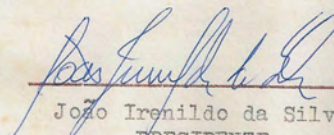
 ESTADO DO CEARÁ	
LOCALIDADE <u>Fortaleza</u>	NOME DO ESTABELECIMENTO <u>Colégio São João</u>
SITUAÇÃO LEGAL DO ESTABELECIMENTO - ATO - N.º - DATA - ÓRGÃO EXPEDIDOR - DIÁRIO OFICIAL <u>Reconhecido Decreto 11556-09-02-43 Gov. Federal D.O. 14.02.43</u>	
ENTIDADE MANTENEDORA <u>Sociedade de Ensino Ltda</u>	
CERTIFICADO DE CONCLUSÃO DO ENSINO DE 2.º GRAU	
O DIRETOR do <u>Colégio São João</u>, de acordo com o art. 16 da Lei N. 5.692, de 11 de agosto de 1971, confere a <u>Francisco José Lima Sales</u>, filho de <u>Mariano Rodrigues Sales e Rainilda Lima Sales</u>, natural de <u>Fortaleza</u>, Estado <u>Ceará</u>, nascido a <u>27</u> de <u>maio</u> de <u>1966</u>, o presente CERTIFICADO, tendo em vista haver concluído o ensino de 2.º Grau no ano de <u>1984</u>, para que possa gozar de todos os direitos, regalias e prerrogativas concedidos a este título pelas leis do País.	
<u>Francis Edson Afonso de Sousa</u> Secretário Reg. N.º 9922	<u>Fortaleza, 30 de dezembro de 1984</u> <u>Edson Francisco</u> Diretor Reg. N.º 421-RES
Inspetor	Concluinte

APEFCE - Associação dos Professores de Educação Física do Ceará
SEDE - Rua Idelfonso Albano S/N - Centro - Ginásio Paulo Sarasate

DECLARAÇÃO

Declaro para os devidos fins que Francisco José Lima Sales foi membro do Conselho Deliberativo desta entidade, no período 89/90 gestão COMEÇAR DE NOVO.

Fortaleza, 18 de julho de 1991


João Irenildo da Silva
PRESIDENTE





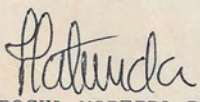
GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ
SECRETARIA DA AÇÃO SOCIAL
FUNDAÇÃO DA AÇÃO SOCIAL

D E C L A R A Ç Ã O

Declaramos que FRANCISCO JOSÉ LIMA SALES, desenvolveu atividades no Centro Comunitário Conjunto São Vicente de Paulo, como Estagiário de Educação Física, nos termos do Convênio firmado entre esta Fundação e a Universidade de Fortaleza-UNIFOR, no período de 07/03 à 30/06/90, obtendo aproveitamento excelente.

Fortaleza, 12 de novembro de 1990

MADALENA ^{MSB}SEVERIANO BOMFIM PONTE
Diretora Administrativa


FÁTIMA CATUNDA ROCHA MOREIRA DE ANDRADE
Presidente



FUNDAÇÃO EDSON QUEIROZ
UNIVERSIDADE DE FORTALEZA

Reconhecida pela Portaria Nº 350 de 12.08.83 - D.O.U de 18.08.83

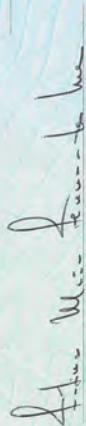
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE

O Reitor da UNIVERSIDADE DE FORTALEZA, no uso de suas atribuições
e tendo em vista a conclusão de Curso de Graduação, confere o título de
LICENCIADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA a

Francisco Jose Lima Sales

e outorga-lhe o presente Diploma, a fim de que possa gozar
de todos os direitos e prerrogativas legais.

Fortaleza, 14 de setembro de 2007


Diretor do Centro


Reitor


Diplomado

PAGINA 4

DIÁRIO OFICIAL
DO ESTADO DE MATO GROSSO

22 DE MARÇO DE 1991.

ESCOLA MUNICIPAL DE 1º G. "PROFº AGOSTINHO S. DE FIGUEI
REDO"

Portaria Provisória nº 001/91

A Diretora da Escola Municipal de 1º Grau "Profº Agostinho Simplício de Figueiredo", no uso de suas atribuições legais, considerando o artigo 3º, § 1º e 2º do Decreto nº 2.416 de 22/03/90.

RESOLVE:

1 - Admitir para exercer a função de professor interino, os abaixo mencionados.

A) - Em regime de 40 horas semanais durante o Bimestre 91/92 correspondente à duração de seu mandato como diretora eleita.

01 - MEYRE MARINHO

RG. - Nº 081 261 SSP/MT

CIC. - Nº 411997311 - 53 - NÍVEL: SUPERIOR

B) - Em regime de 27 horas/aulas semanais no período de 18/02/91 a 31/01/92, para aulas livres, o quadro Docente da Escola, não dispõe de professor habilitado para disciplinas de HISTÓRIA E GEOGRAFIA, 1º Grau Noturno.

01 - ANA MARIA PINHEIRO CAHYA

RG. - Nº 693 998 SSP/MT

CIC. - Nº 551 485 301/20 NÍVEL: SUPERIOR

C) - Em regime de 34 h/a semanais no período de 18/02/91 a 31/01/92, para aulas livres, o quadro Docente da Escola não dispõe de professor habilitado para MATEMÁTICA, 1º Grau Noturno.

01 - COSME BARBOSA LIRA

RG. - Nº 218 835 SSP/MT

CIC. - Nº 208459521/53 NÍVEL: 2º GRAU

D) - Em regime de 20 h/a semanais no período de 18/02/91 a 31/01/92, para aulas livres, o quadro Docente da Escola não dispõe de professor habilitado para EDUCAÇÃO FÍSICA, O.S.P.B. e E.M.C., 1º Grau Noturno

01 - FRANCISCO JOSÉ LIMA SALES

RG. Nº 715321-84 SSP/CE

CIC. Nº 2833400091 - NÍVEL: SUPERIOR

E) - Em regime de 30 h/a semanais no período de 18/02/91 a 31/01/92, para aulas livres, o quadro Docente da Escola não dispõe de professor habilitado para disciplinas de CIÊNCIAS, PROGRAMA DE SAÚDE e PORTUGUÊS na 5ª série, 1º Grau Noturno.

01 - JOADIL GONÇALVES DE ABREU

RG. Nº 413 627 SSP/MT

CIC. Nº 830 338746 49 - NÍVEL: SUPERIOR

F) - Em regime de 20 horas aulas semanais no período de 18/02/91 a 31/01/92, para aulas livres, o quadro Docente da Escola não dispõe de professor habilitado para as Disciplinas de EDUCAÇÃO ARTÍSTICA e ENSINO RELIGIOSO, 1º Grau Noturno.

01 - MARGARETH MARINHO

RG. Nº 429 096 SSP/MT

CIC. Nº 411 997 401 - 44 - NÍVEL: 2º GRAU

A despesa correrá por conta da verba 08.07.021.

2233 - manutenção e operação do Sistema de Ensino
3.1.1.1. Pessoal Civil - OI vencimento e vantagens fixas do vigente orçamento, sujeitando-se aos descontos do IPERAT.

CUMpra - SE

Cuiabá-MT, 18 de março de 1.991

Maria da Glória C. Murtan
MARTA DA GLÓRIA C. MURTAN
Diretora Aut. Nº 311/89

Maria Auxiliadora S. Lopes
MARIA AUXILIADORA S. LOPES
Secretária Aut. Nº 53/90

MARTA DA GLÓRIA C. MURTAN

Supervisora.

PORTARIA Nº 003 / 91 (Provisória)

O Diretor da Escola Estadual de 1º e 2º Graus "Pascual Ramos" do município de Cuiabá SREC de Cuiabá no uso de suas atribuições legais e considerando o disposto no art. 3º do Decreto nº 2.416 de 22/03/90 e Instrução Normativa nº 02/SEC/SAD 28/08/90 combinado com o artigo 264 IV da Lei Complementar nº 04 de 15/10/90 Considerando ainda necessidade de complementar o Quadro de Pessoal Docente.

RESOLVE:

Designar professor substituto no período de 01/03/91 até 31/01/92 ou até o esgotamento dos concursados se esta ocorrer antes dessa data.

01 - BERNARDETE PAROLEK

RG. 675.390

Escolaridade - 2º Grau

Carga Horária - 20 h.

Discip. Ciências - 5º ABC-6ª A

P. Saúde - 6ª A-6ª B

Ed. Art. - 7ª A-6ª A

Vespertino

02 - EDSON PAIVA-SERRA

RG. 241.169

Escolaridade - Superior (LP)

Carga Horária - 36 h.

Discip. Português - 1ª AB-2ª A-3ª A

Física - 2ª A-3ª A

E.M.C. - 5ª ABC

Vespertino e Noturno

03 - MARJANE MARTINS DOS SANTOS

RG. 647.812

Escolaridade - 2º Grau

Carga Horária - 20 h.

Discip. Português - 5ª ABC

Vespertino e Noturno

04 - VANDERLEY FARIA E SILVA

RG. 472.952

Escolaridade - Superior (LP)

Carga Horária - 40 h.

Discip. Português - 5ª DE-6ª B-7ª A-8ª A

E.M.C. - 2ª A

O.S.P.B. - 3ª A

Vespertino e Noturno

A despesa ocorrerá por conta da verba 08.08.021.2233 - Manutenção e Operação do Sistema de Ensino 3.1.1.1. Pessoal Civil OI - Vencimentos e Vantagens Fixas do vigente orçamento, sujeitando-se aos descontos do IPERAT.

CUMpra - SE

Cuiabá MT, 08 de março de 1.991

Walter
WALTER
Aut. Nº 014/90

RG. 2.060.089-6 SSP/PR

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

CERTIFICADO

Certificamos que FRANCISCO JOSÉ LIMA SALES

concluiu o Curso de ESPECIALIZAÇÃO EM METODOLOGIA DO ENSINO SUPERIOR-CEMES-

realizado em etapa(s), no(s) período(s) de 05 de abril de 1993 a 04 de abril de 1994
, com 450 horas/aula,

obtendo aproveitamento e frequência.

São Luís, 03 de janeiro de 1995.

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

ALUNO



REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

FUNDAÇÃO INSTITUÍDA NOS TERMOS DA LEI Nº 5.152 DE 21.10.1966



O Reitor da Universidade Federal do Maranhão, com a autoridade que lhe confere o Regimento Geral e, tendo em vista a conclusão do curso de Pós-Graduação no dia 20 de março de 1998,

FRANCISCO JOSÉ LIMA SALES

nacionalidade

Brasileira

naturalidade

Cearense

nascido (a)

27 de maio de 1966

identidade 17470993-5 SSP/MA, e presente diploma de

MESTRE EM EDUCAÇÃO

para que possa gozar de todos os direitos e prerrogativas concedidos a este título pelas leis da República.

São Luís, 04 de maio de 2007

[Assinatura]
Reitor

[Assinatura]
Pró-Reitor de Ensino

[Assinatura]
Diplomado

12	02267 622/000106 7	13
Empregador	Escola de Formação Sindical da CUT no Nordeste	Empregador
Rua	Rua Dom Manoel Pereira, 163	Rua
Município	São Amaro - CEP 50.050-140	Município
Esp. do estabelecimento	Recife - PE	Esp. do estabelecimento
Cargo	Educador	Cargo
Data admissão	05 de maio de 1999	Data admissão
Registro nº	40	Registro nº
Remuneração especificada	R\$ 1.495,92 (um mil quatrocentos e noventa e cinco reais e noventa e dois centavos) por mês	Remuneração especificada
Ass. do empregador ou a rogo c/ test.	Ass. do empregador ou a rogo c/ test.	Ass. do empregador ou a rogo c/ test.
1º	1º	1º
2º	2º	2º
Data saída	31 de Dezembro de 1999	Data saída
Ass. do empregador ou a rogo c/ test.	Ass. do empregador ou a rogo c/ test.	Ass. do empregador ou a rogo c/ test.
1º	1º	1º
2º	2º	2º



PREFEITURA DE SÃO LUÍS

SERVIDOR MANTENHA SEUS DADOS ATUALIZADOS JUNTO A
SUPERINTENDENCIA DE ADMINISTRACAO

PREFEITURA DE SÃO LUÍS

SECRETARIA MUNICIPAL DE ADMINISTRAÇÃO

FOLHA INDIVIDUAL DE PAGAMENTO

NOME DO FUNCIONÁRIO		Nº ORDEM	
FRANCISCO JOSE LIMA SALES		0000599	
ÓRGÃO	MATRÍCULA	MÊS/ANO	
SEC. MUN. EDUCACAO E CULTURA	36483-2	09/200	
SETOR			
LOGRADOURO		BAIRRO	
RUA DO MACHADO CASA 135		CENTRO	
MUNICÍPIO	UF	CEP	
SÃO LUÍS	MA	065010-350	



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

Fundação Instituída nos termos da Lei nº 5.152, de 21/10/1966 - São Luís - Maranhão

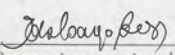
TERMO DE POSSE N.º 029/2002

A Senhora Diretora do Departamento de Pessoal da Universidade Federal do Maranhão **MARIA ELISA CANTANHEDE LAGO BRAGA BORGES**, tendo em vista o disposto no art. 13, da Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990, **EMPOSSA** nesta data **FRANCISCO JOSÉ LIMA SALES**, nomeado(a) pela Portaria nº 200/2002-GR de 4.7.2002, publicada no Diário Oficial de 5.7.2002, Seção 2, página 11, para exercer o cargo efetivo de **PROFESSOR ASSISTENTE**, nível inicial, no regime de Dedicação Exclusiva, habilitado em concurso público.

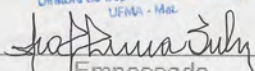
O(a) servidor(a) apresentou os documentos exigidos por Lei e prestou o compromisso de fielmente cumprir com os deveres e atribuições do cargo, bem como comprometeu-se a observar o **Código de Ética Profissional do Servidor Público Civil do Poder Executivo Federal**, aprovado pelo Decreto nº 1.171, de 22 de junho de 1994, anexando, a este **TERMO**, declaração quanto ao exercício ou não de cargo ou função pública.

Para constar, eu **ADRIANA MOURÃO GONÇALVES**, com exercício na **DDD/DP/PRH**, lavrei o presente **TERMO**, que vai assinado pelo Diretor do Departamento de Pessoal e pelo empossado.

São Luís (MA), 26 de julho de 2002


Diretor de Departamento de Pessoal

Maria Elisa C. Lago B. Borges
Diretora do Departamento de Pessoal
UFMA - MAZ


Empossado

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO**

Fundação Instituída nos termos da Lei nº 5.152, de 21/10/1966 - São Luís - Maranhão

INT
DE-II**PORTARIA N.º 799/2004-DP,****A DIRETORA DO DEPARTAMENTO DE PESSOAL DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO,** no uso das atribuições legais que lhe
confere a Portaria n.º 13/2004-PRH, de 2.3.2004,face ao que dispõe o artigo 20 da Lei 8.112/90, atualizada pela Lei
n.º 9.527/97,

e face o contido no processo n.º 8426/2002-86,

RESOLVE:

Considerar aprovado(a) no estágio probatório o(a) servidor(a)
FRANCISCO JOSÉ LIMA SALES Professor Assistente, matrículas UFMA 7992.8 e
SIAPE 1356160, lotado(a) no Departamento de Educação II do Centro de Ciências
Sociais, desta Universidade.

Dê-se ciência. Publique-se. Cumpra-se.**São Luís(MA), 3 de agosto de 2004****CLÁUDIA BOGÉA VAZ DOS SANTOS CABRAL MARQUES****Diretora do Departamento de Pessoal**



REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE

O Reitor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, no uso de suas atribuições e tendo em vista a defesa de tese, em 14 de dezembro de 2006, no **PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**, por

Francisco José Lima Sales

brasileiro, natural de Fortaleza/CE, nascido em 27 de maio de 1966, outorga-lhe o diploma de **DOUTOR EM EDUCAÇÃO**, a fim de que possa gozar de todos os direitos e prerrogativas legais.

Natal/RN, 16 de maio de 2007.

Edna Maria da Silva
EDNA MARIA DA SILVA
Pró-Reitora de Pós-Graduação

V. I. R.
JOSÉ IVONILDO DO RÊGO
Reitor

Francisco José Lima Sales
DIPLOMADO(A)
R.G. 17470993-5 - SSP/MA

UFRN
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE

UFRN
UNIVERSIDADE
DO RIO GRANDE DO NORTE

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO**

Fundação Instituída nos termos da Lei nº 5.152, de 21/10/1966 - São Luís - Maranhão

PORTARIA N.º 348/2010-GR,

O VICE-REITOR, NO EXERCÍCIO DA REITORIA, DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO, no uso de suas atribuições legais, estatutárias e regimentais,

considerando despacho da Coordenação Geral de Gestão de Pessoas da Secretaria de Assuntos Administrativos do Ministério da Educação;

considerando o inteiro teor da Nota Técnica n.º 128/2010-COGES/DENOP/SRH/MP, de 11.2.2010

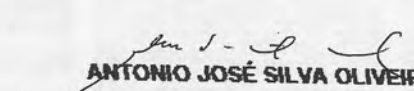
e face o contido no processo n.º 23.115.009887/2009-56,

RESOLVE:

Efetivar a remoção do servidor **FRANCISCO JOSÉ LIMA SALES**, ocupante do cargo de Professor Adjunto II, sob o código de vaga 315716, matrícula SIAPE 1356160, do Departamento de Educação II do Centro de Ciências Sociais, desta Universidade, para a Universidade Federal do Ceará.

Dê-se ciência. Publique-se. Cumpra-se.

São Luís(MA), 28 de junho de 2010


ANTONIO JOSÉ SILVA OLIVEIRA
Vice-Reitor, no exercício da Reitoria



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
PRÓ-REITORIA DE RECURSOS HUMANOS

Av. dos Portugueses, s/nº - Campus do Bacanga - Edifício Castelo Branco - 65.080-040 São Luís - MA
 Fone/fax: (98) 3301-8801

MEMO PRH nº 109/2010

São Luís, 17 de agosto de 2010

À Senhora
 MARIA DA PIEDADE OLIVEIRA ARAÚJO
 Chefe do Departamento de Educação II

Senhora Chefe,

Cumpre-nos comunicar a Vossa Senhoria que o professor FRANCISCO JOSÉ LIMA SALES, mat. UFMA 07992-8, foi removido para a Universidade Federal do Ceará através da Portaria nº 348/2010-GR, de 28/06/2010, publicada no DOU em 29/07/2010, cópia anexa, razão pela qual não deve mais constar na ocorrência de ponto desse setor.

Atenciosamente

Maria Elisa Cantanhede Lago Braga Borges
 Maria Elisa Cantanhede Lago Braga Borges
 Pró-Reitora de Recursos Humanos

*Recebido em
 24.08.2010
 M. Piedade*

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO**

Fundação Instituída nos termos da Lei nº 5.152, de 21/10/1966 – São Luís – Maranhão.

PORTARIA Nº 1325/2013-DP

A DIRETORA DO DEPARTAMENTO DE PESSOAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO, no uso das atribuições que lhe são conferidas pela Portaria nº 9/2006-PRH de 9.10.2006,

considerando o disposto no artigo 12º da Lei 12.772 de 28.12.2012,

e face ao contido no processo nº 23115.017040/2012-41,

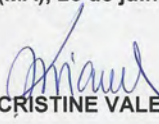
RESOLVE:

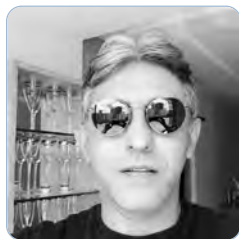
Conceder a FRANCISCO JOSÉ LIMA SALES, ocupante do cargo de Professor do Magistério Superior, Classe Adjunto, Nível 602, matrícula SIAPE n.º 1356160, lotado no Departamento de Educação II do Centro de Ciências Sociais, desta Universidade, **as seguintes progressões:**

1. Progressão horizontal para o nível III da mesma classe, referente ao interstício 2009/2011, a contar de 09.01.2011.
2. Progressão horizontal para o nível IV da mesma classe, referente ao interstício 2011/2013, a contar de 09.01.2013.

Dê-se ciência. Publique-se. Cumpra-se.

São Luís (MA), 26 de julho de 2013.


MARÍLIA CRISTINE VALENTE VIANA
Diretora do Departamento de Pessoal



Francisco José Lima Sales

Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/7292939799937922>

ID Lattes: 7292939799937922

Última atualização do currículo em 01/07/2024

Especialista em Metodologia do Ensino Superior (1994), Mestre em Educação pela Universidade Federal do Maranhão (1998) e Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2006). Foi Professor da Universidade Federal do Maranhão, lotado no Departamento de Fundamentos da Educação II, de agosto de 2002 até junho de 2010 e, a partir de 2011 até agosto de 2020, foi lotado no Departamento de Estudos Especializados, da Universidade Federal do Ceará (UFC). Atualmente, é docente do Departamento de Ciências Humanas (DCH), do Centro Multidisciplinar de Angicos, da Universidade Federal Rural do Semi Árido (UFERSA). É membro do Grupo de Estudo e Pesquisa em Teoria Política, Sociedade e Educação (GETEPS). (Texto informado pelo autor)

Identificação

Nome

Francisco José Lima Sales

Nome em citações
bibliográficas

SALES, F. J. L.; José Lima Sales,
Francisco; SALES, Francisco José Lima

Lattes iD

 <http://lattes.cnpq.br/7292939799937922>

País de
Nacionalidade

Brasil

Endereço

Endereço
Profissional

Universidade Federal Rural do Semi-Árido,
UFERSA - Campus Angicos.
Rua Gamaliel Martins Bezerra
Alto da Alegria
59515000 - Angicos, RN - Brasil
Telefone: (84) 33178520

Formação acadêmica/titulação

2003 - 2006

Doutorado em Educação.
Universidade Federal do Rio Grande do Norte,
UFRN, Brasil.
Título: PLANFOR: Política compensatória para
a informalidade?, Ano de obtenção: 2006.
Orientador:  Maria Doninha de Almeida.
Bolsista do(a): Coordenação de
Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior,
CAPES, Brasil.
Palavras-chave: reestruturação produtiva;
informalidade; empregabilidade; educação
profissional de nível básico.
Grande área: Ciências Humanas
Grande Área: Ciências Humanas / Área:
Educação.
Setores de atividade: Educação.

1995 - 1998

Mestrado em Educação.
Universidade Federal do Maranhão, UFMA,
Brasil.
Título: Novas configurações do processo de
trabalho e o papel da educação básica na
formação do operário industrial fabril: Um
estudo de caso da indústria do alumínio no
Maranhão, Ano de Obtenção: 1998.
Orientador:  Franci Gomes Cardoso.
Bolsista do(a): Fundação de Amparo à
Pesquisa ao Desenvolv. Científico e
Tecnológico - MA, FAPEMA, Brasil.
Palavras-chave: Educação básica; Novas
tecnologias; qualificação profissional; indústria
de process; taylorismo-fordismo.
Grande área: Ciências Humanas
Grande Área: Ciências Humanas / Área:
Educação / Subárea: Fundamentos da
Educação / Especialidade: Sociologia da
Educação.
Grande Área: Ciências Humanas / Área:
Sociologia / Subárea: Sociologia do Trabalho.
Setores de atividade: Educação; Mercado de
Trabalho e Mão-De-Obra.

1993 - 1994

Especialização em Especialização em
Metodologia do Ensino Superior. (Carga
Horária: 360h).
Universidade Federal do Maranhão, UFMA,
Brasil.
Título: Pedagogia: do consenso ao confronto à
ruptura.
Orientador: Francisco Mauri de Carvalho
Freitas.

Atuação Profissional

Universidade Federal Rural do Semi-Árido, UFERSA, Brasil.

Vínculo institucional

2020 - Atual

Vínculo: Servidor Público, Enquadramento Funcional: Professor do Magistério Superior, Carga horária: 40, Regime: Dedicação exclusiva.

Atividades

2023 - 2023

Ensino, Pedagogia (Angicos), Nível: Graduação

Disciplinas ministradas
Educação do Campo
Filosofia da Ciência
Metodologia da Pesquisa em Educação
Práticas Pedagógicas Integrativas IV
Seminário de Pesquisa e Extensão I

2023 - 2023

Ensino, Pedagogia (Angicos), Nível: Graduação

Disciplinas ministradas
Educação Popular e Pedagogia Social no Brasil
Filosofia e Educação
Seminário de Pesquisa e Extensão I

2022 - 2022

Ensino, Pedagogia (Angicos), Nível: Graduação

Disciplinas ministradas
Ética e Legislação
Planejamento e Práticas de Gestão Escolar
Práticas Pedagógicas Integrativas IV
Seminário de Pesquisa e Extensão I

2022 - 2022

Ensino, Pedagogia (Angicos), Nível: Graduação

Disciplinas ministradas
Educação Popular e Pedagogia Social no Brasil

Filosofia e Educação
Seminário de Pesquisa e Extensão II

2021 - 2021

Ensino, Pedagogia (Angicos), Nível: Graduação

Disciplinas ministradas
Introdução a EAD
Movimentos Sociais e Cidadania
Planejamento e Práticas de Gestão Escolar
Práticas Pedagógicas Integrativas IV

2021 - 2021

Ensino, Pedagogia (Angicos), Nível: Graduação

Disciplinas ministradas
Educação do Campo
Filosofia da Educação
Filosofia e Educação
Seminário de Pesquisa e Extensão II

2020 - 2020

Ensino, Pedagogia (Angicos), Nível: Graduação

Disciplinas ministradas
Filosofia da Ciência e Metodologia Científica
Introdução a EAD
Planejamento e Práticas de Gestão Escolar
Prática Pedagógicas Integrativas IV

2020 - 2020

Ensino, Pedagogia (Angicos), Nível: Graduação

Disciplinas ministradas
Ação Educação em Espaços Não Escolares
Filosofia da Educação
Filosofia e Educação
Seminário de Pesquisa e Extensão II

Universidade Federal do Ceará, UFC, Brasil.

Vínculo institucional

2010 - 2020

Vínculo: Servidor Público, Enquadramento
Funcional: Professor Associado III, Carga
horária: 40, Regime: Dedicção exclusiva.

Atividades

02/2020 - Atual

Ensino, Pedagogia, Nível: Graduação

Disciplinas ministradas
Sociologia da Educação I
Organização e Gestão de Espaços Educativos
Não Escolares T1 e T2
Espaços Educacionais Não Escolares

02/2020 - Atual

Ensino, Educação Brasileira, Nível: Pós-Graduação

Disciplinas ministradas
Estudos Orientados V

06/2011 - Atual

Pesquisa e desenvolvimento, Faculdade de Educação.

Linhas de pesquisa
FILOSOFIA E SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO

08/2019 - 12/2019

Ensino, Pedagogia, Nível: Graduação

Disciplinas ministradas
Pedagogia do Trabalho
Organização e Gestão de Espaços Educativos
Não Escolares
Espaços Educacionais Não Escolares

08/2019 - 12/2019

Ensino, Educação Brasileira, Nível: Pós-Graduação

Disciplinas ministradas
Estudos Orientados IV

08/2019 - 12/2019

Estágios , Faculdade de Educação.

Estágio realizado
Estágio em Organização e Gestão Educacional.

02/2019 - 06/2019

Ensino, Pedagogia, Nível: Graduação

Disciplinas ministradas
Organização e Gestão de Espaços Educativos
Não Escolares T1 e T2
Espaços Educacionais Não Escolares
Política Educacional

08/2018 - 12/2018

Ensino, Pedagogia, Nível: Graduação

Disciplinas ministradas
Espaços Educacionais Não Escolares
Organização e Gestão de Espaços Educativos
Não Escolares
Organização Social do Trabalho Escolar T1 e
T2

02/2018 - 06/2018

Ensino, Pedagogia, Nível: Graduação

Disciplinas ministradas
Organização Social do Trabalho Escolar T1 e
T2
Política Educacional

08/2017 - 12/2017

Ensino, Pedagogia, Nível: Graduação

Disciplinas ministradas
Espaços Educacionais Não Escolares
Organização e Gestão de Espaços Educativos
Não Escolares
Política Educacional

02/2017 - 12/2017

Ensino, Pedagogia, Nível: Graduação

Disciplinas ministradas
Organização Social do Trabalho Escolar
Política Educacional

02/2017 - 06/2017

Estágios , Faculdade de Educação.

Estágio realizado
Estágio: Organização e Gestão de Sistemas
Escolares I.

08/2016 - 12/2016

Ensino, Pedagogia UFC, Nível: Graduação

Disciplinas ministradas
Estágio: Organização e Gestão de Sistemas
Escolares I
Organização e Gestão de Espaços Educativos
Não Escolares
Organização Social do Trabalho Escolar
Política Educacional

08/2015 - 12/2015

Ensino, Pedagogia UFC, Nível: Graduação

Disciplinas ministradas
Estágio: Organização e Gestão de Sistemas
Escolares I
Organização e Gestão de Espaços Educativos
Não Escolares
Política Educacional

06/2015 - 12/2015

Ensino, PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO BRASILEIRA UFC, Nível: Pós-
Graduação

Disciplinas ministradas
ESTUDOS ORIENTADOS I
ESTUDOS ORIENTADOS II

02/2015 - 06/2015

Ensino, Pedagogia UFC, Nível: Graduação

Disciplinas ministradas
Estágio: Organização e Gestão de Sistemas
Escolares I
Organização e Gestão de Espaços Educativos
Não Escolares
Política Educacional

02/2015 - 06/2015

Ensino, Educação Brasileira, Nível: Pós-Graduação

Disciplinas ministradas
Filosofia da Educação I

02/2015 - 06/2015

Ensino, PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA UFC, Nível: Pós-Graduação

Disciplinas ministradas
ESTUDOS ORIENTADOS II

08/2014 - 12/2014

Ensino, Pedagogia UFC, Nível: Graduação

Disciplinas ministradas
Estágio em Organização e Gestão de Espaços Escolares I
Organização e Gestão de Espaços Educativos Não Escolares
Espaços Educacionais Não Escolares

02/2014 - 06/2014

Ensino, Pedagogia UFC, Nível: Graduação

Disciplinas ministradas
Estágio em Organização e Gestão de Espaços Escolares I
Organização e Gestão de Espaços Educativos Não Escolares
Espaços Educacionais Não Escolares

08/2013 - 12/2013

Ensino, Pedagogia UFC, Nível: Graduação

Disciplinas ministradas
Espaços Educacionais Não Escolares
Organização e Gestão de Espaços Educativos Não Escolares
Política Educacional

02/2013 - 06/2013

Ensino, Pedagogia UFC, Nível: Graduação

Disciplinas ministradas
Organização e Gestão de Espaços Educativos
Não Escolares
Espaços Educacionais Não Escolares
Política Educacional

08/2012 - 12/2012

Ensino, Pedagogia UFC, Nível: Graduação

Disciplinas ministradas
Estágio de Organização e Gestão em Espaços
Escolares I
Política Educacional
Organização e Gestão em Espaços Educativos
Não Escolares

02/2012 - 06/2012

Ensino, Pedagogia UFC, Nível: Graduação

Disciplinas ministradas
Espaços Educacionais Não Escolares
Organização e Gestão de Espaços Educativos
Não Escolares
Política Educacional

02/2011 - 06/2011

Ensino, Pedagogia UFC, Nível: Graduação

Disciplinas ministradas
Organização e Gestão de Espaços
Educacionais Não Escolares
Espaços Educativos Não Escolares
Educação Brasileira Contemporânea

Universidade Federal do Maranhão, UFMA, Brasil.

Vínculo institucional

2002 - 2010

Vínculo: Servidor Público, Enquadramento
Funcional: Professor Adjunto II, Carga horária:
40, Regime: Dedicação exclusiva.

Outras informações

Removido para a Universidade Federal do
Ceará.

Atividades

8/2002 - Atual

Ensino, Pedagogia, Nível: Graduação

Disciplinas ministradas
Sociologia da Educação I
Gestão e Organização de Sistemas
Educacionais I
História da Educação
Política e Planejamento Educacional
Sociologia da Educação II

Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações, MCTI, Brasil.

Vínculo institucional

2011 - 2011

Vínculo: Outro (especifique), Enquadramento
Funcional: Coordenador Estadual, Carga
horária: 10

Linhas de pesquisa

1.

FILOSOFIA E SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO

Projetos de pesquisa

2024 - Atual

IMPLICAÇÕES DA INDÚSTRIA 4.0 NA
QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL DE
TRABALHADORES DA INDÚSTRIA DE
PRODUÇÃO DE ENERGIA EÓLICA DO RIO
GRANDE DO NORTE

Descrição: No contexto de crescimento constante do setor de energia eólica, a discussão sobre a qualificação dos trabalhadores ganha evidência, pois, pelo menos em tese, surge a necessidade de os municípios das regiões onde são instalados os parques eólicos de formar e qualificar uma força de trabalho capaz de atender às demandas específicas dessa indústria em constante expansão e evolução. Por sua vez, tal movimento é visto a partir de uma crítica à lógica contraditória da Indústria 4.0 e suas

implicações tanto objetivas quanto subjetivas no que diz respeito a qualificação exigida por essa indústria sobre o conteúdo da formação profissional de trabalhadores e trabalhadoras dos parques eólicos..

Situação: Em andamento; Natureza: Pesquisa.

Alunos envolvidos: Graduação: (4) .

Integrantes: Francisco José Lima Sales - Integrante / FADYLA KESSIA ROCHA DE ARAUJO ALVES - Integrante / MAGNUS JOSE BARROS GONZAGA - Coordenador / GABRIELA MARTOLINO VASCONCELOS - Integrante / JULIA CLARA ROQUE DE BRITO - Integrante / LUIZA HUGHADJA MANAIA DA SILVA - Integrante / VITORIA MARIA DA SILVA - Integrante.

2021 - Atual

TRABALHO, CIDADANIA E ESCOLARIZAÇÃO

Descrição: O projeto trata da relação entre as modalidades de trabalho predominantes na contemporaneidade e os nexos entre cidadania e escola. É sabido que as reformas promovidas pelo capital nas últimas décadas, sobretudo, pelos governos liberais, direcionaram-se para o desmonte do emprego regulamentado e de longo prazo e para a institucionalização de distintas modalidades de trabalhos precários em um contexto marcado pela Quarta Revolução Industrial, pela economia de compartilhamento e pela crise sanitária da Covid-19. Frente a essa realidade, o mercado de trabalho foi radicalmente impactado e reconfigurado. Ademais, o trabalhador foi deixado à deriva da proteção social e, em muitos casos, jogado à situação de desemprego e às alternativas de sobrevivência, o que contraria a Constituição Cidadã de 1988, que garante, por meio do Estado, o direito à proteção social. A investigação pretende desenvolver um estudo sobre o mercado de trabalho na cidade de Natal/RN, demarcando o setor de serviços, mais precisamente os trabalhadores por aplicativos (plataformas digitais), em particular os entregadores de aplicativos por bicicletas e motocicletas e os nexos entre o acesso a cidadania e a educação básica desses trabalhadores. O recorte temporal do estudo será o período de 2019 a 2022 e se desenvolverá a partir do levantamento de informações secundárias oriundos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), da base de dados do Ministério do Trabalho, a Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED) e de uma vasta bibliografia afeta às temáticas que são transversais ao estudo. Dados primários provenientes do recurso das entrevistas semiestruturadas e da aplicação de questionários, dentre outras fontes também embasarão o estudo. Como desdobramento, a pesquisa buscará qualificar e caracterizar as

ocupações predominantes cidade de Natal-RN no sentido de correlacionar com o conceito de trabalho decente, defendido pela Organização Internacional do Trabalho (OIT); situar a posição dos trabalhadores no contexto das ocupações, desvelar os nexos entre trabalho, cidadania e escola e subsidiar, por meio da sistematização dos resultados da pesquisa, discussões com o setor público estatal, os trabalhadores e suas representações sindicais no que diz respeito à realidade do mercado de trabalho da cidade foco da pesquisa. Acredita-se que, frente à crise sanitária provocada pela Covid-19 que assola o mundo, o Brasil e os estados da federação, o conhecimento científico nunca foi tão necessário e relevante para o direcionamento e implementação de políticas públicas de trabalho e de educação direcionadas às camadas mais vulneráveis. Desta forma, o desenvolvimento desta pesquisa e os resultados alcançados poderão servir de parâmetro à tomada de decisões do setor público no tocante à situação de vulnerabilidade laboral, à empregabilidade e aos níveis de escolarização dos trabalhadores pesquisados..

Situação: Em andamento; Natureza: Pesquisa.

Integrantes: Francisco José Lima Sales - Coordenador.

2014 - 2020

Formação Humana Omnilateral e Arquitetura Escolar

Descrição: a) Formação Humana Omnilateral: O confronto necessário entre os referenciais teóricos que se apresenta, desde as concepções em disputa na tessitura dos parâmetros curriculares nacionais para a área de educação técnica e profissional, se expande no sentido da formação dos educadores e dos referenciais que demarcam os projetos político-pedagógicos das redes de formação profissional e de ensino médio-integrado estaduais e federal (IFETs). Tem como contraposição os projetos e concepções centrados na idéia das Competências, no sentido do desenvolvimento de características de empregabilidade, adequabilidade e eficiência. A possibilidade de estruturação de uma corrente teórica sólida que discuta a formação humana plena, considerando a integração dos âmbitos pessoal e coletivo, incorporando a relação entre o indivíduo e a estrutura social como elemento deflagrador da ação humano-social, tendo como norte o desenvolvimento integral dos potenciais humanos, pessoais, relacionais, culturais, corporais, com domínio da base científica e tecnológica da produção social, configura-se como questão de importância nodal na área de trabalho e educação. A base do materialismo histórico, representada pela economia política crítica permanece, mas amplia-se, rompendo com o paradigma

meramente racional da ação humana, incorporando novas contribuições do ? marxismo multidisciplinar?. O referencial teórico da formação humana politécnica, tecnológica ou omnilateral-integral, centrado em Marx e Gramsci, recebe um enriquecimento. O retorno ao debate sobre a formação humana integral, alcunhada por Marx de formação omnilateral, dentro destes novos marcos que incluem elementos da psique inconsciente, e que apontam para além do mero desenvolvimento humano intelectual-racional, seguramente poderá conferir maior solidez teórica e complexidade à perspectiva do materialismo histórico, que é referencial da orientação, pesquisa e produção acadêmica e científica da área de Trabalho e Educação. b) Arquitetura, Espaço, Educação : A problemática da Arquitetura Escolar foi negligenciada, de forma geral, tanto nos estudos de arquitetura quanto na formação dos educadores, tendo repercussão na forma como o sistema escolar brasileiro e cearense pouco ou nada discutiu da relação pedagógica do espaço escolar. A questão da arquitetura escolar foi reduzida à mera solução técnica de dimensionamentos ergonômicos do espaço, da utilização de materiais e soluções arquitetônicas de razoável nível de acabamento e facilidade de manutenção. Nos últimos anos, se incorporou as questões da acessibilidade e sustentabilidade energética e ecológica, mas submetidos a uma perspectiva eminentemente técnica, desconhecem possibilidades de utilização pedagógica. Consideramos a base técnica como um dado de princípio da arquitetura escolar. Sobre esta base, que se pretende ?dada?, é necessário perceber e discutir a relação entre as múltiplas possibilidades do espaço escolar, sob a forma de arquitetura, e as diferentes visões e propostas curriculares. Em suma, para cada projeto político pedagógico escolar corresponde uma ou algumas concepções específicas de arquitetura ? eis a questão que tem passado em branco nas discussões tanto na área de arquitetura quanto na de educação-pedagogia...

Situação: Concluído; Natureza: Pesquisa.
Alunos envolvidos: Doutorado: (3) .

Integrantes: Francisco José Lima Sales - Integrante / Océlio Jackson Braga - Integrante / Elenilce Gomes de Oliveira - Integrante / Enéas Arrais Neto - Coordenador / ANTONIA ABREU DE SOUSA - Integrante / LOPES, MARIA DE FÁTIMA NOBRE - Integrante.

2011 - 2011

Pesquisa de Avaliação dos Centros Vocacionais Tecnológicos

Descrição: Pesquisa de Avaliação dos Centros Vocacionais Tecnológicos - CVTs A pesquisa tem o objetivo de avaliar os Centros Vocacionais Tecnológicos-CVTs. Os centros

integram um dos programas da Secretaria de Ciência e Tecnologia para a Inclusão Social - SECIS e se viabilizam notadamente por emendas parlamentares ao orçamento da União. Os CVTs localizam-se notadamente nos estados do Sudeste e Nordeste e tem como foco principal a superação do atraso tecnológico, além de servir de instrumento para a popularização da ciência.. Situação: Concluído; Natureza: Pesquisa. Integrantes: Moises Villamil Balestro - Integrante / Ana Elizabeth Neirão Reymão - Integrante / Maria Inez Walter - Integrante / Daisy Moreira Cunha - Integrante / Paulo Cesar de Resende Andrade - Integrante / Roberto Vêras de Oliveira - Integrante / Francisco José Lima Sales - Integrante / Azuete Fogaça - Integrante / Renato Fonseca Andrade - Integrante / Fábio Fowler - Integrante / Remi Castioni - Coordenador..

Situação: Concluído; Natureza: Pesquisa.

Alunos envolvidos: Mestrado acadêmico: (1) .

Integrantes: Francisco José Lima Sales - Coordenador / Océlio Jackson Braga - Integrante.

Financiador(es): Banco Interamericano de Desenvolvimento - Cooperação.

2008 - 2010

A INTEGRAÇÃO ENTRE A EDUCAÇÃO BÁSICA E A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL: ESTUDO SOBRE AS POSSIBILIDADES, LIMITES E PERSPECTIVAS DO ENSINO MÉDIO INTEGRADO

Descrição: Pesquisar sobre as possibilidades de integração entre a educação básica e a educação profissional no nível médio no contexto das reformas pelas quais passam o Estado brasileiro e a política educacional, num momento em que a dinamicidade e as requisições do capital procuram modificar as forças produtivas, as formas de organização da produção e os requisitos de qualificação e requalificação da força de trabalho..

Situação: Concluído; Natureza: Pesquisa.

Alunos envolvidos: Graduação: (4) .

Integrantes: Francisco José Lima Sales - Integrante / Maria José Barros Pires Cardozo - Coordenador / Francisca das Chagas Silva Lima - Integrante / Lindalva Martins Maia Maciel - Integrante / Eliane Maria Pinto Pedroza - Integrante.

Financiador(es): PIBIC/CNPq/UFMA - Bolsa.

Número de produções C, T & A: 1

2005 - 2008

Escola, trabalho e cidadania: um estudo longitudinal com jovens egressos e não-ingressantes de um programa de inclusão de jovens

Descrição: Projeto de acompanhamento e avaliação do Programa Nacional de Integração de Jovens (PROJOVEM)..

Situação: Concluído; Natureza: Pesquisa.

Alunos envolvidos: Graduação: (1) .

Integrantes: Francisco José Lima Sales - Integrante / MARIA ALICE MELO - Coordenador / Ilma Vieira do Nascimento - Integrante.

Financiador(es): Universidade Federal de Minas Gerais - Cooperação / Universidade Federal da Bahia - Cooperação.

2003 - 2004

A formação profissional dos técnicos de nível médio que atuam na área da construção civil no Maranhão

Descrição: Pesquisa financiada pelo CNPQ que estuda a formação profissional dos técnicos de nível médio, oriundos das escolas técnicas, que atuam na área da construção civil em São Luís..

Situação: Concluído; Natureza: Pesquisa.

Alunos envolvidos: Graduação: (3) /

Especialização: (0) / Mestrado acadêmico: (3)

/ Mestrado profissional: (0) / Doutorado: (0) .

Integrantes: Francisco José Lima Sales - Integrante / Ilzeni Silva Dias - Coordenador / Francisca das Chagas Silva Lima - Integrante.

Financiador(es): Universidade Federal do Maranhão - Cooperação / Instituto Federal do Maranhão - Cooperação / Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - Auxílio financeiro.

Projetos de extensão

2023 - 2023

XII Seminário de Pesquisa e Extensão em Educação SEMPED

Descrição: O XI Seminário de Pesquisa e Extensão em Educação SEMPED deriva-se das atividades de pesquisa e extensão desenvolvidas pelos discentes no componente Seminário de Pesquisa e Extensão I, do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Ufersa, campus Angicos-RN. A proposta do componente orienta para o planejamento e a execução de atividades de pesquisa e extensão que promovam a interconexão entre os conhecimentos estudados no segundo período do curso com a realidade social da região semiárida. os projetos de pesquisa apontarão para a identificação e reflexão sobre problemas socioeconômicos e culturais

do povo que abriga a região semiárida por meio da construção de trabalho acadêmico interdisciplinar aos demais componentes curriculares cursados no período. Nessa perspectiva, o seminário se constitui como um locus de discussão e reflexão sobre o processo formativo dos/das discentes, no que concerne as dimensões do ensino, da pesquisa e da extensão, e sua relação com a realidade social estudada..

Situação: Concluído; Natureza: Extensão.
Alunos envolvidos: Graduação: (50) .

Integrantes: Francisco José Lima Sales - Integrante / FADYLA KESSIA ROCHA DE ARAUJO ALVES - Integrante / MAGNUS JOSE BARROS GONZAGA - Coordenador / JULIANA DA ROCHA E SILVA - Integrante / ANA MARIA PEREIRA AIRES - Integrante / AKYNARA AGLAÉ - Integrante / DIVOENE PEREIRA CRUZ SILVA - Integrante.

2023 - 2023

A PESQUISA SOCIAL SOB O ENFOQUE DO MATERIALISMO HISTÓRICO DIALÉTICO

Descrição: No âmbito acadêmico, a pesquisa social se configura como um processo sistemático que, alicerçada em método específico, concepções teóricas e conjunto de técnicas, busca respostas para problemas da realidade social que abarcam aspectos da relação humana e seus múltiplos processos com o meio e as instituições. A pesquisa social comporta objeto de estudo de diferentes áreas do conhecimento das ciências sociais, tais como: Antropologia, Ciência Jurídica, Ciência Política, Educação, Economia, Sociologia, entre outras. O curso, direcionado para estudantes de graduação, de pós-graduação e demais pessoas interessadas na temática, objetiva abordar fontes, conceitos e categorias analíticas que estruturam o enfoque do Materialismo Histórico Dialético enquanto método para o desenvolvimento de pesquisa social..

Situação: Concluído; Natureza: Extensão.

Integrantes: Francisco José Lima Sales - Integrante / FADYLA KESSIA ROCHA DE ARAUJO ALVES - Coordenador / MAGNUS JOSE BARROS GONZAGA - Integrante.

2022 - 2022

XI Seminário de Pesquisa e Extensão em Educação SEMPED

Descrição: O XI Seminário de Pesquisa e Extensão em Educação SEMPED deriva-se das atividades de pesquisa e extensão desenvolvidas pelos discentes no componente Seminário de Pesquisa e Extensão I, do Curso

de Licenciatura em Pedagogia da Ufersa, campus Angicos-RN. A proposta do componente orienta para o planejamento e a execução de atividades de pesquisa e extensão que promovam a interconexão entre os conhecimentos estudados no segundo período do curso com a realidade social da região semiárida. os projetos de pesquisa apontarão para a identificação e reflexão sobre problemas socioeconômicos e culturais do povo que abriga a região semiárida por meio da construção de trabalho acadêmico interdisciplinar aos demais componentes curriculares cursados no período. Nessa perspectiva, o seminário se constitui como um locus de discussão e reflexão sobre o processo formativo dos/das discentes, no que concerne as dimensões do ensino, da pesquisa e da extensão, e sua relação com a realidade social estudada..

Situação: Concluído; Natureza: Extensão.

Alunos envolvidos: Graduação: (50) .

Integrantes: Francisco José Lima Sales - Integrante / MAGNUS JOSE BARROS GONZAGA - Coordenador / JULIANA DA ROCHA E SILVA - Integrante / Rafael da Silva Pereira Roseno - Integrante / MELISSA RAFAELA COSTA PIMENTA - Integrante / JOSE JUVENCIO NETO DE SOUZA - Integrante / ANA MARIA PEREIRA AIRES - Integrante / AKYNARA AGLAÉ - Integrante / DIVOENE PEREIRA CRUZ SILVA - Integrante.

2021 - 2021

X Seminário de Pesquisa e Extensão em Educação SEMPED

Descrição: O XI Seminário de Pesquisa e Extensão em Educação SEMPED deriva-se das atividades de pesquisa e extensão desenvolvidas pelos discentes no componente Seminário de Pesquisa e Extensão I, do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Ufersa, campus Angicos-RN. A proposta do componente orienta para o planejamento e a execução de atividades de pesquisa e extensão que promovam a interconexão entre os conhecimentos estudados no segundo período do curso com a realidade social da região semiárida. os projetos de pesquisa apontarão para a identificação e reflexão sobre problemas socioeconômicos e culturais do povo que abriga a região semiárida por meio da construção de trabalho acadêmico interdisciplinar aos demais componentes curriculares cursados no período. Nessa perspectiva, o seminário se constitui como um locus de discussão e reflexão sobre o processo formativo dos/das discentes, no que concerne as dimensões do ensino, da pesquisa e da extensão, e sua relação com a realidade social estudada..

Situação: Concluído; Natureza: Extensão.

Alunos envolvidos: Graduação: (50) .

Integrantes: Francisco José Lima Sales - Integrante / MAGNUS JOSE BARROS GONZAGA - Integrante / JULIANA DA ROCHA E SILVA - Coordenador / Rafael da Silva Pereira Roseno - Integrante / MELISSA RAFAELA COSTA PIMENTA - Integrante / JOSE JUVENCIO NETO DE SOUZA - Integrante / ANA MARIA PEREIRA AIRES - Integrante / AKYNARA AGLAÉ - Integrante / DIVOENE PEREIRA CRUZ SILVA - Integrante.

2019 - 2019

VI ENCONTRO NTERNAIONAL TRABALHO E PERSPECTIVAS DE FORMAÇÃO DOS TRABALHADORES

Descrição: A Universidade Federal do Ceará, por meio do Laboratório de Estudos do Trabalho e Qualificação Profissional ? LABOR, em Parceria com o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará - IFCE e com o Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará ? UFC, promove o VI Encontro Internacional Trabalho e Perspectivas de Formação dos Trabalhadores, com a finalidade de discutir a Educação na perspectiva emancipatória e a sua relação com o desenvolvimento social, econômico, político, cultural do Brasil e do mundo. O encontro, em anos anteriores, abordou temáticas voltadas ao mundo do trabalho e sua relação com a educação. Nesta edição, o debate ocorrerá em torno de uma educação emancipatória, isto é, pautada na construção intelectual, na autonomia de pensamento e na formação humana integral. A escola e o sistema educacional são ferramentas fundamentais no processo de construção e reprodução da sociedade, não somente expondo o conhecimento sistematizado já construído mas, também, desenvolvendo novos saberes e questionando os existentes. Para tanto, é necessário um ambiente de liberdade de debate e de produção do conhecimento. A temática deste ano: ?Educação como prática da esperança?, destaca a Educação e a escola como campos de resistência ao controle sobre o saber, ao cerceamento ideológico destilador de ódio e intolerância. O evento mantém como característica a abrangência internacional, compreendendo a realização de conferências magnas, palestras, mesas redondas, comunicações, socialização de pesquisas e exposição de pôsteres, voltando-se, para a difusão e debate de ideias e teorias referenciais da educação, trabalho, formação humana, assistência social, desenvolvimento econômico-social e cultural. Adicionamos a realização de minicursos e exposições culturais. Trazer à luz a temática da educação como construção da esperança, como tema central deste VI Encontro Internacional do Labor/UFC, mostra sua vivacidade. Dessa maneira, continua atual a defesa de uma escola que objetive a formação humana, na

qual se desconstrua a hierarquia entre o saber e o fazer. Por fim, os organizadores deste Encontro esperam que o resultado das discussões contribuam para o desenvolvimento da educação nacional..
Situação: Concluído; Natureza: Extensão.
Alunos envolvidos: Mestrado acadêmico: (5)
Doutorado: (8) .

Integrantes: Francisco José Lima Sales - Coordenador / Océlio Jackson Braga - Integrante / Elenilce Gomes de Oliveira - Integrante / Enéas Arrais Neto - Integrante / ANTONIA ABREU DE SOUSA - Integrante / JERCIANO PINHEIRO FEIJÓ - Integrante.

2017 - 2017

V ENCONTRO INTERNACIONAL TRABALHO E PERSPECTIVA DE FORMAÇÃO DOS TRABALHADORES

Descrição: O evento caracteriza-se como um grande momento, de nível internacional, compreendendo a realização de Conferências Magnas, Palestras, Mesas de Debates, Lançamentos de Livros e Socialização de Pesquisas em Grupos de Trabalho e Exposição de Pôsteres, voltando-se, para a difusão e debate de ideias e teorias referenciais da educação, trabalho, formação humana, desenvolvimento econômico e social..
Situação: Concluído; Natureza: Extensão.
Alunos envolvidos: Graduação: (28) / Mestrado acadêmico: (8) / Doutorado: (5) .

Integrantes: Francisco José Lima Sales - Coordenador / Elenilce Gomes de Oliveira - Integrante / ANTONIA ABREU DE SOUSA - Integrante / JERCIANO PINHEIRO FEIJÓ - Integrante.
Financiador(es): LABORATORIO DE ESTUDOS DO TRABALHO E DA QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL/UFC - Auxílio financeiro.

Membro de corpo editorial

2016 - Atual

Periódico: Educação em Debate

2011 - 2015

Periódico: Revista Praxis Educacional

2010 - Atual

Periódico: Revista Labor

Revisor de periódico

2016 - Atual

Periódico: Revista Educação em Debate

2012 - Atual

Periódico: Revista Labor

Áreas de atuação

1.

Grande área: Ciências Humanas / Área: Sociologia / Subárea: Trabalho/Educação.

2.

Grande área: Ciências Humanas / Área: Educação / Subárea: Política, Planejamento e Avaliação Educacional/Especialidade: Política Educacional.

3.

Grande área: Ciências Humanas / Área: Educação / Subárea: Política, Planejamento e Avaliação Educacional/Especialidade: Planejamento Educacional.

4.

Grande área: Ciências Humanas / Área: Educação / Subárea: Fundamentos da Educação.

Idiomas

Espanhol

Compreende Razoavelmente. Razoavelmente, Lê

Inglês

Compreende Pouco, Fala Pouco, Lê Pouco, Escreve Pouco.

Produções

Produção bibliográfica

Artigos completos publicados em periódicos

Ordenar por

Ordem Cronológica



1.

SALES, Ana Patrícia Dias ; SALES, F. J. L. ; SANSON, C. . A IDEOLOGIA DO VALE DO SILÍCIO E O TRABALHO PLATAFORMIZADO. A REVISTA CRONOS, v. 25, p. 10-26, 2024.

2.

SALES, Ana Patrícia Dias ; SALES, F. J. L. . AS PLATAFORMAS DE ENTREGAS E SUA NEBULOSA REDE DE SUBCONTRATAÇÃO. REVISTA DA ABET (ONLINE), v. 22, p. 1-16, 2023.

3.

SALES, Ana Patrícia Dias ; SALES, Francisco José Lima ; SANSON, CESAR . As plataformas de delivery e a relação entre os - parceiros subcontratados-. REVISTA LABOR, v. 1, p. 501-519, 2022.

4.

SALES, Ana Patrícia Dias ; SALES, F. J. L. . VIOLÊNCIA URBANA E VULNERABILIDADE SOCIAL COMO PARTE DO TRABALHO DE ENTREGADORES POR APLICATIVOS. POLÍTICA & TRABALHO (UFPB. IMPRESSO), v. 57, p. 172-186, 2022.

5.

SALES, A. P. D. ; SALES, F. J. L. . As máquinas inteligentes e o impacto sobre os empregos. REVISTA LABOR, v. 1, p. 76-92, 2020.

6.

[SALES, F. J. L.](#). MUDANÇAS NO MUNDO DO TRABALHO E O NOVO DISCURSO PEDAGÓGICO DO CAPITAL. REVISTA LABOR, v. 1, p. 59, 2017.

7.

[SALES, F. J. L.](#). DA QUEDA DO MODELO DE DESENVOLVIMENTO FORDISTA À ASCENSÃO DA ACUMULAÇÃO FLEXÍVEL. REVISTA LABOR, v. 1, p. 55, 2017.

8.

[SALES, F. J. L.](#). O Perfil da Educação Rural no Maranhão na Década de 1990. Educação em Debate, v. 39, p. 106-119, 2017.

9.

[SALES, F. J. L.](#); DIAS, Ana Patrícia . PARTICULARIDADES DA CRISE BRASILEIRA E SUAS IMPLICAÇÕES SOBRE O TRABALHO NA DÉCADA DE 1990. Revista da ABET (Online), v. 11, p. 1-15, 2013.

10.

[SALES, F. J. L.](#); SALES, Ana Patrícia Dias . Particularidades da crise brasileira e suas implicações sobre o trabalho na década de 1990. Revista da ABET (Online), v. 11, p. 55-68, 2012.

11.

★ [SALES, F. J. L.](#). Desemprego, distintas modalidades de precarização do emprego e formação dos trabalhadores. Revista de Políticas Públicas, v. 12, p. 45, 2008.

12.

★ [SALES, F. J. L.](#). As noções de empregabilidade e competência no contexto da reforma da educação profissional no Brasil na década de 1990. Educação em Questão, v. 30, p. 57-85, 2007.

13.

[SALES, F. J. L.](#). A evolução da grande indústria e a qualificação da força de trabalho: do taylorismo/fordismo à indústria de process. Educação e Emancipação (UFMA), São Luís, v. 2, p. 69-86, 2003.

14.

[SALES, F. J. L.](#). Novos atributos e conhecimentos da força de trabalho e as transformações no mundo da produção: a educação básica e o novo discurso da competência. Educação e Emancipação (UFMA), São Luís, v. 1, p. 28-45, 2002.

15.

[SALES, F. J. L.](#). Novas configurações do processo de trabalho, educação e o novo perfil de qualificação dos trabalhadores. Cadernos de Pesquisa do Mestrado em Educação da UFMA. v. 1, n. 1, (jan./jul./

ago./1999). São Luís: Universidade Federal do Maranhão, Unidade de Pós-Gr, São Luís, v. v. 1, p. 105-113, 1999.

Livros publicados/organizados ou edições

1.

CARDOZO, M. J. B. P. ; SOUSA, K.C.S. ; CARVALHO, F. O. M. ; SALES, A. P. D. ; SALES, F. J. L. . Gestão e coordenação dos processos formativos em tempos de crise. 1. ed. São Luís: EDUFMA, 2020. 201p .

2.

[SALES, F. J. L.](#); FELIPE, K. F. . Educação Brasileira: perspectivase e experiências.. 1. ed. Curitiba: CRV, 2020. 306p .

3.

Antonia de Abreu Sousa (Org.) ; FEIJO, J. P. (Org.) ; SALES, F. J. L. (Org.) . CANTO DO ASSUM PRETO. 1. ed. Fortaleza: EDIÇÕES UFC, 2018. v. 500. 326p .

4.

Lopes da Silva Filho, Adauto (Org.) ; Maria Nobre Lopes, Fátima (Org.) ; José Lima Sales, Francisco (Org.) . Ontologia, trabalho e formação humana. 1. ed. Curitiba: EDITORA CRV, 2017. v. 1. 286p .

5.

SOUSA, A. A. (Org.) ; OLIVEIRA, E. G. (Org.) ; ARRAIS NETO, E. (Org.) ; SALES, F. J. L. (Org.) . AS INTERFACES DO MUNDO DO TRABALHO: educação, práxis social e formação dos trabalhadores. 1. ed. Curitiba: CRV, 2016. v. 500. 346p .

6.

[SALES, F. J. L.](#); FEIJO, J. P. ; SOUSA, T. P. . Educação Brasileira: Aportes e Tendências.. 1. ed. Curitiba: CRV, 2015. v. 500.

7.

 [SALES, F. J. L.](#). PLANFOR: Política compensatória para inclusão na informalidade. Fortaleza: Edições UFC, 2012. v. 500. 189p .

8.

COSTA, C. (Org.) ; NASCIMENTO, I. V. (Org.) ; SALES, F. J. L. (Org.)
. Avaliando os rumos da política de qualificação profissional no
Maranhão. São Luís: EDUFMA, 2006. 152p .

Capítulos de livros publicados

1.

SALES, Ana Patrícia Dias ; SALES, F. J. L. ; MORAIS, G. N. .
TRABALHO E ADOECIMENTO: O CASO DOS ENTREGADORES DE
DELIVERY. In: Andrea Pujol e Inés Gutiérrez. (Org.). INNOVACIÓN Y
TRADICIONES Psicología del trabajo y de las organizaciones en
Iberoamérica. 1ed.Cordoba/Argentina: CP Editores, 2023, v. 1, p.
259-271.

2.

[SALES, F. J. L.](#); SALES, A. P. D. . Terceirização e segregação dos
trabalhadores. In: SALES, FJL; SOUSA, Antonia de Abreu; FEIJÓ,
Jerciano Pinheiro. (Org.). CANTO DO ASSUM PRETO. 1ed.Fortaleza:
EDIÇÕES UFC, 2018, v. 1, p. 245-259.

3.

[SALES, F. J. L.](#); SALES, A. P. D. . Controvérsias no debate sobre
trabalho e educação. In: SALES, FJL; SOUSA, Antonia de Abreu;
FEIJÓ, Jerciano Pinheiro. (Org.). CANTO DO ASSUM PRETO.
1ed.Fortaleza: EDIÇÕES UFC, 2018, v. 1, p. 285-296.

4.

[SALES, F. J. L.](#); SALES, A. P. D. . Transformações no mundo do
trabalho e a percepção da importância de novos atributos e
conhecimentos da força de trabalho. In: SALES, Francisco José Lima
Sales; SALES, Ana Patricia Dias. (Org.). Ontologia, trabalho e
formação humana. 1ed.Curitiba: CRV, 2017, v. , p. 103-116.

5.

[SALES, F. J. L.](#); SALES, A. P. D. . Trabalho, juventude e qualificação
profissional: em foco o Pronatec. In: SALES, Francisco José Lima
Sales; SALES, Ana Patricia Dias. (Org.). Ontologia, trabalho e
formação humana. 1ed.Curitiba: CRV, 2017, v. , p. 157-170.

6.

✳ ARR AIS NETO, E. ; SOUSA, A. A. ; OLIVEIRA, E. G. ; ALBUQUERQUE, R. J. P. ; SALES, F. J. L. . Da nova configuração do trabalho às concepções de qualificação profissional: a tese da requalificação como novo discurso educacional do capital. In: SOUSA, Antonia de Abreu; ARR AIS NETO, Enéas; OLIVEIRA, Elenilce Gomes de; ALBUQUERQUE, Raimundo José de Paula. (Org.). O mundo do trabalho e a formação crítica. Fortaleza: Edições UFC, 2012, v. , p. 45-55.

7.

SOUSA, A. P. ; VASCONCELOS, J. G. ; SALES, F. J. L. . Política compensatória de educação profissional para os excluídos do mercado de trabalho. In: SOUSA, Antonio Paulino; VASCONCELOS, José Gerardo. (Org.). Educação, política e modernidade. Fortaleza: EDUFC, 2006, v. , p. 192-208.

8.

SALES, F. J. L.. A construção de referenciais teórico-metodológicas da prática político-pedagógica: a experiência de Caxias-MA. In: SANTOS, Flávio Marinho dos. (Org.). Educação de Jovens e Adultos. Recife: Escola de Formação da CUT no Nordeste, 2000, v. , p. 95-105.

9.

SALES, F. J. L.. Reconversão produtiva, Estado e educação: polêmicas sobre a formação/qualificação do trabalhador no capitalismo contemporâneo. In: COSTA, Cândida. (Org.). Dimensões do trabalho. Extratos da produção acadêmica na UFMA. São Luís: EDUFMA, 2000, v. , p. 51-70.

Trabalhos completos publicados em anais de congressos

1.

SALES, A. P. D. ; SALES, F. J. L. ; LIMA JUNIOR, A. C. . O TRABALHADOR PLATAFORMIZADO: entre a precarização do trabalho e o risco de vida. In: 21º CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 2023, Belém-PA. Anais Eletrônicos Grupos de Trabalho e Comitês de Pesquisa, 2023.

2.

DIAS, A. P. ; SALES, F. J. L. ; SILVA, E. A. ; DONATI, L. G. . A UBERIZAÇÃO E A SUA COMPLEXA REDE DE SUBCONTRATAÇÃO. In: XVII ENCONTRO NACIONAL DA ABET, 2021, Uberlândia-MG. Crises e horizontes do trabalho a partir da periferia, 2021.

3.

SALES, Ana Patrícia Dias ; SALES, F. J. L. . VIOLÊNCIA E VULNERABILIDADE: O COTIDIANO LABORAL DOS ENTREGADORES POR APLICATIVOS DE COMIDAS. In: Encontro Nacional de Ensino e Pesquisa do Campo de Públicas, 2021, Natal-RN (Evento Virtual). Anais do Encontro Nacional de Ensino e Pesquisa do Campo de Públicas, 2021. v. 4. p. 1-13.

4.

SALES, A. P. D. ; SALES, F. J. L. . O LUGAR DA JUVENTUDE NA DINÂMICA RECENTE DO MERCADO DE TRABALHO NO RIO GRANDE DO NORTE. In: 19º Congresso Brasileiro de Sociologia (SBS), 2019, FLORIANOPOLIS-SC. EM QUE SOCIEDADE VIVEMOS? A SOCIOLOGIA BRASILEIRA DIANTE DE NOVOS DESAFIOS NACIONAIS E GLOBAIS CONTEMPORANEOS, 2019.

5.

PINHO, TPS ; SALES, F. J. L. . Breve análise do perfil profissional do curso técnico em Segurança do Trabalho ofertado pelo Pronatec/IFCE. In: XVIII - ENCONTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA, 2018, Fortaleza. XVIII - ENCONTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA, 2018. p. 1-6.

6.

SALES, A. P. D. ; SALES, F. J. L. . A TERCEIRIZAÇÃO DA FORÇA DE TRABALHO: segregação, tensão e conflitos. In: 42º Encontro Anual da ANPOCS, 2018, Caxambu-MG. Anais do 42º Encontro Anual da Anpocs. Caxambu-MG, 2018.

7.

[SALES, F. J. L.](#); SALES, A. P. D. . A juventude e o dilema da inserção no mercado de trabalho.. In: XXXI Congresso ALAS 2017, 2017, Montevideo. XXXI Congresso ALAS 2017, 2017.

8.

DIAS, A. P. ; SALES, F. J. L. . A TERCEIRIZAÇÃO DA FORÇA DE TRABALHO, AS DESIGUALDADES E A POLARIZAÇÃO ENTRE OS TRABALHADORES. In: I SEMINARIO REGIONAL NORDESTE DA ABET, 2015, João Pessoa. Caminhos do Desenvolvimento, Trabalho e implicações Socioambientais, 2015. p. 245-252.

9.

DIAS, Ana Patricia ; SALES, F. J. L. . Mercado de trabalho e

qualificação profissional: a realidade dos jovens capacitados pelo PRONATEC. In: XIV ENCONTRO NACIONAL DA ABET, 2015, Campinas-SP. Trabalho, dinâmicas internacionais e os desafios para o Brasil. Curitiba: ABET, 2015.

10.

DIAS, A. P. ; SALES, F. J. L. . TRABALHO PRECÁRIO, DESIGUALDADE SOCIAL E DISCRIMINAÇÃO. In: XIII ENCONTRO NACIONAL DA ABET, 2013, Curitiba. TRABALHO, DESENVOLVIMENTO E SOCIEDADE NO CONTEXTO DE CRISE GLOBAL, 2013.

11.

DIAS, A. P. ; SALES, F. J. L. . Dimensão da precarização do trabalho: o adoecimento do trabalhador.. In: V CISO ? ENCONTRO NORTE E NORDESTE DE CIÊNCIAS SOCIAIS PRÉ-ALAS BRASIL, 2012, Teresina-PI. Desenvolvimento, meio ambiente e paisagem humana no Norte/Nordeste: desafios e perspectivas. Teresina-PI: UFPI/UESPI, 2012.

12.

SALES, F. J. L.; DIAS, Ana Patricia . Particularidades da crise brasileira e suas implicações sobre o trabalho na década de 1990. In: XII ENCONTRO NACIONAL DA ABET, 2011, João Pessoa-PB. CENÁRIOS DA CRISE E A ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO: PERMANÊNCIAS, MUDANÇAS E PERSPECTIVAS, 2011.

13.

DIAS, Ana Patricia ; SALES, F. J. L. . A TERCEIRIZAÇÃO DA FORÇA DE TRABALHO E RECONFIGURAÇÃO OCUPACIONAL DA CAIXA ECONÔMICA FEDERAL. In: IX COLOQUIO NACIONAL II COLOQUIO INTERNACIONAL DO MUSEU PEDAGÓGICO, 2011, Vitória da Conquista-BA. Desafios epistemológicos das Ciências na atualidade, 2011.

14.

🌟 SALES, F. J. L.. DIFERENTES ENFOQUES DA QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL E A NOVA MORFOLOGIA DO TRABALHO. In: CONFERÊNCIA INTERNACIONAL EDUCAÇÃO, GLOBALIZAÇÃO E CIDADANIA: NOVAS PERSPECTIVAS DA SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO, 2008, João Pessoa. CONFERÊNCIA INTERNACIONAL EDUCAÇÃO, GLOBALIZAÇÃO E CIDADANIA: NOVAS PERSPECTIVAS DA SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO. João Pessoa: UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA, 2008.

15.

SALES, F. J. L.. Mudanças no mundo do trabalho e o novo discurso

pedagógico do capital. In: III Jornada Internacional de Políticas Públicas, 2007, São Luís-MA. JOINP: III Jornada Internacional de Políticas Públicas: anais.. São Luís-MA: Universidade Federal do Maranhão/Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas, 2007.

16.

[SALES, F. J. L.](#). PLANFOR: Política compensatória para inclusão na informalidade?. In: XVIII ENCONTRO DE PESQUISA EDUCACIONAL DO NORTE E NORDESTE, 2007, Maceió. Política de ciência e tecnologia e formação do pesquisador em educação. Macéio-AL, 2007.

17.

[SALES, F. J. L.](#). Qualificar para o trabalho precário: o PLANFOR e a formação profissional para a informalidade. In: XI Seminário de Pesquisa do Centro de Ciências Sociais Aplicadas, 2005, Natal. Universidade, democracia e desenvolvimento sustentável. Natal: Offset/UFRN, 2005.

18.

[SALES, F. J. L.](#). Qualificação profissional e saúde: profissionalização dos trabalhadores ou legitimação da velha dicotomia da educação brasileira?. In: XVI EPENN, 2003. Educação, pesquisa e diversidade regional. Aracaju-SE, 2003.

19.

[SALES, F. J. L.](#). A construção de referenciais teórico metodológicos da prática político-pedagógica: a experiências de Caxias-MA. In: XV ENCONTRO DE PESQUISA EDUCACIONAL DO NORTE E NORDESTE, 2001, São Luís. Educação, Desenvolvimento Humano e Cidadania (CD-ROM). São Luís: Programa de Pós-Graduação em Educação/ Mestrado em Educação UFMA, 2001.

20.

[SALES, F. J. L.](#). O projeto desenvolvimentista no campo e os pífios indicadores educacionais maranhenses. In: XV ENCONTRO DE PESQUISA EDUCACIONAL DO NORTE E NORDESTE, 2001, São Luís. Educação, Desenvolvimento Humano e Cidadania (CD-ROM). São Luís: EDUFMA, 2001.

21.

[SALES, F. J. L.](#). O projeto desenvolvimentista no campo e os pífios indicadores educacionais maranhenses. In: XV EPENN, 2001, São Luís. Educação, desenvolvimento humano e cidadania. São Luís: EDUFMA, 2001.

22.

SALES, F. J. L.. Novas configurações do processo de trabalho e o papel da escola na qualificação do operário industrial: fabril: um estudo da indústria do alumínio no Maranhão. In: XV ENCONTRO DE PESQUISA EDUCACIONAL DO NORDESTE, 1999, Salvador. ENCONTRO DE PESQUISA EDUCACIONAL DO NORDESTE. Anais.Salvador: Universidade Federal da Bahia/Faculdade de Educação/Pós-Graduação em Educação, 1999.. Salvador: EDUFBA, 1999.

23.

SALES, F. J. L.. Os impactos da reestruturação produtiva no mundo do trabalho e o papel da educação básica na qualificação do trabalhador. In: XIII ENCONTRO DE PESQUISA EDUCACIONAL DO NORDESTE, 1997, Natal. ENCONTRO DE PESQUISA EDUCACIONAL DO NORDESTE. Trabalho e Educação. Natal 17 a 20 de junho de 1997, Organização Regina Lúcia Freire Oliveira; Dalcly S. Cruz - Natal: EDUFRN, 1998. 322 p.. Natal, 1997. v. 13. p. 281-287.

Resumos publicados em anais de congressos

1.

SALES, F. J. L.; DIAS, Ana Patricia . Particularidades da crise brasileira e suas implicações sobre o trabalho na década de 1990. In: XII ENCONTRO NACIONAL DA ABET, 2011, João Pessoa-PB. CENÁRIOS DA CRISE E A ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO: PERMANÊNCIAS, MUDANÇAS E PERSPECTIVAS. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2011. p. 42-42.

2.

SALES, F. J. L.. A construção de referenciais teórico-metodológicos da prática político-pedagógica: a experiência de Caxias-MA. In: XV ENCONTRO DE PESQUISA EDUCACIONAL DO NORTE E NORDESTE, 2001, São Luís. ENCONTRO DE PESQUISA EDUCACIONAL DO NORDESTE. Educação, Desenvolvimento Humano e Cidadania. Programação e Resumos.. São Luís: EDUFMA, 2001. p. 165.

3.

SALES, F. J. L.. O projeto desenvolvimentista no campo e os pífios indicadores educacionais maranhenses. In: XV ENCONTRO DE PESQUISA EDUCACIONAL DO NORTE E NORDESTE, 2001, São Luís. Educação, Desenvolvimento Humano e Cidadania. Resumos e Programação EPENN-2001. São Luís: UFMA/Mestrado em Educação, 2001. p. 165.

4.

[SALES, F. J. L.](#). Novas configurações do processo de trabalho e o papel da escola na qualificação do operário industrial fabril: um estudo da indústria do alumínio no Maranhão. In: XIV ENCONTRO DE PESQUISA EDUCACIONAL DO NORDESTE, 1999, Salvador. ENCONTRO DE PESQUISA EDUCACIONAL DO NORDESTE. Avaliação institucional. Programa e resumos. Salvador: UFBA/FACED/Quarteto Editora/Programa de Pós-Graduação, 1999. 278 p.. Salvador: UFBA/FACED/Quarteto Editora/Programa de Pós-Graduação, 1999. p. 171.

5.

[SALES, F. J. L.](#). A qualificação do operário na indústria de processo contínuo. In: II CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 1997, Belo Horizonte. CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. Consolidando um Plano Nacional de Educação. Programação, Conferências, Mesas-Redondas ... Belo Horizonte: AELAC/ANDE/ANDES-SN/ANFOPE/CNTE/DNTE-CUT/CONTEE/FASUBRA/SINASEF/UBES/UNE/UNDIME, 1997.. Belo Horizonte: CONED, 1997. p. 115.

6.

[SALES, F. J. L.](#). Os impactos da reestruturação produtiva no mundo do trabalho e o papel da educação básica na qualificação do trabalhador. In: XIII ENCONTRO DE PESQUISA EDUCACIONAL DO NORDESTE, 1997, Natal. XIII ENCONTRO DE PESQUISA EDUCACIONAL DO NORDESTE. Resumos. Natal: Programa de Pós-Graduação em Educação-UFRN, 1997. 340 p.. Natal: Programa de Pós-Graduação em Educação-UFRN, 1997. p. 197.

7.

[SALES, F. J. L.](#); [DAMIANI, C.](#) . Esporte, ideologia e dominação de classe. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 1993, Belém. Revista Brasileiro de Ciências do Esporte. Anais. São Paulo: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 1993.

[Apresentações de Trabalho](#)

1.

[DIAS, A. P.](#) ; [SALES, F. J. L.](#) . TRABALHO PRECÁRIO, DESIGUALDADE SOCIAL E DISCRIMINAÇÃO. 2013. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).

2.

[DIAS, Ana Patricia](#) ; [SALES, F. J. L.](#) . Dimensão da precarização do trabalho: o adoecimento do trabalhador.. 2012. (Apresentação de

3.

DIAS, Ana Patricia ; SALES, F. J. L. . A TERCEIRIZAÇÃO DA FORÇA DE TRABALHO E RECONFIGURAÇÃO OCUPACIONAL DA CAIXA ECONÔMICA FEDERAL. 2011. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).

4.

SALES, F. J. L.; DIAS, Ana Patricia . Particularidades da crise brasileira e suas implicações sobre o trabalho na década de 1990. 2011. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).

5.

SALES, F. J. L.. DIFERENTES ENFOQUES DA QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL E A NOVA MORFOLOGIA DO TRABALHO. 2008. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).

6.

SALES, F. J. L.. PLANFOR: Política "compensatória" para inclusão na informalidade?. 2007. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).

7.

SALES, F. J. L.. Qualificar para o trabalho precário: o PLANFOR e a formação profissional para a informalidade. 2005. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).

8.

SALES, F. J. L.. Ensaio crítico das reformas na educação brasileira: reflexões sobre educação e trabalho. 2004. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).

9.

SALES, F. J. L.. A construção de referenciais teórico-metodológicos da prática político-pedagógica: a experiência de Caxias-MA. 2001. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).

10.

[SALES, F. J. L.](#). O projeto desenvolvimentista no campo e os pífios indicadores educacionais maranhenses. 2001. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).

11.

[SALES, F. J. L.](#). Novas configurações do processo de trabalho e o papel da escola na qualificação do operário industrial fabril: um estudo da indústria do alumínio no Maranhão. 1999. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).

12.

[SALES, F. J. L.](#). A qualificação do operário na indústria de processo contínuo. 1997. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).

13.

[SALES, F. J. L.](#). Os impactos da reestruturação produtiva no mundo do trabalho e o papel da educação básica na qualificação do trabalhador: um estudo de caso da indústria do alumínio no Maranhão. 1997. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).

14.

[SALES, F. J. L.](#). Os impactos da reestruturação produtiva no mundo do trabalhador: um estudo de caso da indústria do alumínio no Maranhão. 1997. (Apresentação de Trabalho/Outra).

Outras produções bibliográficas

1.

Antonia de Abreu Sousa ; FEIJO, J. P. ; [SALES, F. J. L.](#) . CANTO DO ASSUM PRETO. Fortaleza, 2018. (Prefácio, Pós-facio/Apresentação)>.

2.

[SALES, F. J. L.](#); MARIA DE FÁTIMA NOBRE LOPES ; ADAUTO LOPES DA SILVA FILHO . Ontologia, trabalho e formação humana. Curitiba, 2017. (Prefácio, Pós-facio/Apresentação)>.

3.

CARDOZO, M. J. B. P. ; [SALES, F. J. L.](#) . VENDA DE SONHOS E COMPRA DE PESADELOS. SÃO LUÍS, 2016. (Prefácio, Pós-facio/

Apresentação)>.

4.

ARRAIS NETO, E. ; OLIVEIRA, E. G. ; SOUSA, A. A. ; SALES, F. J. L. . Educação e formação para o trabalho no Brasil. Fortaleza-CE, 2012. (Prefácio, Pós-fácio/Prefácio)>.

Produção técnica

Trabalhos técnicos

1.

[SALES, F. J. L.](#); COSTA, C. ; NASCIMENTO, I. V. . Avaliação do PLANTEC-MA 2004. 2005.

2.

[SALES, F. J. L.](#); COSTA, C. . Avaliação do PLANTEC-MA 2003. 2004.

3.

COSTA, C. ; SALES, F. J. L. . Avaliação PLANTEQ-PI 2003. 2004.

4.

[SALES, F. J. L.](#); CARDOZO, M. J. B. P. ; POLIT, R. S. C. G. ; ROSARIO, J. L. . Relatório - Biênio 1999-2000 - Secretaria Municipal de Educação de São Luís. 2001.

5.

[SALES, F. J. L.](#). Diagnóstico do Programa Bolsa Familiar para Educação. 2000.

6.

[SALES, F. J. L.](#). Curso de Qualificação de Trabalhadores Rurais - Elevação de Escolaridade - Módulo I. 2000.

7.

[SALES, F. J. L.](#). Curso de Qualificação de Trabalhadores Rurais - Elevação de Escolaridade - Módulo II. 2000.

8.

[SALES, F. J. L.](#). Curso de Qualificação de Trabalhadores Rurais - Elevação de Escolaridade - Módulo III. 2000.

9.

[SALES, F. J. L.](#). Curso de Qualificação de Trabalhadores Rurais - Elevação de Escolaridade - Módulo IV. 2000.

10.

[SALES, F. J. L.](#). Curso de Qualificação Profissional - Elevação de Escolaridade - Módulo V. 2000.

11.

[SALES, F. J. L.](#); LIMA, L. M. ; MELO, M. A. . Diagnóstico sobre as Escolas Comunitárias de São Luís. 1998.

12.

[SALES, F. J. L.](#). Relatório Técnico da I CONFERÊNCIA MUNICIPAL DE SANEAMENTO AMBIENTAL. 1997.

Demais tipos de produção técnica

1.

[SALES, F. J. L.](#). POLÍTICAS EDUCACIONAIS E INTERNACIONALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR: COMPLEXIDADE, IMPACTOS E DESAFIOS. 2016. (Parecer).

2.

[SALES, F. J. L.](#). A PROFISSÃO DOCENTE SOB A ÓTICA DO PROFESSOR. 2016. (Parecer).

3.

[SALES, F. J. L.](#). COTIDIANO ESCOLAR: TECENDO OLHARES EM TORNO DA RELAÇÃO FAMÍLIA/ESCOLA. 2016. (Parecer).

4.

[SALES, F. J. L.](#). HÁ UM NEGRO NO CAMINHO, NO MEU CAMINHO HÁ UM NEGRO. 2016. (Parecer).

5.

[SALES, F. J. L.](#). COTIDIANO ESCOLAR: TECENDO OLHARES EM TORNO DA RELAÇÃO FAMÍLIA/ESCOLA. 2016. (Parecer).

6.

[SALES, F. J. L.](#). EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO DE PROFESSORES PRIMÁRIAS (1958-1960). 2016. (Parecer).

7.

[SALES, F. J. L.](#). O PAPEL DAS ORGANIZAÇÕES FRENTE À PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO NO SÉCULO XXI. 2015. (Parecer).

8.

[SALES, F. J. L.](#). Lei 10.639/03 e currículo: educando para relações étnico raciais. 2012. (Parecer).

9.

[SALES, F. J. L.](#). Pesquisa de Avaliação dos Centros Vocacionais Tecnológicos - CVTs. 2011. (Relatório de pesquisa).

10.

[SALES, F. J. L.](#). A reforma administrativa do Estado brasileiro nos anos 1990 e a proposta de descentralização educacional. 2011. (Parecer).

11.

[SALES, F. J. L.](#). Curso de Qualificação de Trabalhadores Rurais. 2000. (Curso de curta duração ministrado/Outra).

12.

[SALES, F. J. L.](#). Treinamento de professores. 1999. (Curso de curta duração ministrado/Outra).

13.

[SALES, F. J. L.](#). Treinamento de Diretores e Técnicos de Escola. 1998. (Curso de curta duração ministrado/Outra).

14.

[SALES, F. J. L.](#). Cadernos da América Latina. 1995. (Editoração/ Periódico).

Bancas

Participação em bancas de trabalhos de conclusão

Mestrado

1.

SALES, Ana Patrícia Dias; SALES, F. J. L.; JESUS, C. R.. Participação em banca de Daniel Costa Martins. O OFÍCIO DE SAPATEIRO E SUA RESISTÊNCIA FRENTE ÀS METAMORFOSES DO MUNDO DO TRABALHO. 2022. Dissertação (Mestrado em Estudos Urbanos e Regionais) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

2.

SALES, Ana Patrícia Dias; SALES, F. J. L.; PESSOA, Z. S.. Participação em banca de PAULO CESAR DO NASCIMENTO. EMPREGADOS OU DESFILADOS? UM ESTUDO SOBRE OS EGRESSOS DO PROJETO AGENTE JOVEM E O MERCADO DE TRABALHO. 2021. Dissertação (Mestrado em Estudos Urbanos e Regionais) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

3.

DIAS, A. P.; SALES, F. J. L.; JESUS, C. R.. Participação em banca de WAGNER DE SOUSA FONSECA. O TRABALHO POR PLATAFORMA DIGITAL: O CASO DOS MOTORISTAS DA UBER. 2020. Dissertação (Mestrado em Estudos Urbanos e Regionais) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

4.

MARIA DE FÁTIMA NOBRE LOPES; ADAUTO LOPES DA SILVA FILHO; SALES, F. J. L.; ALBERTO DIAS GADANHA. Participação em banca de VÍCTOR MOITA PINHEIRO. A FACE NEGATIVA DO TRABALHO DOCENTE NO CAPITALISMO À LUZ DO PENSAMENTO DE MARX E LUKÁCS. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Ceará.

5.

MARIA DE FÁTIMA NOBRE LOPES; ADAUTO LOPES DA SILVA FILHO; ALBERTO DIAS GADANHA; SALES, F. J. L.. Participação em banca de Victor Moita Pinheiro. A face negativa do trabalho docente à luz do pensamento de Marx e Lucaks. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Ceará.

6.

SALES, F. J. L.; CARDOZO, M. J. B. P.; Antonia de Abreu Sousa.

Participação em banca de JERCIANO PINHEIRO FEIJÓ. POLITECNIA E ESCOLA UNITÁRIA: REFLEXÃO COM BASE EM PISTRÁK, GRAMSCI E SAVIANI. 2016. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira) - Universidade Federal do Ceará.

7.

SALES, F. J. L.; PINHEIRO, F. P. H. A.; SILVA, F. H.. Participação em banca de CAMILA FARIAS MARTINS DE SOUSA. REUNI: PROPOSTA DE EXPANSÃO UNIVERSITÁRIA DO GOVERNO LULA (2008-2012). 2016. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira) - Universidade Federal do Ceará.

8.

SALES, F. J. L.; Antonia de Abreu Sousa; PIRES, M. G. L.. Participação em banca de Daniele Luciano Marques. ENTRE A ESCOLA UNITÁRIA E A MERCADOLÓGICA: A TRAJETÓRIA PARA O MUNDO DO TRABALHO DOS EGRESSOS DAS EEEPs DO CEARÁ. 2015. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira) - Universidade Federal do Ceará.

9.

OLIVEIRA, E. G.; ARRAIS NETO, E.; SALES, F. J. L.. Participação em banca de Ádria Maria Neves Monteiro de Araújo. Prática docente: reflexões acerca do curso do PROEJA no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará/Campus Belém.. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Ceará.

10.

SANTOS, João Diógenes Ferreira dos; CUNHA, T. R. A.; SALES, F. J. L.. Participação em banca de Ricardo de Souza Rebouças. Infância e segurança pública: desvelando o medo que crianças de tenra idade possuem do aparato policial. 2012. Dissertação (Mestrado em Memória:Linguagem e Sociedade) - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

11.

MACHADO, Lourdes Marcelino; BRABO, Tania Suely Marcelino; ABDIAN, Graziela Zambão; SILVA, Acildo Leite; LIMA, Francisca das Chagas Silva; SALES, F. J. L.. Participação em banca de Fernanda Motta de Paula Resende. Gestão da escola pública ludovicense: democratização, forma de provimento e participação. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.

12.

SOUSA, A. A.; OLIVEIRA, E. G.; ARRAIS NETO, E.; SALES, F. J. L.. Participação em banca de ÁDRIA MARIA NEVES MONTEIRO ARAÚJO. PRÁTICA DOCENTE: REFLEXÕES ACERCA DO CURSO DO PROEJA NO INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO PARÁ/CAMPUS BELÉM. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Ceará.

13.

COSTA, C.; SALES, F. J. L.; DINIZ, J. S.; SOUSA, S. M. P. S.. Participação em banca de Marcos André Porto. A expansão das atividades informais em São Luís e a política pública de trabalho. 2007. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas) - Universidade Federal do Maranhão.

14.

DIAS, Ilzeni Silva; SILVA, P. T. N.; SILVA, Romildo dos Santos; SALES, F. J. L.. Participação em banca de Karla Cybely Silva de Sousa. EDUCAÇÃO CORPORATIVA NAS INSTITUIÇÕES BANCÁRIAS: Um estudo de caso sobre a educação corporativa no Banco Brasil. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Maranhão.

Teses de doutorado

1.

ARRAIS NETO, E.; SALES, F. J. L.; OLIVEIRA, E. G.; SOUSA, A. A.; SILVA, A. A.. Participação em banca de JERCIANO PINHEIRO FEIJO. EPT NO ENSINO MÉDIO: INSTITUTOS FEDERAIS E ESCOLA UNITÁRIA. 2022. Tese (Doutorado em PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA UFC) - Universidade Federal do Ceará.

2.

CLEMENTINO, M.L.M; FORTES, L.; SALES, Ana Patrícia Dias; LAISNER, R.C.; SALES, F. J. L.. Participação em banca de WAGNA MAQUIS CARDOSO DE MELO GONÇALVES. AS POLÍTICAS DE MERCADO DE TRABALHO PARA A JUVENTUDE NA AGENDA DE TRABALHO DECENTE DOS PAÍSES BRICS. 2019.

3.

ARRAIS NETO, E.; BRITO, L. M. P.; BEZERRA, T. S. A. M.; MENDES, R. N.; SALES, F. J. L.. Participação em banca de EMANUELLE KELLY RIBEIRO DA SILVA. NOVAS FACES DO TRABALHO ARTESANAL: AS INTERSECÇÕES DE SABERES ENTRE DESIGNERS DE MODA E ARTESÃOS NO INTERIOR DO CEARÁ. 2015. Tese (Doutorado em PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA UFC) - Universidade Federal do Ceará.

4.

SOUSA, ANTONIA ABREU DE; OLIVEIRA, E. G.; ARRAIS NETO, E.; SALES, F. J. L.. Participação em banca de RAIMUNDO JOSÉ DE PAULA ALBUQUERQUE. A EFETIVIDADE DO PROEJA NA PERSPECTIVA DO DECRETO 5840/2006. UMA ANÁLISE DA EXPERIÊNCIA DO IFCE. 2010.

Qualificações de Doutorado

1.

ARRAIS NETO, E.; SALES, F. J. L.; BRITO, L. M. P.; MENDES, F.R.N.. Participação em banca de EMANUELLE KELLY RIBEIRO DA SILVA. INTERSECCÕES DE SABERES ENTRE DESIGNERS DE MODA E ARTESÃOS NO INTERIOR DO CEARÁ. 2014. Exame de qualificação (Doutorando em PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA UFC) - Universidade Federal do Ceará.

2.

ARRAIS NETO, E.; SALES, F. J. L.; OLIVEIRA, E. G.. Participação em banca de RAIMUNDO JOSÉ DE PAULA ALBUQUERQUE. A EFETIVIDADE DO PROEJA NA PERSPECTIVA DO DECRETO 5.840/2006: UMA ANALISE DA EXPERIÊNCIA DO IFCE. 2010. Exame de qualificação (Doutorando em PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA UFC) - Universidade Federal do Ceará.

Qualificações de Mestrado

1.

SALES, Ana Patrícia Dias; SALES, F. J. L.; PESSOA, Z. S.. Participação em banca de PAULO CESAR DO NASCIMENTO. EMPREGADOS OU DESFILADOS? UM ESTUDO SOBRE OS EGRESSOS DO PROJETO AGENTE JOVEM E O MERCADO DE TRABALHO. 2021. Exame de qualificação (Mestrando em Estudos Urbanos e Regionais) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

2.

SALES, Ana Patrícia Dias; SALES, F. J. L.; MEDEIROS, S. R. F. Q.. Participação em banca de WAGNER DE SOUSA FONSECA. O Trabalho por Plataformas Digitais e o Novo "Infoproletariado".. 2019. Exame de qualificação (Mestrando em Estudos Urbanos e Regionais) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

3.

SALES, F. J. L.; Antonia de Abreu Sousa; CARDOZO, M. J. B. P.. Participação em banca de Daniele Luciano Marques. ESTUDO DA FORMAÇÃO OFERTADA PELO PROGRAMA NACIONAL DE ACESSO AO ENSINO TÉCNICO E AO EMPREGO - PRONATEC NO INSTITUTO FEDERAL DO CEARÁ. 2015. Exame de qualificação (Mestrando em Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira) - Universidade Federal do Ceará.

Trabalhos de conclusão de curso de graduação

1.

FADYLA KESSIA ROCHA DE ARAUJO ALVES; SALES, F. J. L.; MAGNUS JOSE BARROS GONZAGA. Participação em banca de Hagno Quiteliano de Souza. MERCANTILIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO: UMA ANÁLISE CRÍTICA SOBRE A CONTRATAÇÃO DOS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO BÁSICA NO MUNICÍPIO DE AFONSO BEZERRA/RN. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia (Angicos)) - Universidade Federal Rural do Semi-Árido.

2.

MAGNUS JOSE BARROS GONZAGA; SALES, F. J. L.; ARAUJO, S.. Participação em banca de LUCIANA KELLY DA SILVA ZUZA DOS SANTOS. UM ESTUDO SOBRE A DISTORÇÃO IDADE-SÉRIE EM ESCOLAS DA ZONA RURAL DO MUNICÍPIO DE ASSÚ-RN. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia (Angicos)) - Universidade Federal Rural do Semi-Árido.

3.

FADYLA KESSIA ROCHA DE ARAUJO ALVES; SALES, F. J. L.; LIMA, A. D. D. M.. Participação em banca de EVELYNN LETRONNE MELO DOS SANTOS. POLÍTICA DE VALORIZAÇÃO DOCENTE E AS CONDIÇÕES DE TRABALHO NA REDE PÚBLICA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE ANGICOS/RN. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia (Angicos)) - Universidade Federal Rural do Semi-Árido.

4.

AGUIAR, R. R.; BARRA, T. B. A.; SALES, F. J. L.. Participação em banca de ANDRÉ LUÍS SILVA DE SOUZA. O SURF COMO FERRAMENTA DE INCLUSÃO SOCIAL. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia UFC) - Universidade Federal do Ceará.

5.

SALES, F. J. L.; SOARES, C. F.; RIBEIRO, L. T. F.. Participação em banca de NAYANE SANTOS DA SILVA. A EDUCAÇÃO INCLUSIVA NA

PERSPECTIVA DE UMA GESTÃO DEMOCRÁTICA. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia UFC) - Universidade Federal do Ceará.

6.

COSTA, C.; NASCIMENTO, I. V.; SALES, F. J. L.. Participação em banca de Yeda Maria Maranhão Barros.Os Conselhos Gestores e o Controle Social: a atuação do CONSET/MA. 2008. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social) - Universidade Federal do Maranhão.

7.

SALES, F. J. L.; GOMES, W. C.; RESENDE, F. M. P.. Participação em banca de Carla Patrícia Alfredo de Oliveira.Educação fundamental de 1ª a 4ª série no município de São Luís e a política de descentralização. 2007. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Federal do Maranhão.

8.

SALES, F. J. L.; GOMES, W. C.; MACHADO, R. N. S.. Participação em banca de Cleane dos Santos Pinto.Conselho Escolar: instrumento de participação na gestão democrática. 2007. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Federal do Maranhão.

9.

SOUSA, A. P.; GONDIM, E. P.; SALES, F. J. L.. Participação em banca de SIMEI MIRANDA COSTA.OS ESPAÇOS DE ATUAÇÃO DO PEDAGOGO NA ÁREA DE GESTÃO DE PESSOAS. 2007. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Federal do Maranhão.

10.

SALES, F. J. L.; MOTTA, Diomar das Graças; SALDANHA, Lilian Maria Leda. Participação em banca de Flavianna Mendes Paiva Brito.Uma releitura de Paulo Freire no contexto neoliberal. 2003. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Federal do Maranhão.

11.

SALES, F. J. L.; COUTINHO, Adelaide Ferreira; MUNIZ, Maria da Conceição Lobato. Participação em banca de Hilce Aguiar Melo.Leiturização no espaço escolar: do processo mercadológico ao omnilateralizante. 2002. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Federal do Maranhão.

Participação em bancas de comissões julgadoras

Concurso público

1.

BONFIM, M. A. D.; AMARANTE JUNIOR, V. S.; SALES, F. J. L.. Concurso Público para Provimento de Cargo de Carreira do Magistério Superior. 2008. Universidade Federal do Maranhão.

Outras participações

1.

SILVA, C. R.; ARAUJO, S.; MAGNUS JOSE BARROS GONZAGA; SALES, F. J. L.. Comissão para revisão do Projeto Pedagógico do Curso (PPC) de Bacharelado em Ciências e Humanidades. 2023. Universidade Federal Rural do Semi-Árido.

2.

MELLO, L. T. C.; SALES, F. J. L.; NASCIMENTO, S. M.. Comissão de Elaboração do Plano Anual de Qualificação e Formação Docente (PQD 2023) do Centro Multidisciplinar de Angicos/UFERSA. 2022. Universidade Federal Rural do Semi-Árido.

3.

MELLO, L. T. C.; SALES, F. J. L.; SOUZA, A. C. S. B.. Comissão de Elaboração do Plano Anual de Qualificação e Formação Docente (PQD 2022) do Centro Multidisciplinar de Angicos/UFERSA. 2021. Universidade Federal Rural do Semi-Árido.

4.

SALES, F. J. L.; COSTA, S. S. G.; RECH, Luiz Rech. SELEÇÃO MESTRADO E DOUTORADO PPGED BRASILEIRA UFC. 2019. Universidade Federal do Ceará.

5.

CHAGAS, E. F.; RECH, Luiz Rech; SALES, F. J. L.. SELEÇÃO MESTRADO E DOUTORADO PPGED UFC. 2018. Universidade Federal do Ceará.

6.

SALES, F. J. L.; JOSEFA JACKLINE RABELO; VALDEMARIM COELHO GOMES. Gestão participativa: a participação dos pais dos alunos nos cursos técnicos na Escola Estadual Dr. João Bacelar Portela em São Luís-MA. 2016. Universidade Federal do Ceará.

7.

CHAGAS, E. F.; RECH, Luiz Rech; SALES, F. J. L.. SELEÇÃO MESTRADO E DOUTORADO PPGEd. 2016. Universidade Federal do Ceará.

8.

SALES, F. J. L.; ARRAIS NETO, E.; OLIVEIRA, E. G.. SELEÇÃO CURSOS MESTRADO E DOUTORADO PPGEd. 2016. Universidade Federal do Ceará.

9.

CHAGAS, E. F.; RECH, Luiz Rech; SALES, F. J. L.. SELEÇÃO MESTRADO E DOUTORADO PPEDB/UFC. 2015. Universidade Federal do Ceará.

10.

SOUSA, ANTONIA ABREU DE; OLIVEIRA, E. G.; SALES, F. J. L.. SELEÇÃO MESTRADO E DOUTORADO PPEDB/UFC. 2015. Universidade Federal do Ceará.

11.

AGUIAR, R. R.; ROCHA, A. R. M. E.; SALES, F. J. L.. Banca examinadora de reconhecimento de título de Mestre. 2013.

12.

SALES, F. J. L.; SANTOS, João Diógenes Ferreira dos; SOUSA, Anderson Santos. Banca examinadora de promoção na carreira docente (UESB). 2011. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

13.

SANTOS, M.; SALES, F. J. L.; GONDIM, E. P. Banca examinadora do

processo seletivo simplificado para Professor Substituto. 2007. Universidade Federal do Maranhão.

14.

SALES, F. J. L.; SOUSA, A. P.; COUTINHO, Adelaide Ferreira. Banca examinadora do processo seletivo simplificado para Professor Substituto. 2007. Universidade Federal do Maranhão.

15.

SALES, F. J. L.; DIAS, Ilzeni Silva; LIMA, Francisca das Chagas Silva. Banca examinadora do processo seletivo simplificado para Professor Substituto. 2003. Universidade Federal do Maranhão.

Eventos

Participação em eventos, congressos, exposições e feiras

1.

VI Encontro Internacional Trabalho e Perspectivas de Formação dos Tra.AS MÁQUINAS INTELIGENTES E O IMPACTO SOBRE OS EMPREGOS. 2019. (Encontro).

2.

VI Encontro Internacional Trabalho e Perspectivas de Formação dos Tra.AS MÁQUINAS INTELIGENTES E O IMPACTO SOBRE OS EMPREGOS. 2019. (Encontro).

3.

V ENCONTRO INTERNACIONAL TRABALHO E PERSPECTIVA DE FORMAÇÃO DOS TRABALHADORES.Capital e Trabalho no Brasil. 2017. (Encontro).

4.

V ENCONTRO INTERNACIONAL TRABALHO E PERSPECTIVA DE FORMAÇÃO DOS TRABALHADORES.V ENCONTRO INTERNACIONAL TRABALHO E PERSPECTIVA DE FORMAÇÃO DOS TRABALHADORES. 2017. (Encontro).

5.

V ENCONTRO INTERNACIONAL TRABALHO E PERSPECTIVAS DE FORMAÇÃO DOS TRABALHADORES.A TERCEIRIZAÇÃO DA FORÇA DE TRABALHO NO SETOR BANCÁRIO: TENSÃO, SOFRIMENTO E CONFLITO. 2017. (Encontro).

6.

XXXI CONGRESO ASOCIACIÓN LATINOAMERICANA DE SOCIOLOGIA. A juventude e o dilema da inserção no mercado de trabalho. 2017. (Congresso).

7.

IV ENCONTRO INTERNACIONAL DO LABOR.COMITÊ CIENTÍFICO. 2015. (Encontro).

8.

IV ENCONTRO INTERNACIONAL - TRABALHO E E PERSPECTIVAS DA FORMAÇÃO DOS TRABALHADORES.FORMAÇÃO PARA O TRABALHO: ELEMENTOS PARA UMA FORMAÇÃO HUMANA?. 2015. (Encontro).

9.

VII JORNADA INTERNACIONAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS.PARECERISTA. 2015. (Outra).

10.

XIV ENCONTRO NACIONAL DA ABET.MERCADO DE TRABALHO E QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL: A REALIDADE DE JOVENS CAPACITADOS PELO PRONATEC. 2015. (Encontro).

11.

I SEMINARIO REGIONAL NORDESTE DA ABET.A TERCEIRIZAÇÃO DA FORÇA DE TRABALHO, AS DESIGUALDADES E A POLARIZAÇÃO ENTRE OS TRABALHADORES. 2014. (Seminário).

12.

XIII ENCONTRO NACIONAL DA ABET.TRABALHO PRECÁRIO, DESIGUALDADE SOCIAL E DISCRIMINAÇÃO. 2013. (Encontro).

13.

XIII ENCONTRO NACIONAL DA ABET. TRABALHO PRECÁRIO, DESIGUALDADE SOCIAL E DISCRIMINAÇÃO. 2013. (Encontro).

14.

III ENCONTRO INTERNACIONAL TRABALHO E PERSPECTIVA DE FORMAÇÃO DOS TRABALHADORES. Teoria Crítica, Cultura e Educação. 2012. (Encontro).

15.

III ENCONTRO INTERNACIONAL TRABALHO E PERSPECTIVAS DE FORMAÇÃO DOS TRABALHADORES. TEORIA CRÍTICA, CULTURA E EDUCAÇÃO. 2012. (Encontro).

16.

XV CISO, Encontro Norte e Nordeste de Ciências Sociais Pré-Alas. Dimensão da precarização do trabalho: o adoecimento do trabalhador.. 2012. (Encontro).

17.

IX COLÓQUIO NACIONAL E II INTERNACIONAL DO MUSEU PEDAGÓGICO. 2011. (Outra).

18.

IX COLOQUIO NACIONAL II COLOQUIO INTERNACIONAL DO MUSEU PEDAGÓGICO. A TERCEIRIZAÇÃO DA FORÇA DE TRABALHO E RECONFIGURAÇÃO OCUPACIONAL DA CAIXA ECONÔMICA FEDERAL. 2011. (Outra).

19.

XII ENCONTRO NACIONAL DA ABET. Particularidades da crise brasileira e suas implicações sobre o trabalho na década de 1990. 2011. (Congresso).

20.

CONFERÊNCIA INTERNACIONAL EDUCAÇÃO, GLOBALIZAÇÃO E CIDADANIA: NOVAS PERSPECTIVAS DA SOCIOLOGIA DA

EDUCAÇÃO.DIFERENTES ENFOQUES DA QUALIFICAÇÃO
PROFISSIONAL E A NOVA MORFOLOGIA DO TRABALHO. 2008.
(Outra).

21.

II Foro de Ciências Sociais e Humanas.A política pública de
qualificação profissional em questão: avaliação do PLANFOR e do
PNQ. 2007. (Outra).

22.

XVIII Encontro de Pesquisa Educacional do Norte e Nordeste.GT 09 -
Trabalho e Educação. 2007. (Encontro).

23.

XVIII Encontro de Pesquisa Educacional do Norte e
Nordeste.PLANFOR: Política compensatória para inclusão na
informalidade?. 2007. (Encontro).

24.

XVIII Encontro de Pesquisa Educacional do Norte e Nordeste. 2007.
(Encontro).

25.

XVIII ENCONTRO DE PESQUISA EDUCACIONAL DO NORTE E
NORDESTE.PLANFOR: Política "compensatória" para inclusão na
informalidade?. 2007. (Encontro).

26.

UNIVERSIDADE, DEMOCRACIA E DESENVOLVIMENTO
SUSTENTÁVEL.XI SEMINARIO DE PESQUISA DO CCSA. 2005.
(Seminário).

27.

EDUCAÇÃO, DEMOCRACIA E QUALIDADE SOCIAL: EDUCAÇÃO
PÚBLICA, GRATUITA E DE QUALIDADE É DIREITO DE TODOS E
DEVER DO ESTADO. 2004. (Congresso).

28.

XII SEMANA DE HUMANIDADES.XII SEMANA DE HUMANIDADES.
2004. (Seminário).

29.

Brasil, Nordeste: Mudança & Conservação. 2003. (Simpósio).

30.

XVI EPENN.XVI ENCONTRO DE PESQUISA EDUCACIONAL DO NORTE E NORDESTE. 2003. (Encontro).

31.

I FORO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS DA UFMA. 2002. (Outra).

32.

XV EPENN.XV ENCONTRO DE PESQUISA EDUCACIONAL DO NORTE E NORDESTE. 2001. (Encontro).

33.

XIV EPEN.XIV ENCONTRO DE PESQUISA EDUCACIONAL DO NORDESTE. 1999. (Encontro).

Organização de eventos, congressos, exposições e feiras

1.

[SALES, F. J. L.](#); ARRAIS NETO, E. ; OLIVEIRA, E. G. ; FEIJO, J. P. .
VI ENCONTRO NTERNACIONAL TRABALHO E PERSPECTIVAS DE
FORMAÇÃO DOS TRABALHADORES. 2019. (Outro).

2.

[SALES, F. J. L.](#); ARRAIS NETO, E. ; SOUSA, ANTONIA ABREU DE ;
OLIVEIRA, E. G. . V ENCONTRO NTERNACIONAL TRABALHO E
PERSPECTIVAS DE FORMAÇÃO DOS TRABALHADORES. 2017.
(Outro).

3.

MARIA DE FÁTIMA NOBRE LOPES ; ARRAIS NETO, E. ; OLIVEIRA, E. G. ; SOUSA, ANTONIA ABREU DE ; ADAUTO LOPES DA SILVA FILHO ; SALES, F. J. L. . IV ENCONTRO INTERNACIONAL TRABALHO E FORMAÇÃO DOS TRABALHADORES. 2015. (Outro).

4.

[SALES, F. J. L.](#). Curso de Capacitação em Gestão Escolar para Diretores e Técnicos de Escolas. 1998. (Outro).

Orientações

Orientações e supervisões em andamento

Tese de doutorado

1.

RICHELLY BARBOSA DE MEDEIROS. Crise do neodesenvolvimentismo, aprofundamento neoliberal e impactos sobre a educação superior (balanço de 2014 a 2022). Início: 2019. Tese (Doutorado em PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA UFC) - Universidade Federal do Ceará. (Orientador).

2.

 KELMA DE FREITAS FELIPE. Educação e mundo do trabalho: uma análise sobre a educação profissional e tecnológica ofertada às pessoas com deficiência no IFCE. Início: 2019. Tese (Doutorado em PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA UFC) - Universidade Federal do Ceará. (Orientador).

3.

FRANCISCO JOSE AGUIAR COSTA JUNIOR. Da subsunção formal à subsunção real do trabalho ao capital: o processo de (des)qualificação da força de trabalho das oficinas mecânicas em Fortaleza e seus impactos no processo de educação-preparação do trabalhador mecânico. Início: 2017. Tese (Doutorado em Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira) - Universidade Federal do Cariri. (Orientador).

Orientações e supervisões concluídas

Dissertação de mestrado

1.

Tássia Pinheiro de Sousa Pinho. O Pronatec no Instituto Federal do Ceará-IFCE campus Fortaleza: investigando a qualificação profissional ofertada aos estudantes. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Ceará, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Orientador: Francisco José Lima Sales.

2.

CAMILA FARIAS MARTINS DE SOUSA. REUNI (2008-2012): PROPOSTA DE EXPANSÃO UNIVERSITÁRIA DO GOVERNO LULA E A DEMOCRATIZAÇÃO DO ACESSO EM QUESTÃO. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Ceará, . Orientador: Francisco José Lima Sales.

3.

 JERCIANO PINHEIRO FEIJÓ. ESCOLA UNITÁRIA E POLITÉCNICA: REFLEXÃO COM BASE EM PISTRÁK, GRAMSCI E SAVIANI. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Ceará, . Orientador: Francisco José Lima Sales.

4.

 JERCIANO PINHEIRO FEIJÓ. POLITECNIA E ESCOLA UNITÁRIA: REFLEXÃO COM BASE EM PISTRÁK, GRAMSCI E SAVIANI. 2014. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira) - Universidade Federal do Ceará, . Orientador: Francisco José Lima Sales.

5.

 TÁSSIA PINHEIRO DE SOUSA. ANÁLISE DO PRONATEC NO INSTITUTO FEDERAL DO CEARÁ. 2014. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira) - Universidade Federal do Ceará, . Orientador: Francisco José Lima Sales.

6.

 PATRICIA FERNANDES DE FREITAS. FORMAÇÃO DE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO INTEGRADO: AS INTERFACES DA QUALIFICAÇÃO E DA(S) COMPETÊNCIA(S). 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Ceará, . Orientador: Francisco José Lima Sales.

7.

 ANA HÉRICA BRASIL FIGUEIREDO. VALORIZAÇÃO DO MAGISTÉRIO OU PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO DOCENTE. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Ceará, . Orientador: Francisco José Lima Sales.

8.

 CAMILA FARIAS MARTINS DE SOUSA. REUNI: PROPOSTA DE EXPANSÃO UNIVERSITÁRIA DO GOVERNO LULA (2008-2012). 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Ceará, . Orientador: Francisco José Lima Sales.

9.

Fernanda Cristina Correa Lima Coimbra. Alunos com deficiência na Educação Profissional: um estudo sobre Política de Educação Inclusiva no campus Belém do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará ? IFPA. 2010. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira) - Universidade Federal do Ceará, . Orientador: Francisco José Lima Sales.

10.

Antoinette Francês Brito. A precarização do trabalhador docente da educação profissional no IFPA posteriormente às modificações do Estado e do novo projeto societário no Brasil das duas últimas décadas. 2010. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira) - Universidade Federal do Ceará, . Orientador: Francisco José Lima Sales.

11.

LEONARDO JOSÉ PINHO COIMBRA. NEOLIBERALISMO, PÓS-MODERNIDADE E EDUCAÇÃO: ANÁLISE CRÍTICA DA PROPOSTA PEDAGÓGICA DA FUNDAÇÃO BRADESCO. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Maranhão, . Coorientador: Francisco José Lima Sales.

Trabalho de conclusão de curso de graduação

1.

Midia Maeli Pereira da Cunha. PEDAGOGIA EM ESPAÇOS NÃO-ESCOLARES: A ATUAÇÃO DO PEDAGOGO NA EMPRESA. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Pedagogia (Angicos)) - Universidade Federal Rural do Semi-Árido. Orientador: Francisco José Lima Sales.

2.

Krishnamartha Vidigal Ribeiro. O financiamento da educação básica no Brasil e o papel do Programa Dinheiro Direto na Escola. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Pedagogia) - Universidade Federal do Ceará. Orientador: Francisco José Lima Sales.

3.

NAYANE SANTOS DA SILVA. A EDUCAÇÃO INCLUSIVA NA PERSPECTIVA DE UMA GESTÃO DEMOCRÁTICA. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Pedagogia) - Universidade Federal do Ceará. Orientador: Francisco José Lima Sales.

4.

Elaine Peixoto Braga. As contribuições do pedagogo na escola de educação profissional em Maracanaú. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Pedagogia) - Universidade Federal do Ceará. Orientador: Francisco José Lima Sales.

Iniciação científica

1.

Rosinete Lima Setubal. A integração entre a educação básica e a educação profissional. 2008. Iniciação Científica. (Graduando em Pedagogia) - Universidade Federal do Maranhão. Orientador: Francisco José Lima Sales.

Educação e Popularização de C & T

Livros e capítulos

1.

Lopes da Silva Filho, Adauto (Org.) ; Maria Nobre Lopes, Fátima (Org.) ; José Lima Sales, Francisco (Org.) . Ontologia, trabalho e formação humana. 1. ed. Curitiba: EDITORA CRV, 2017. v. 1. 286p .

Página gerada pelo Sistema Currículo Lattes em 19/02/2025 às 13:36:46

Somente os dados identificados como públicos pelo autor são apresentados na consulta do seu Currículo Lattes.

[Configuração de privacidade na Plataforma Lattes](#)